



Ilustração Brasileira

ANO XXIV - NUMERO 134 - JUNHO, 1946 - PERÇO CR \$ 5,00

Ilustração Brasileira

Mensario editado pela Sociedade Anonima "O MALHO"

DIRETORES:

Oswaldo de Souza e Silva

Antonio A. de Souza e Silva

Grande prêmio na exposição do Centenario, em 1922 — Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 — Diploma de honra da Feira Internacional de Nova York em 1940 — Orgão Oficial da Exposição do Centenario de 1922 e do Centenario da Pacificação dos Movimentos Politicos de 1842.

Redação e administração: Rua Senador Dantas, 15-5.º Andar

Telefones: 22-9675 — 22-0466 — 22-0745

Caixa Postal 880 — End. teleg.: "O MALHO" — Rio

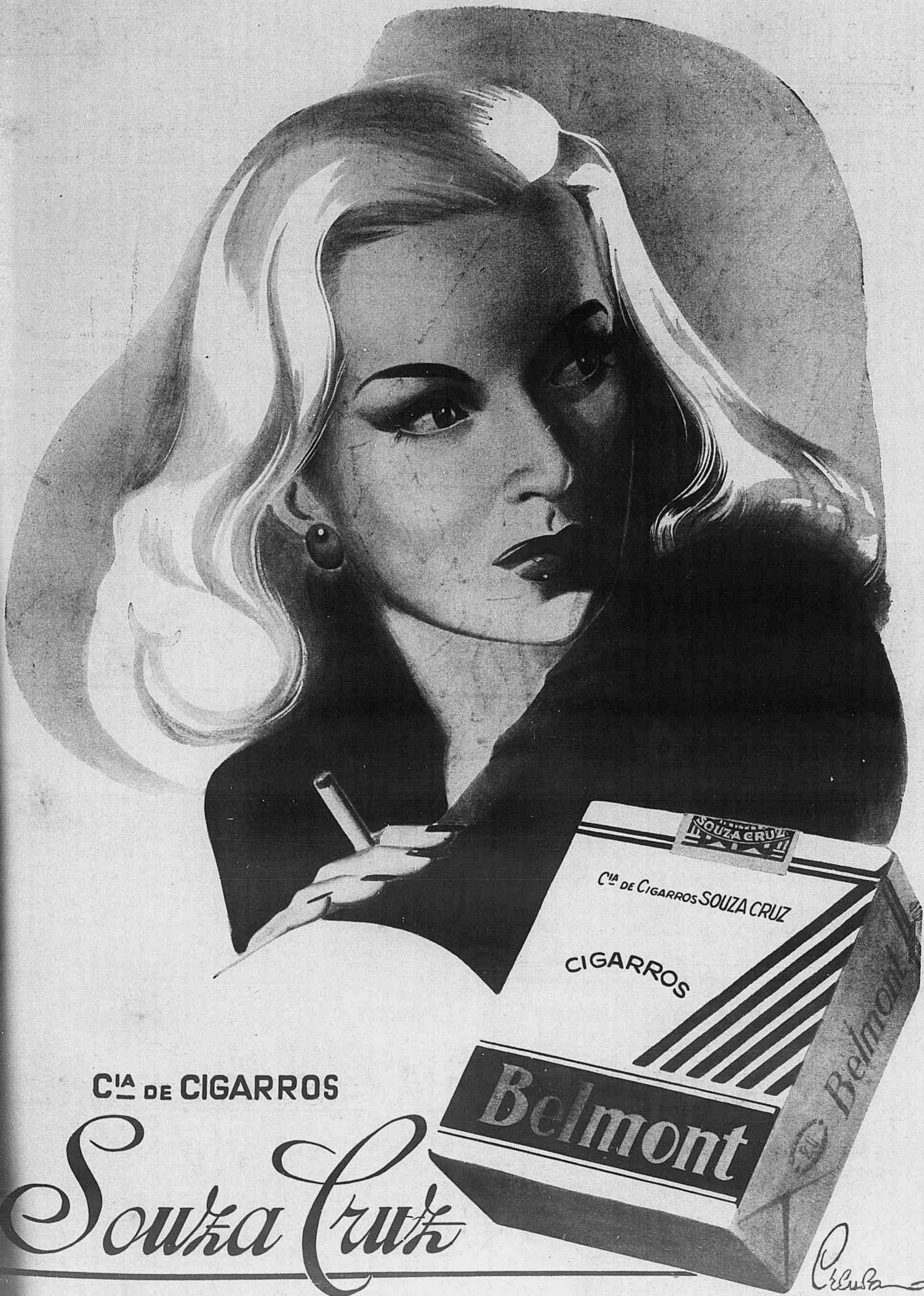
PREÇO DAS ASSINATURAS

(REMESSA SOB REGISTRO POSTAL)

Brasil, países da América e Espanha:		Demais países:	
12 meses	Cr. \$60.00	Cr. \$70.00
6 meses	Cr. \$30.00	Cr. \$35.00

NÚMERO AVULSO CR. \$5.00 — ATRAZADO CR. \$6.00





CIA DE CIGARROS

Souza Cruz

Alubano

Banco do Distrito Federal S. A.

CAPITAL CR \$ 60.000.000,00
RESERVAS CR \$ 15.000.000,00

ENDEREÇO TELEGRÁFO: BANDIRAL

Séde: RUA DA ASSEMBLÉIA, 72/74
RIO DE JANEIRO

SUCURSAIS

BELO HORIZONTE
FLORIANOPOLIS
PORTO ALEGRE
SÃO PAULO
SALVADOR — (Bahia)
VITORIA — (E. Santo).

AGÊNCIAS

ESTADO DA BAHIA	ESTADO DE SÃO PAULO
SALVADOR (Agência Urbana)	LAPA
ILHÉUS	MOÓCA
ITABUNA	PAULA SOUZA } CAPITAL
JEQUIÉ	PENHA } Agências Urbanas
	SANT'ANA
	OURINHOS
EST. DE MINAS GERAIS	
ANDRELÂNDIA	SANTO AMARO
CARMO DO RIO CLARO	SANTO ANDRÉ
DIAMANTINA	SANTOS
ELÓI MENDES	
JUIZ DE FÓRA	ESTADO DO ESP. SANTO
LAVRAS	CACHOEIRA DO ITAPE-
OLIVEIRA	MIRIM
VARGINHA	COLATINA

ESCRITÓRIOS

Caeté, Divinópolis e Sto. Antônio do Amparo, no Estado de Minas Gerais.

CORRESPONDENTES EM TODAS AS PRAÇAS DO PAÍS.

Agencia Brasileira de Patentes e Marcas, Limitada

EDMUNDO DA COSTA MOURA

Agente oficial da Propriedade Industrial

Encarrega-se de obter concessão de Patentes de Invenção, Registro de Marcas de Fábrica ou de Comércio, Títulos de Estabelecimentos, Nome Comercial aprovação para expôr à venda produtos químicos e farmacêuticos e quaisquer assuntos referentes à Propriedade Industrial, no Brasil e no estrangeiro.

RUA 1.º DE MARÇO, 7 — 5.º, Sala 507 — Tel. 43-2569

Caixa Postal, 507 — Rio de Janeiro

Curiosidades do BRASIL

A CONQUISTA DO BRASIL CONTADA EM VERSOS

FÉLIX Lope de Vega, cognominado a "Fênix da idéia", nasceu em Madrid, em 1562, e naquela capital morreu, em 1635. Assombra-nos a quantidade de suas produções. 1.800 peças teatrais e 400 cantos. Seu nome imorredouro cintila em todos os céus qual astro de primeira magnitude. Relembramo-lo neste momento, porque somente um dia dêste chegou a nosso conhecimento que êle compôs um drama em que o Brasil, personalizado numa índia, atua como protagonista. A peça, denominada "El Brasil restituído", é dividida em três jornadas e foi editada, a 23 de outubro de 1625, na capital espanhola.

O escritor Ricardo Jorge, em seu livro "Brasil! Brasil!", publicado em Lisboa, em 1930, faz referência ao drama do épico castelhano, e promete publicá-lo com comentários e ilustrações.

"A peça — escreve Ricardo Jorge — encerra minúcias de ordem militar e política de interesse, sacadas certamente dos relatos oficiais e das notícias circulantes. Lope de Vega, no entrecho, apropria a inclinação atribuída aos judeus em favor dos flamengos, em cujo seio tinham encontrado guarida contra a intolerância ibérica".

"O Brasil memora a sua formação em estâncias altissonantes, e entoa as louvanças de Portugal nas letras e nas armas:

Que gallardos, que valientes
Muestran en esta ocasión
Los Portugueses, que son
Dignos de laureles sus frentes.

Y basta ser portugués
Para que sepas quien soy.

"E afronta os inimigos com arrojo e fé:

Hija del mismo dragón,

Mal conoces que me alienta
La verdad y la razón.
Catolica religión
Profeso, por cuya gloria
Espero tener victoria,
Que imprima con letras de oro,
En jaspe, el triunfo, este coro
Sacro en inmortal historia".

A IGREJA DE S. JORGE

A primeira igreja dedicada ao santo cavaleiro foi construída, em 1800, na antiga Rua de S. Jorge, nesta capital, em terreno pertencente a Pedro Coelho da Silva, que dêle fez doação, a 26 de agosto de 1753, à Irmandade. Como o templo estivesse a ruir, seus zeladores obtiveram, em 1854, da Irmandade de S. Gonçado Garcia que o culto a S. Jorge viesse a ser praticado, desde então, na Igreja de S. Gonçalo Garcia, à Praça da República.

São incontáveis os presentes valiosos que os Católicos de nossa Capital têm ofertado a S. Jorge, em recordação de graças alcançadas.

Há uma dádiva que merece referência, dado o seu valor artistico. E' o "Missal d'Estevam Gonçalves Netto", finíssimo lavor da indústria francesa do século passado. Ignora-se até hoje o nome do ofertante. Talvez êste tivesse feito a doação sob a condição de não revelarem seu nome.

JOINVILLE

As terras, onde se levanta, hoje, o florescente Município catarinense faziam parte do patrimônio do príncipe de Joinville, da Casa de Orleans, genro de D. Pedro I e de D. Leopoldina. Ali em 1851, se fundara uma Colônia, a que se dera o nome de D. Francisca, em homenagem à filha dos nossos imperadores. No ano 1852, a localidade recebeu a denominação que ainda tem. Antes de assim se chamar, Joinville possuía 4 fábricas: 1 de cerâmica, 1 de vinagre, 1 de cigarros e 1 olaria; e cinco estabelecimentos comerciais: 2 padarias, 1 açougue, 1 ferraria e 1 farmácia.

No primeiro lustro após a sua fundação, contava 1.423 habitantes; em 1871, transformada em vila, 6.452 almas. O coeficiente de estrangeiros era superior ao de nacionais, representado por 2.367 individuos. Por Lei, datada de 3 de maio de 1877, Joinville foi elevada à categoria de cidade. No primeiro decênio de nosso século, a antiga colônia tinha uma população de 20.000 habitantes e possuía 320 casas comerciais.

Em 1926, eram incontáveis os estabelecimentos de comércio. A primeira Lei Orgânica do Município foi promulgada a 18 de junho de 1895, e o primeiro Código de Posturas da Câmara Municipal data de 15 de maio de 1872.

O "ATHENEU" DE NATAL

DESIGNA-SE por dito nome um dos mais conceituados educandários do Estado do R. G. do Norte. Inaugurou-o, a 2 de dezembro de 1836, o Presidente Basílio Quaresma Torreão. Funcionou primeiramente nas dependências do Quartel do Exército. A entrada do "Atheneu", deparava-se-nos a seguinte inscrição, rimada:

"De gueirreiros assento foi outrora,
Hoje d'aquillo que Minerva adora".

Em 1847, foi lançada, pelo Presidente Frederico Augusto Pamplona, a pedra fundamental do edifício atual, na Cidade Alta. O "Atheneu" foi destinado à preparação de bacharéis em Ciências e Letras e ao ensino gratuito das matérias exigidas nos cursos superiores: Algebra, Geometria, Trigonometria, História Geral, História do Brasil, Lógica, Literatura, Física e Química, História Natural, Desenho, Mecânica, Astronomia e Linguas (português, francês, inglês, alemão, latim e grego).

Foi reorganizado em 1905, ficando equiparado ao Ginásio Nacional da nossa capital.

Ao ser criado o Conselho de Instrução do Estado, o Diretor do "Atheneu" foi um dos professores selecionados para o integram.

Entre outros estabelecimentos de ensino que usufruem simpatia geral, em Natal, contam-se o Grupo Escolar "Augusto Severo", o primeiro a ser fundado, criado por Decreto de 5 de março de 1908, e a Escola Normal, instituída por Decreto de 29 de Abril do mesmo ano.

REHAVENDO O TEMPO PERDIDO...

MARTIM Francisco vai a uma pequena agência de correio para registrar uma carta. A encarregada mocinha, conversa com um rapaz. Troca de galanteios. Martim ouve e espera. Os minutos passam. Bate quatro horas. O moço despede-se. Martim aproxima-se.

— Passou a hora de registrar, avisa a moça.

Insistência de Martim Francisco. Recusa da menina.

— E sêlos ainda é tempo de vender?

-- Pois não...

O grande Andrada inicia um pedido: 200 sêlos de 10 réis, 1000 de 20 réis, 1.400 de 50 réis, 820 de 100 réis, 1.700 de 200 réis, uma quantidade enorme de sêlos que a moça pacientemente vai contando e separando.

— Em quanto fica, senhorita?

Ela verifica. Soma. Erra. Corrige.

— Tanto. E diz a soma obtida.

E Martim, amavel e macio de voz:

— Pode guardá-los agora. Esta foi a única maneira de reaver o tempo que perdi.

OS PRIMEIROS EXPLORADORES DO BRASIL

HÁ duvidas profundas sobre as primeiras expedições exploradoras do Brasil, uma em 1501 e a outra em 1503. Dizem uns radoras do Brasil. As duas primeiras esquadrihas saíram que fôra chefe de ambas o piloto florentino Americo Vespuccio, que deixara o serviço da Espanha. Entendem outros, e parece mais provavel, que o chefe da expedição de 1501 fosse Gonçalo Coelho, o da expedição de 1503 Christovão Jacques, vindo em uma e outra Americo Vespuccio como piloto que era.

A expedição de 1501 encontrou-se em Maio ou Junho desse ano, junto ao Cabo Verde, no porto de Besenegue, com Pedro Alvares Cabral, que voltava das Índias. Seguiu depois até avistar-se terra perto do Cabo São Roque, descoberto no dia 16 de Agosto de 1501.

E explorando a costa, foi dando aos logares que chegava os nomes dos santos ou das festividades do dia da chegada. Assim, o Cabo São Agostinho, o Rio São Francisco, o Cabo de São Thomé, ainda em 1501, o Rio de Janeiro, Angra dos Reis, São Sebastião e São Vicente, em 1502.



Tosses?
PULMONAL
é Fantastico...



Quando se aproxima a velhice

• Quando a velhice se aproxima, começam os órgãos a se ressentir de uma certa usura e a tornar-se deficientes as suas funções. Para alguns desses órgãos tem a Ciência meios de conservar-lhes perfeito o funcionamento. Os rins, por exemplo, mantêm-se livres dos males da velhice, se se tem o cuidado de trazê-los sempre limpos usando, periodicamente, os comprimidos de **HELMITOL** de Bayer.



SE OS RINS VÃO BEM
A SAÚDE É BOA



HELMITOL
LIMPA E DESINFETA OS RINS



UMA publicação feita exclusivamente com o objetivo de agradar às mulheres, que devem estar em dia com as novidades do seu tempo. Essa obra interessantissima sabe tirar o melhor partido das ilustrações, utilizando gravuras sugestivas para fixar cada um dos assuntos de que trata. Esperado ansiosamente cada novo volume que aparece, não há nenhum exagêro em afirmar-se que o "ANUÁRIO DAS SENHORAS" ultrapassou a todas as expectativas. E' preciso frizar que não se trata de um almanaque nem de uma revista: é uma publicação "sui generis", viva atraente, artisticamente impressa, inédita em todas as suas páginas, moderna, desde a Capa até a última das suas páginas. Preço Cr\$ 12,000. Pedidos tambem pelo Reembolso-Postal à S. A. O MALHO, Rua Senador Dantas, 15, .º andar — RIO.

EXIJAM SEMPRE
THERMOMETROS PARA FEBRE
"CASELLA LONDON"
HORS CONCOURS

ONDAS MÚSICAIS
apresentam hoje

Estelinha Epstein



Programa n.º 361 e aplaudida pianista para os seguintes números:

VALDI: Concerto para órgão:
a) Maestoso - b) Largo - c) Fugale

UPPI: Sonata.

BIN: Prelúdio; Poema; Estudo.

NE: Serenata humorística.

SWITCH: Estudo.

Programa completado com as seguintes peças:

YSKI: 1.º movimento da Sonata n.º 1 em sol maior (Sikowski).

IEP: "Amor das Três Laranjas" (Tchaikovsky).

S EMISSORAS: "Vozes do Brasil" Nacional, Cruzeiro do Sul, Meub, e, Rádio Guanabara.

Organizador: J. W. Campos
Locutor: Celso Guimarães

COMO UM ENVIADO DO

ONDAS MUSIC
apresentam hoje



No primeiro concerto da série do bi-artístico entre a Inglaterra e o Brasil, o compositor Stanley Bate executará o programa n.º 352, as seguintes peças, com a colaboração de Myrtle Bate:

SONATINA n.º 7, para piano: a) c.) b) Pastoral (Andante) c) Tarantelle - Scherzando b) Andante.

SUITE, para piano: a) Præludium (Moderato) b) Hymn (Andante) c) Allegro vivace d) Serenata (Moderato) e) Interludium (Moderato) f) Interludium.

Números em gravoção com

★ *Stanley Bate*

Elo Espiritual entre os Povos!

Divulgar através de grandes intérpretes nacionais e estrangeiros as obras de consagrados mestres • Apresentar os **nossos valores novos.** • Levar à sensibilidade do público, os trechos mais sublimes da música clássica. • Tornar conhecidas as páginas mais expressivas do *folk-lore* internacional. • Estreitar ainda mais, pelo milagre dos sons, a amizade entre os povos. • Tal tem sido a missão de ONDAS MÚSICAIS desde o primeiro dia em que veio ao ar — há seis anos — até hoje! • Dentre as maiores realizações de ONDAS MÚSICAIS em 1945, conta-se o intercâmbio cultural entre a Inglaterra, Canadá e Brasil com a apresentação ao nosso público ouvinte do compositor e pianista inglês *Stanley Bate* e do conjunto vocal canadense — o *Quarteto Alouette* • Na apresentação de valores novos do meio artístico nacional, figuraram as pianistas *Anna Stella Schic*, *Ivy Improta*, *Estelinha Epstein* e o pianista *Oriano de Almeida* • Prossequindo nesse caminho sob o estímulo dos aplausos com que o público ouvinte tem recompensado tôdas as suas iniciativas, ONDAS MÚSICAIS com cerca de 400 irradiações, em programas que se destacam pela sua rigorosa seleção, espera continuar com a sua missão artística de intercâmbio cultural entre os povos e constante divulgação dos valores novos.

★ ★ ★

55 minutos de boa música, através de uma cadeia das melhores emissoras do Rio, tôdas as 3as. feiras, das 13 às 14 horas.

Oferta da

Companhia de
Carris, Luz e Força
do Rio de Janeiro Ltda.

do Canadá
hoje

ONDAS MÚSICAIS

o Canadá e o Brasil e renomado conjunto de seu país para os amigos dos trópicos.

di Pilez, ô mon navire, Gagner-Gagner - Sur la route de Berthier, O'Brien-O'Brien (ABALHO) - a) Vive les matelots (Mars) - b) O'Brien-O'Brien - c) Le fils du Roi (trabalho) - d) O'Brien-Gautier - e) Dans les Haubans blancs (Bodas) - f) O'Brien-Gautier - g) J'ai dansé (J'ai tant sauté (dança)) - h) J'ai dansé (J'ai tant sauté (dança)) - i) J'ai dansé (J'ai tant sauté (dança)) - j) J'ai dansé (J'ai tant sauté (dança)) - k) J'ai dansé (J'ai tant sauté (dança)) - l) J'ai dansé (J'ai tant sauté (dança)) - m) J'ai dansé (J'ai tant sauté (dança)) - n) J'ai dansé (J'ai tant sauté (dança)) - o) J'ai dansé (J'ai tant sauté (dança)) - p) J'ai dansé (J'ai tant sauté (dança)) - q) J'ai dansé (J'ai tant sauté (dança)) - r) J'ai dansé (J'ai tant sauté (dança)) - s) J'ai dansé (J'ai tant sauté (dança)) - t) J'ai dansé (J'ai tant sauté (dança)) - u) J'ai dansé (J'ai tant sauté (dança)) - v) J'ai dansé (J'ai tant sauté (dança)) - w) J'ai dansé (J'ai tant sauté (dança)) - x) J'ai dansé (J'ai tant sauté (dança)) - y) J'ai dansé (J'ai tant sauté (dança)) - z) J'ai dansé (J'ai tant sauté (dança))

AS EMISSORAS: Rádio Nacional, Rádio Cruzeiro do Sul, Rádio Meub, Rádio Guanabara.

Locutor: Celso Guimarães



ONDAS MÚSICAIS
apresentam



Anna Stella Schic



JUNHO

O precursor, o doutor, o zelador... Celebram-se, êste mês, três dos maiores santos do Cristianismo. O primeiro foi João, o Batista, primo do Senhor aquêle que a tradição, do Evangelho de São Lucas, diz que estremeceu, no seio materno, quando, da Visitação, Maria foi ver Isabel. João é considerado o limite do judaísmo, a lei velha, com a nova lei ou o Cristianismo. Podera, a seu respeito, repetir-se o verso de ouro do poeta:

C'est la nuit qu'il est beau de cro're à l'aurore!

Por não duvidar disso, um instante, foi João o primeiro profeta e seria o primeiro apóstolo, se o pecado, por êle inflexivelmente condenado, não o tivesse morto. Se no moral foi humilde, penitente, inerme, criou, no objectivo, o rito, sem o qual não ha fé, nem religião: o batismo, a penitência, o jejum, isto é a purificação.

O povo, que o amava e o seguia, atribuiu-lhe o nascimento do milagre, antecipação, até nisso, de Jesus, e a fogueira, ateadada no cimo da colina para anúncio aos primos que esperavam por Jesus, todas as fogueiras que, daí por diante, se acendem pelo São João. O folclore se explica, inventando. A um tabareu que, em noite de 23 de Junho, se desguelava, aos gritos: "acorda, João!" perguntado porque o fazia, tal apêlo, respondeu-me: "nascendo, acordou! "Acordou, para a vida terrena. Morreria, para a immortalidade. São João o precursor, é a aurora de Cristo, nascendo para a humanidade.

O doutor é a 13 de Junho, é Santo Antonio, nosso santo o primeiro dos portugueses e brasileiros. Foi o segundo dos Franciscanos, estando para o Padre Seráfico, verônica do Senhor, como o Batista para Jesus.

Foi a "arca do Testamento, pelo saber, foi o "martelo da heresia", pela conversão dos heréticos. Teve fama militar, a que o povo mais considera, e tem fama de achar o perdido, a que o povo mais preza, além da somenos, de concertar e consertar os casaes, dispares ou malvindos. Nenhum santo é maior do que êle na Povença; em Pádua, ainda hoje, é o santo único, é "il santo". Portanto, Santo Antonio é o maior dos nossos, pois que o mais venerado, pelos estrangeiros:

**Por constelação ou clima
Esta gente portuguesa
O pouco estrangeiro estima
O muito dos seus despreza...**

Santo Antonio acabará por ser também estimado, entre os seus...

O terceiro é o zelador. Se o Batista tem a sua valva de concha para a água lustral, Santo Antonio tem o seu livro tonante para a doutrinação, São Pedro tem as chaves das portas, do céu e do inferno: intendente supremo da Igreja de Deus e dos seus fieis e infieis. Foi escolhido pela idade, simplicidade, bom senso, para porteiro dos destinos. Pedra fundamental, edificada sobre êste canto ou cantaria, seria o zelador dessa Igreja, o templo do Senhor. Se o precursor é dos jovens e de todos os sexos; o doutor é dos casaes a reunir e acertar, o zelador vai até o fim, santo dos viuvos e viuvos, os que têm a vida já por pouco no mundo, aproximados já do outro mundo, do qual só êle tem as chaves, Festa a 29 de Junho. Fazem, taes grandes santos, milagres sem conta, todos os dias. Um dêles, está aqui. É o de permitir-me, e aos meus leitores, graças a êles, esquecermo-nos, um instante, da hora triste que passa, sem paz, sem pão, sem tranquilidade, sobrevivendo à guerra, à fome, às apreensões, falando dêles, para não pensarmos em nós... Quem sabe se, à invocação, não ocorrerá o milagre? Porquê, só o milagre, nos acudirá...

A FRANIO PEIXOTO
DA ACADEMIA BRASILEIRA



N. S. da Esperança, da Igreja de Triana, em Sevilha



N. S. das Angustias, dos Ciganos



Nossa Senhora da Caridade

Nossa Senhora da Amargura



Humanização da ARTE Religiosa

NA ESPANHA

Reportagem de

OSVALDO ORICO
(DA ACADEMIA BRASILEIRA)

○ que caracteriza a arte religiosa na Espanha é a sua intenção humana. As imagens perdem aquela fisionomia neutra, parada, silenciosa, e adquirem uma expressão viva, angustiosa, dinâmica. Contemplando-se certas pinturas e esculturas distribuídas pelas diferentes igrejas e pelos variados museus da Espanha verifica-se a adaptação da tábua, da pedra, do mármore, do bronze e da madeira ao humanismo católico do pincel e da talha. Os cenários e imagens deixam de ser inorgânicos e geométricos para ganhar cores e formas vivas. Os troncos de árvores que se abatem para esculpir os santos da tradição espanhola convertem-se em carne sofridora ao sopro da inspiração que esculpe os traços realistas da dor humana. Os grandes mestres espanhóis transmitiram aos operários e artistas anônimos esse legado, ensinando-lhes a imprimir uma alma ao sandalo e ao cedro, a transformar



Nossa Senhora do Patrocinio

as fibras da madeira em veias e nervos, a mover policromicamente os mantos e vestidos das imagens, dando a impressão que o ar os sacode, a projetar-lhes na fisionomia uma luz, como se estivessem tocadas de sol. A artesanaria aprendeu o segredo de plasmar no couro e no tronco túnicas de Dolorosas e Christos dessangrados, que recordam a pintura dramática de El Greco. Sente-se nelas o monólogo da imagem, a intenção votiva do drama. A pompa contagiosa todas as modalidades da artesanaria, equiparando o esforço e o engenho coletivo à graça e criação individual.

O que se observa nas telas e esculturas estende-se aos bordados e às rendas, nos quais não é menor o quinhão de entusiasmo para escrever nas roupagens o poema da seda e do ouro.

Onde melhor se pode observar a importância plástica da arte religiosa espanhola é nas imponentes

romarias em que desfilam os Christos e as Virgens de seu culto, e nas quais intervem artistas maiores e menores: o da talha, que pode ser um Juan de Mesa, um Roldan, um Montañés, ou simples operarios do adorno, o que repuxa a prata dos candelabros, o que ornamenta os andores, o que borda o manto das Virgens e a tunica do Nazareno, como aquele popular Juan Manuel, que numa casita humilde do bairro macareno, em Sevilha, esceveu no veludo um verdadeiro missal bordando o manto das Dolorosas.

Olhemos para a expressão de algumas das imagens que desfilam na Semana Santa de Sevilha: N. S. da Amargura, N. S. da Esperança de Triana, N. S. da Esperança, de Macarena, N. S. do Patrocinio, N. S. da Caridade, N. S. das Angustias, o Santissimo Christo da Agonia.

Em qualquer delas logo surpreendemos "el secreto de esa carne de dolor en que cupieron todas las gamas: lo morbido, lo cárdeno, lo flaco; la carne trabajada de martirio y amoratada, la carne desangrada y espirante, la carne floja de muerte".

Para ver o sentido a que obedecem as esculturas sacras de Espanha, basta pensar na historia da composição da imagem do "Santissimo Christo de la Espiracion", a que

comumente chamam em Sevilha "El Cachorro". O apelido provoca desde logo a curiosidade de saber-se as razões por que assim o denominam. Correm varias lendas a respeito.

A mais corrente, porém, e à que se atribue mais fundamento, é a de que um escultor sevilhano, procurando talhar a expressão real da morte de Christo, aproveitou a agonia de um cigano que expirava no seu bairro, e copiou-lhe a mascara.

Esse cigano era ali conhecido com o nome de **Cachorro**. E a escultura a que deu o molde, e que se encontra na igreja do bairro castiço de Triana, em Sevilha, teria herdado tambem o apelido estranho.

A "entrada" e a "saida" desse andor durante a Semana Santa, deslocam para as imediações da igreja do modesto e típico arrabalde milhares de pessoas. Assim tambem a imagem de N. S. da Esperança do bairro da Macarena.

O sentimento popular transmite à devoção coletiva aspectos inéditos e ruidosos, verdadeiras manifestações politicas. As crenças se dividem em grupos, que tomam o partido de suas santas favoritas. As mais festejadas são as do bairro de Macarena e de Triana.

É espantoso o regosijo, a mística sensualidade que provocam. Toda a gratidão e enlevo de seus fieis se manifesta em **piropos, saetas**, declarações de amor, queixas plangentes já predileta.

Todo el mundo ha confesao
Que eres tu la más bonita,
La del colo bronceao,
Sitana pura y bendita
Por t'os los cantro costaos.

Assim canta o andalús as suas **saetas**, improvisando versos na garganta à passagem das santas mais populares, ou soltando exclamações de vivo cunho profano:

—**Olé! Mirad que vá má guapa** que nunca explica-se realmente, a fascinação coletiva em face do capricho ornamental que rodêa as imagens. Os mantos são verdadeiras maravilhas que lhes correm das espaldas como uma fonte de veludo e do ouro. Sobre as sedas bordadas da roupagem e as rendas floridas do veu, ostentam-se as joias, colares e adereços das mais ricas damas de Sevilha.

Vestem-se e adornam-se as imagens na Semana Santa como si fossem para uma boda, efemero noivado da graça divina com a tempestade das paixões humanas.

N. S. da Esperança, do bairro de Triana em Sevilha



O Santissimo Christo da Agonia, visto de perfil

Santissimo Christo da Agonia, vulgarmente chamado "El Cachorro" em virtude de uma tradição que se lê no texto da cronica

A elegância feminina do Império

A mulher brasileira, toda a gente sabe, só começou realmente a participar da vida social do país, depois que aqui aportaram o sr. D. João VI e sua corte. Antes disto, se não era propriamente tida por uma escrava, submissa a vontade do marido, do pai, dos filhos, dos irmãos, era pelo menos uma creatura que vivia na penumbra, à margem das cogitações do homem. Comia, dormia e engorçava. E com via de regra a vida sedentária, converte invariavelmente os seres mais rijos e mais fortes, às vezes, em verdadeiros mostrengos, acontecia quase sempre que, antes de haver atingido à maturidade já todo o seu aspecto era o de uma creatura avelhantada, quiçá castigada pelas sevícias do tempo, e pelos desgostos íntimos. O linguarudo John Luccock que passou pelo Rio em 1808, e que logrou vê-la na intimidade à *negligée*, chega até a dizer que depois dos dezoito anos já a mulher brasileira começava a perder a garridice, a elegância natural, de seu sexo, para se transformar num verdadeiro trapo humano, e acrescenta: "Começa a decair, perde o bom-humor das suas maneiras, assumindo em seu lugar uma carranca desagradável; tanto os olhos como a boca indicam que se acostumaram a dar largas aos sentimentos de violência e de vingança, as faces perdem seu viço e seu rosado e, aos vinte e cinco anos, trinta no máximo, já se tornaram perfeitas velhas enrugadas". Ora, com a participação da aristocracia portuguesa na vida da nova capital do Reino, dir-se-ia, a mulher brasileira compreendeu que era chagado o momento de emancipar-se em definitivo da tutela, que por uma fatalidade histórica também atingira em tempos distantes, às suas tataravós portuguesas e hespanholas. E, como graças as medidas de progresso introduzidas no Rio, era-lhe já permitido espiar através da janela envidraçada que



viera substituir a sórdida urupema entreliçada, em pouco ganhava a nossa patricia à rua... Já agora, dir-se-ia, o tempo era exíguo para a brasileira de antanho. As principais artérias da velha cidade como viviam diariamente coalhadas de "cadeirinhas" e "liteiras". As igrejas mais do que nunca viviam regorgitando de fiéis, e até o teatro que o sr. D. João mandara erguer no Rocío, até esse em noites de espetáculo, mesmo que não fosse de gala, vibrava magnificamente sob os aplausos de brasileiras e portuguesas! A despeito porém do impulso trazido aos nossos costumes, com a presença da corte portuguesa, as modas femininas, todavia, só encontraram campo fácil de desenvolvimento, com a ascensão ao trono do Brasil, do sr. D. Pedro I.

Ainda nesse tocante, pode-se dizer, é graças a fundação do Império, que a nossa capital assume fóros de cidade civilizada. E como as próprias festas alusivas ao 7 de Setembro de 1822, haviam emprestado ao Rio o caráter de um acontecimento excepcional, em pouco era a própria rua do Ouvidor que se convertia na América em uma sucursal da rua Vivienne, de Paris — ninho verdadeiro que se tornou desde então de tudo quanto era modista e

chapeleira franceza chegada ao Brasil, a começar por aquela deliciosissima Mme. Saisset cujo marido era sócio de Wallerstein & Cia., fornecedores da Casa Imperial e, que aliás, parece, condescendia de muito bom grado que lhe cortejaria o trafego Bragança a mulher.

Mas ao passo que a Moda durante o curto reinado, do snr. D. Pedro I, como dera início a algumas passadas hesitantes, já no período da Regência, dir-se-ia, ela se impõe, prepondera. Quando em 1840 o snr. D. Pedro II prepara-se para subir definitivamente ao trono, aí, então, já não sobrevivem mais resquícios do ambiente sórdido, em que viveu a mulher brasileira vista por Schlichthorst, Luccok, Sainte-Hilaire, Rugendas, Debret. O Rio e as capitais das Províncias como se haviam transformado em verdadeiras colmeias de elegancia. Em cada casa aristocrática ou burgueza, a par das coisas triviais da vida só se pensa nos bailes, nas festas, nos teatros. Em menos de dez anos, a capital do Império conta já com uma dezena de clubes, cuja principal finalidade, dir-se-ia era cultuar Euterpe e Terpsychore. A imprensa, embora viva muitissimo preocupada com a política, não se esquece outrossim de oferecer um palmo de columna à Moda, isto é, a mulher, a quem aliás, diga-se de passagem, tributam-se reverências, por vezes exageradas. Entrementes quem dá as cartas em matéria de reuniões sociais é o "Casino Fluminense". Dele é que emana o esplendor. Ir ao baile do "Casino" é quase como conseguir-se o ingresso para uma festa no reino maravilhoso de Aladin. Não se fala em outra coisa. De resto como tais bailes convertiam-se em verdadeiras "paradas" de elegância, impunha-se a cada qual escolher previamente: am-dista que teria que lhe confeccionar o vestido, o tipo de fazenda, quem haveria de lhe vender as luvas, os sapatos, as flores, as jóias... A marquiza de Maceió, por exemplo, tinha as suas preferências por Mme. Barrat, tida e havida então, como uma das mais exímias costureiras da rua do Ouvidor. Outrotanto não pensava D. Maria Eugenia Guedes Pinto. Para a filha querida do visconde de Maranguape, não havia melhor tesoura que a da modista franceza Mme. Gudín. Em se tratando de cabeleireiros quem pontificava depois do famoso Desmarais era o Eugenio Cassemajou "A Casa do Urso" à rua do Ouvidor n. 54. É bem verdade que a Gillet uma especie de "virtuose" das cabeleireiras femininas da cidade, tinha mais fama. Mas em compensação Cassemajou tinha sempre em stock variado sortimento de tinturas, chinós, objetos de fantasia etc. e era quem vendia mais barato. Não obstante viver-se numa época em que um côrte de casimira ingleza para calça, custava entre seis e sete cruzeiros na casa do Feraudy à rua do Ouvidor n. 100, a carioca tinha já o habito de especular, de defender a sua bolsa da ganância dos mercadores. Daí a fazer quase todas as suas compras — *lampas, moirés antiques, veludos, cambraias, basquines* — em Wallerstein Masset & Cia, que ficava defronte a travessa do Ouvidor, ou então na Notre Dame de Paris, de Cassaux, Decap & Cia. na mesma rua do Ouvidor, mas no n. 165. Algumas vezes, depois de se haver agitado numa roda viva de emoções, afim de comprar luvas *Jouvain* em Mme. Adele Dantigny que as tinha sempre "muito frescas", como anunciava aliás nos jornais, ou conseguir adquirir um frasco de *Agua Romana* "A Cabeça de Ouro" de Beaumely, Charles & Donat, considerados perfumistas e cabeleireiros da cidade, é que Mme. e Mlle

logravam descansar um instante no Deroche & Cia, no Francioni ou na Castellões, onde se não debicavam um doce fino, podiam pelo menos procurar refrigerio em um copo de *groselha* ou num sorvete de baunilha, creme ou *pistache*...

Depois ei-las a correr para apanhar o bonde de burro na esquina de Gonçalves Dias e Ouvidor, ou então os *cabs imperiais* do major Suckow no Largo de S. Francisco.

O que foi o esplendor das modas femininas do império já disseram de maneira assáz elegante Wanderley Pinho em "Damas e Salões do Segundo Reinado" e Marques dos Santos em uma conferência, pronunciada em Petropolis, faz agora um lustro sobre "A Sociedade Fluminense em 1852". Que a maneira porque a mulher brasileira se vestia, importava em uma escravisação à moda que nos era ditada por Paris — a grande cidade que amou Josephina de Beauharnais pelo seu apurado bom gosto, e extremeceu a imperatriz Eugenia, pelos seus caprichos de ditadora de elegancias — disto se não pode mais ter dúvidas. Vestiam-se bem ou vestiam-se mal as nossas patricias? Talvez lem pior do que hoje. Ainda assim se a moda da "saia-balão" servia por exemplo para excitar a veia satirica dos nossos poetas, não se diga, deixasse o famigerado robe de panier" de ser um delicioso mal

dos tempos: escondia talvez demasiado, as mulheres, dos olhares profanos, mas ainda assim, advinham-se-lhes os segredos do corpo, as plásticas esculturais, através dos corpetes, mirando-se-lhe o rosto, enfim, dando-se tratos a imaginação, coisa que absolutamente não se exige a nenhum homem nos dias que estamos a viver !...

Daí porque sem dúvida compensa, reviver aqui o pitoresco quadro de uma "saia balão" tal como a via Bernardo Guimarães, em 1860:

"Balão, balão, cupula errante,
Atrevido cometa de ampla roda,
Que invades triunfante
Os horizontes frivolos da moda;
Tenho afinado já para cantar-te
Meu rude rabeção.
Vou teu nome espalhar por toda parte
Balão, balão, balão!"

Só esse panegirico bastaria para immortalisar as elegantes do Império, as Abrantes, as Guedes Pinto, as Nogueira da Gama, as Muritib, as Cavalcanti, enfim quantas das nossas velhas patricias dominaram os salões do paiz, não só pela beleza física, mas sim pela maneira como que se sabiam vestir...

GARCIA JUNIOR

D. Maria Carolina da Piedade Pereira Bahia, filha do Visconde de Meriti, Marquiza de Abrantes pelo primeiro matrimonio e, pelo segundo, Viscondessa de Silva e Baronesa do Catete.

(Óleo das coleções do Museu Histórico)





Goya — Auto-retrato em traje de toureiro

GOYA, HEROI COM

Por FLÉXA RIBEIRO
Prof. catedrático na Escola Nacional
de Belas Artes



Goya — A esposa do artista

Este é o ano de Goya. Comemora-se o seu bi-centenário. O tempo não ensurdeceu o vigor incomparável de sua intensa, emocionante personalidade.

No quadro dos astistas intuitivos, ele ocupa eminência viva: é um companheiro de Velasquez, Ticiano, e, principalmente de Frans Halls, no tocante ao temperamento.

Goya y Lucientes nasceu em Fuendetodos em 1746, e morreu em Bordéus em 1828.

Acredito que, neste bi-centenário o que torna a figura de Goya nossa contemporânea é o amor quasi brutal que ele tinha por tudo que vive. E vive de uma vida tumultuosa, flagrante, cheia de imprevistos.

O sentimento de vida, na sua expressão palpável, ninguém ainda a revelou com a mesma intensidade que o mestre espanhol. Semelhante transe psicológico, na pintura, é mais perceptível em Goya do que Frans Halls ou em Velasquez, por causa das variações e diferenças. O desequilíbrio para ele era a própria harmonia da vida.

A arte de Goya é difícil de ser julgada, integralmente, por que nela se evidenciam altos e baixos, originalidades e vulgaridades. Bastará comparar uma criação palpitante do artista, com uma sua obra feita de encomenda, sujeita a todas as convenções: para o primeiro caso, o "Monje Franciscano", do Museu de Berlim e as "Moças" do Museu de Lille, e para o segundo, os retratos equestres de Fernando VII (1808) e o do general Palafox, do Museu do Prado.

Nos segundos, a ausência de Goya é evidente; e nos primeiros o seu temperamento se aglomera com inoxidável bravura. Goya está sempre presente. Francisco Goya foi, de certo, o artista mais complexo e rico do fim do século XVIII e começo do XIX. Antecedendo o movimento *Impressionista*, sua arte foi uma renovação de todos os generos de pintura. Goya corria desde a *touche* apertada e fria, até a larga, vivaz, densa, permeável e

funda. Modelando na pasta, ele mergulhava nas meias sombras, abria-se em claro-escuro, evocando o genio noturno de Rembrandt. Deixa a espatula e amacia a epiderme da pintura, criando uma especie de humidade global, naquele campo de minimas diferenças, quasi invisíveis, como a propria pele humana.

Vemos, assim, que seu espirito vivia fascinado por tres dominantes técnicas: Velasquez, Rembrandt, Fragonard. No entanto dormem,

no seu sono plástico, as emocionantes vibrações de Frans Halls.

Isto quanto á fatura, á pasta. No tocante aos temas, Goya se impregnou dos pintores do século XVIII frances: e as festas galantes de Watteau, Fragonard, foram por ele reproduzidas á maneira espanhola. Naquele campo de galanteria brejeira dos franceses, Goya rompia com sua violencia quasi cruel.

O genio do artista é multiplo. E o aspecto que mais impressionou seus contemporâneos foi o espirito do fantastico... verídico Neste plano do "subliminal" — Goya se aparenta com Edgard Poe E suas criações dos *Caprichos* o levam em invenção diabólica, na graça macabra, no ritus agoirento, a superar por vezes o proprio Hans Holbein. Corre em suas paginas, onde o tema do fantástico perdura, em aleluia alucinatória do espectral, um cantico sinistro, onde o riso é um esgar, a bençã soua como uma blasfemia sem fim.

Não é a caricatura como sôma de ridiculo, de efeito contemporaneo, como de Hogarth, Brueghel, Pinel e outros menores. Em Goya ela irrompe no campo da monstruosidade verosimilhante. Quem primeiro viu esse aspecto foi Baudelaire: "nenhum ousou, mais que ele, no sentido do absurdo possivel. — Todas as suas contorsões, faces bestiais, careta diabólicas, são penetradas de *humanidade*".

Poder-se-ia dizer que esse aspecto da arte Goya é todo intelectual: é o filosofo que fala essa linguagem de pessimista ma-

TEMPORANEO

cabro. Não é o cético, conformado. E' o satirico tenebroso que se vinga, e que acredita na reação. Há um aspecto literário nesse torneio plástico.

No entanto, a culminancia da arte de Goya é outra: são seus retratos e algumas de suas composições onde seu temperamento pleno de seiva natural, como que explode e se propaga. E' ai que ele vive; e vive integralmente, com grandeza, força, sensualidade, na culminancia de uma das maiores conquistas da arte, na natureza.

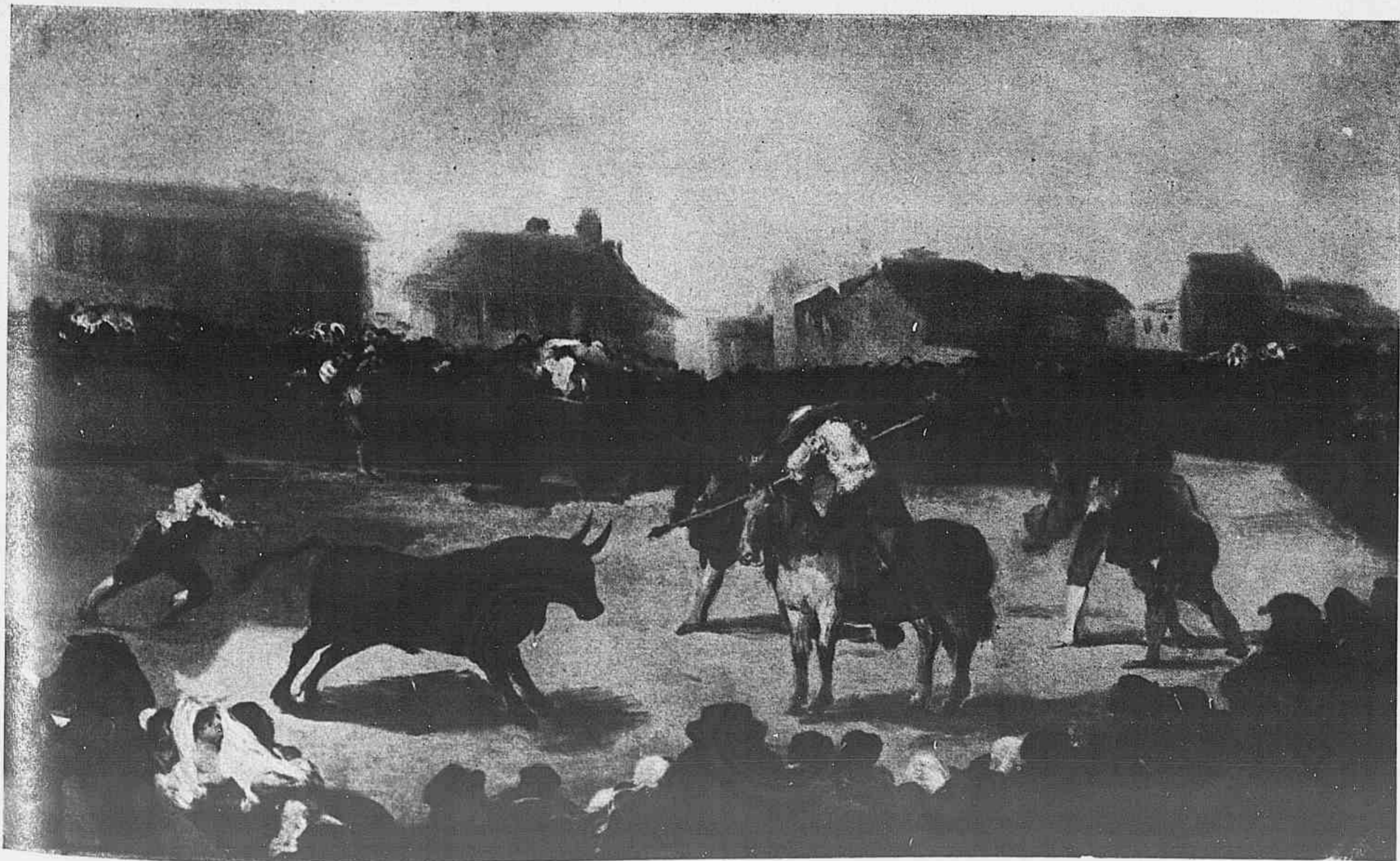
Na "Romeria de San Isidro", na "Familia de Carlos IV", no "Tribunal da Inquisição", no fantasmagórico "O 3 de Maio", ficaram eternos, algumas das mais aliás conquista: da técnica da pintura, aliadas a um sentimento pungente de vida na sua fascinação dramática. E nas "Majas", vestida e desnuda, nas "Moças de Sombrinha", como no auto-retrato, e no magnifico e sinfônico de "D. Isabel Carlos de Porcel", da Galeria Nacional de Londres, alguns dos momentos mais saborosos da pintura de todos os tempos foram imortalizados.

Goya foi um herói de alta sensação tátil das pastas e das côres, no modelado: seu genio é de artista antecipado.



V. Lopez — "Retrato de Goya"

Goya — Corrida de touros





AS FONTES

OLAVO DANTAS

Como as crianças que nascem
Gemedoras, sensitivas,
As fontes jorram cantando
Num gemido de águas vivas

São cantigas virginais
As das fontes, raparigas.
Fechai os olhos, sonhai,
Quando ouvirdes tais cantigas...

Água que corre,
Água que gira
Côr de esmeralda,
Côr de safira.

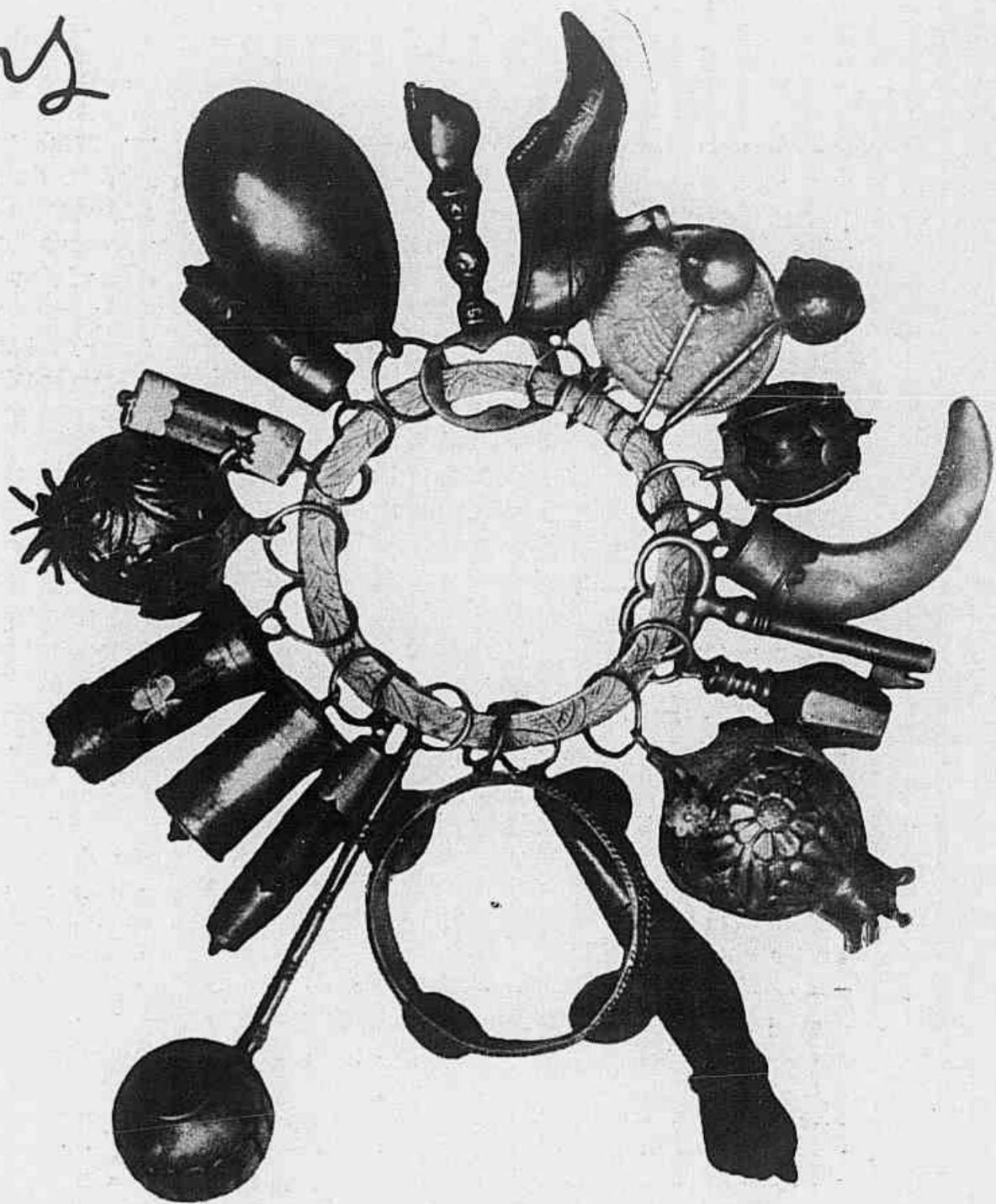
Raio de luz
Que cai da altura,
A fonte brilha
Na selva escura.

Fosse eu como vós, líricas fontes,
Que cantais à alvorada uns versos cristalinos
Que embebeis no caminho os roseirais dos
[montes,
Que entre flôres teceis vossos belos destinos!

Barangandans

MENEZES DE OLIVA

Professor de História da Arte do Curso de Museologia do Museu Histórico Nacional



EM 1932, quando foi criado, no Museu Histórico Nacional, o Curso de Museus, coube-me a regência da cadeira de História da Arte Brasileira.

Procurei, desde logo, através das obras dos especializados no assunto, recolher os necessários dados para bem desempenhar-me do encargo recebido, incluindo em seguida, na elaboração do programa de ensino, um ponto referente aos primeiros ensaios de arte no Brasil.

Intentei, com esforço sincero, estudar a evolução artística do Brasil, desde a arte pré-cabralina às artes aplicadas. Valeram-me de muito, dentre o melhor material coligido, as lições professadas por Araujo Viana, no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, há quase 30 anos, e, nas quais, falando de um modo geral sobre as artes plásticas brasileiras, era ele dos primeiros a chamar a atenção dos estudiosos para as artes menores ou artes aplicadas, que mais sobressaíam, entre nós, pela originalidade.

Excluindo, de início, os artefatos dos nossos aborígenes, mencionava o Mestre "a arte chamada catarinense, a joalheria e os tetos rústicos de Minas Gerais, as indumentárias riograndense e baiana, e, finalmente, o lindíssimo tecido que vulgarmente denominam de "rendas do norte".

Alem das artes citadas por Araujo Viana tenho estudado mais outras, que me não parecem destituídas de encanto e oportunidade. É assim que incluí, com melhores razões ainda, a par do traje dos gauchos, e dos vestuários das pretas baianas, a roupa de couro dos vaqueiros nordestinos, que, incontestavelmente, fornece copioso material para estudos de etnografia comparada e serve também para temas de quadros de costumes. Penso também, que ao lado da joalheria mineira, cuja "originalidade está no emprego do côco estriado ou lapidado, como as antigas jóias inglesas, de carvão de pedra", deveríamos mencionar os barangandans ou berenguedens da Baía.

O assunto esteve no cartaz por muito tempo e mereceu, de poetas e prosadores, referências e comentários. A questão, apesar de muito versada, pode ainda ser objeto de cogitações, desde que, tentando classificar es-

ses penduricalhos, procuremos explicar a razão por que apresentam tão grande variedade de forma e feitios.

Todos teem para suas possuidoras significado próprio, razões bem fortes de serem trazidos à cintura presos a uma argola de prata toda denteada na parte inferior, mas de onde surgem, no alto, magnificamente cingelados, os mais lindos motivos.

A palavra barangandan, balangandam, balanbangan ou berengueden é onomatopáica e vem do som que produzem esses berloques quando em contacto uns com os outros. Basilio de Magalhães diz "que existiu a forma berenguedens, transformada em balangandans aqui no sul. Com a diferença das primeiras vogais, e ao norte, e a ao sul, a setentrional está mais de acordo com a forma que dá ao referido substantivo africano o Visconde de Beaurepaire-Rohan, em seu *Dicionário de vocábulos brasileiros*, pág. 14: *Barangandan*, s. m. (Baía) — Co-

leção de ornamentos de prata, que as crioulas trazem prendentes da cintura nos dias de festa, principalmente na do Senhor do Bonfim". Manuel Quirino regista as formas barangandan ou balançamçam.

Não é possível afirmar com segurança, quando foram os barangandans primeiramente fabricados no Brasil, embora seja crença geral que tenha sido a cidade do Salvador o centro da sua maior produção. Primando a ausência de ornatos barrocos, afastada assim a influência portuguesa, só podiam ter sido fabricados pelos negros islamizados do Daomé e de nações vizinhas, os Malês, que conheciam a fundição dos metais, e, que em levadas sucessivas, chegaram à Baía. Acredito, porém, que em Pernambuco, Minas Gerais, e Rio de Janeiro, tenha vivido também grande número de artistas peritos nesse ramo das artes menores brasileiras, embora não lhes conheçamos os nomes.

Debret menciona "um certo mulato chamado Manuel João, que fabricava jóias de ferro (por que só de ferro?) nos confins da Província de Minas Gerais e que eram disputadas às margens do Tejo". As lisboetas muito antes das nossas encantadoras patricias já se tinham deixado seduzir pela graça dos berenguedens, e, talvez, já os usassem no propósito de conjurar desgraças e atrair os bons fados.

Que o seu uso estava muito espalhado entre a gente do povo, observa ainda o autor da *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*: "é raro que uma vendedora negra ambulante se mostre na rua sem pequeno amuleto ao pescoço, o que não a impede de usar também dois outros à cintura, de cambulhada com cinco ou seis talismans de forma e de natureza diferentes".

Mas, além de usá-los para afastar o mau olhado, as negras os exibiam também para demonstrar uma preferência devota, o pagamento de uma promessa feita ou como simples recordação de um acontecimento feliz. Eram, em síntese, a história da sua vida e dos seus amores, concretizada em figurinhas de ouro e prata.

Um dia, porém, versando esse tema em aula, fui assediado pela curiosidade de vários alunos, que queriam saber a significação desta ou daquela tetéia. Surgiu as-

Chave de figa.



sim a idéia deste trabalho. Fazia-se mister, portanto, estudar os barangandans em grande cópia, conhecê-los reunidos em coleções, afim de poder, com melhor conhecimento de causa, discorrer sobre o assunto. Marques dos Santos, a quem primeiro comuniquei meu intento, num requinte de fidalga gentileza, deu-me a feliz oportunidade de conhecer sua valiosa coleção de barangandans.

Procurei depois o Prof. José Mariano (filho), pedindo-lhe que me mostrasse, quando possível, sua famosa coleção de jóias antigas. Ele, porém, que é a bondade em pessoa, prontificou-se, no mesmo instante, a satisfazer meus desejos, dizendo-me ainda que só assim poderiam conversar, com mais vagar, dois velhos amigos, que apenas, de longe, se encontram e se falam no torvelinho das ruas...

Certa noite, tive, então, em sua residência, ante meus olhos deslumbrados, espalhadas numa grande mesa de jacarandá, cerca de 1.500 peças de ouro e prata, pesando mais de 30 quilos!

Eram pincas e mais pincas de barangandans! Coisa que não acabava mais!

Alí estava a documentação veraz do fastígio da riqueza de outras eras, quando o ouro, após ter invadido as camadas da elite, transbordava para as negras e mulatas, alforriadas ou não, muitas das quais, compartilhando o leito do senhor branco, viviam, regaladamente, vida de grã-finas! Era tudo do bom e do melhor. Maciço e valioso, sólido e bonito! Peguei ao acaso uma pincas de barangandans e, sentindo-lhe o peso, não pude deixar de louvar o grande sentimento decorativo. Eram cruces, fígias, manipaços, cachos de uvas, romãs, cájús, tambores, miniaturas de casas e animais, dentes, garras de besouro, sementes vegetais, apetrechos de uso domésticos, moedas, corais, crilissotas e ametistas encastoadas com maestria...

Cordões, braceletes e pulseiras... Mas, dentro em breve, foi o próprio José Mariano quem chamou minha atenção para alguns cilindros de prata abertos nas duas extremidades, verdadeiros canudos, medindo de 5 a 10 centímetros de comprimento, que se repetiam mui frequentemente na grande maioria das argolas dos berengundens. Que significação teriam? Eram bem diferentes, no entanto, daqueles que sabíamos

reservados para guardar terra de cemitério, farófia de dendê, orações, guiné, arruda ou fragmento de outras madeiras tidas como preservadoras da má sorte. Foram aventadas várias hipóteses, logo, porém, desprezadas por se não coadunarem com a lógica dos fatos. Mas, a insistência da repetição ali estava a desafiar a argúcia dos estudiosos...

* * *

De regresso a casa, deixei meu pensamento vagar à toa na retaguarda dos séculos, e, fui mentalmente recompondo, pelo que me fora dado observar, o esplendor de outras épocas... Del mil razões a Frei Antonio Rosadas, quando, em 1629, o olhar incendiado em santo zelo, esbravejava do púlpito contra a corrupção de costumes e o luxo existentes em Pernambuco, profetizando que "Olinda havia de ser abrasada por Olanda"!

Achei justas as leis portuguesas que coibiram o luxo com prisões, confiscos, e degredo na África e na Índia... Louvei as medidas de drásticos efeitos, tomadas pela Metrópole para evitar o descaminho do ouro de suas finalidades monetárias... E, assim, por associação de idéias, lembrei-me então, de algumas ex-escravas que conheci em menino, na casa de meus avós, quando em dias de procissão, vinham visitar Sinhá Velha, os braços cheios de pulseiras onde, não raro, se via a efígie de D. Pedro II, o pescoço a cair de cordões de ouro e na cintura, por baixo do pano da Costa de cores vivas, pincas e mais pincas de barangandans!... Vieram-me à memória narrativas do cativoiro, e, recordei, como uma das páginas mais bonitas da minha infância, as histórias que me contara o tio David, aclamado **capitão do canto**, desfilando pelas ruas da velha capital baiana, montado numa grande pipa de aguardente vazia, suspensa por um caibro aos ombros de atléticos **pareceros**, para receber dos demais companheiros dos outros cantos da cidade, a segurança do agrado de sua eleição!

Ah!... Que bom relembra-lo agora!... Era um preto angolense muito feio de rosto todo lanhado, cabelos bem carapinha e bigodes quase brancos, com um riso feliz a espoucar-lhe sempre da grande boca dentada, que, durante muitos anos, fora o portador da caixa de almoço de meu avô, le-

vando-a, diariamente, à cabeça, da Cidade Alta para a Travessa do Garapa, onde era estabelecido com escritório de miudezas. Estimadíssimo pala criançada, respeitado pelos outros negros, entrava em nossa casa tomando a benção aos **sinhôzinhos** megos... Mas, se por ventura, cruzava na saída com um patricio, tão velho quanto ele, parava, e, ante a saudação do antigo companheiro, delatava-lhe a benção em nome de Deus... Foi aí, então, que tive a visão perfeita do que significava o cilindro de prata aberto nas duas extremidades, que vira, momentos antes, tantas vezes repetido, na coleção de José Mariano.

* * *

No tempo da escravidão havia muita gente que empregava capitais na compra de escravos.

Mas, no intuito de obter melhores lucros, mandava ensinar-lhes um ofício (pintor, barbeiro, alfaiate, sapateiro, etc).

"Esses escravos, observa Koster, trabalham para seus senhores e proporcionam-lhe grandes rendimentos, porque a mão de obra é geralmente cara e os trabalhos que dependem de uma certa habilidade e gosto são pagos mais liberalmente que os outros".

Muitas vezes porém, preferiam alugá-los para o comércio urbano de comidas feitas, especialmente dos preparados culinários africanos, de grande preferência da população, de frutas, doces, legumes, produtos da Costa, quando não os destinavam a fazer fretes.

O escravo trabalhava no ofício em que era mais hábil, levava recados ou fazia carretos, como mariola ou ganhador, e o amo recebia o dinheiro.

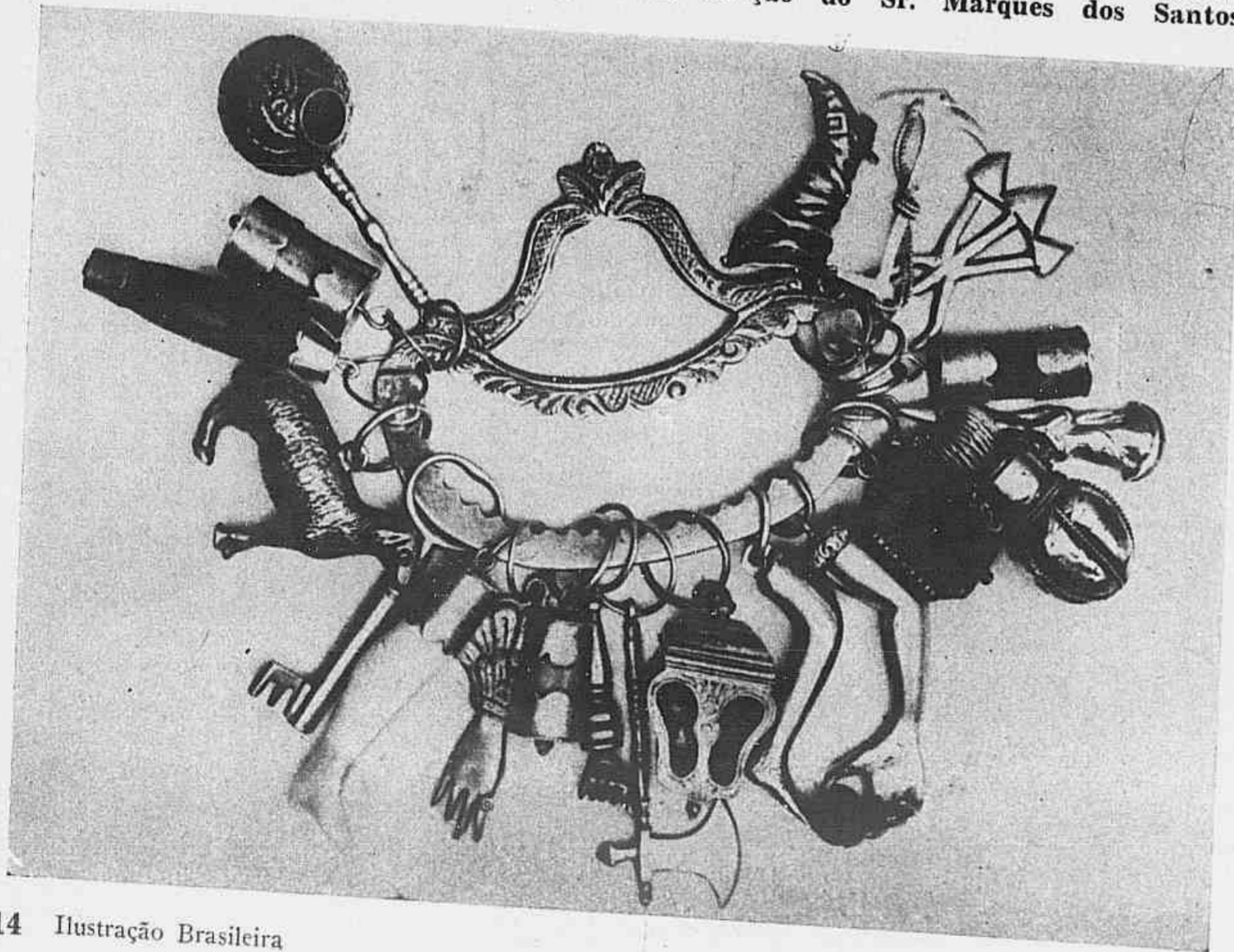
Mas, para evitar que fidesse sabotagem, trabalhasse de má vontade ou não se empregasse a fundo no desempenho de suas funções, procurava o amo associá-lo ao lucro, dando-lhe pequenina percentagem, e, quando mais não fosse, estipulando que seria sua, toda e qualquer quantia que ultrapassasse o mínimo da importância previamente ajustada para ser entregue no fim de cada dia. Após alguns anos de labor fazia o escravo um pequeno pecúlio e se libertava.

Os negros carregadores reuniam-se de preferência, nas esquinas das ruas mais movimentadas, à espera de serem chamados para o transporte de volumes: cadeirinhas de arruar, pipas de vinho ou aguardente, pianos, moveis, etc. Esses pontos tinham o nome de **canto** e aí ficavam, sentados em tripeças, **trocando lingua**, na expectativa do primeiro chamado. Para não perder tempo, enquanto conversavam, incumbiam-se de outros trabalhos: consertavam guardas-chuvas, faziam rosários de coquilhos, correntes de arame para prender papagaios, vassouras de piaçaba, esteiras e chapéus de palha de ouricori.

Dentre eles, então, elegiam um companheiro, preto forro na maioria das vezes, que tratava com a freguesia, respondia pelo bom desempenho do serviço, recebia a paga, descontava a parte devida ao senhor, e guardava o que cabia a cada escravo: era o **capitão do canto**.

Verdadeiramente curioso o processo de escrita usado para o registo das quantias recebidas! Como não existissem ainda as caixas econômicas, pois a primeira fundada na Baía, no tempo da Regência, data de 1834, todo escravo tinha em mãos do **capitão do canto** um gomo de bambú, no qual consignava, por meio de riscos, feitos com um objeto cortante qualquer, o dinheiro recebido. Interessava ainda saber que tudo era guardado numa cavidade, que se fazia pela retirada de uma pedra, quase sempre num

Balangandans reunidos na sua argola típica. Exemplar da coleção do Sr. Marquês dos Santos.



inuro existente nas imediações do local em que se reuniam, e, de onde nunca nenhum deles se queixou do desaparecimento de uma moeda sequer!

Muitas vezes, porém, o escravo reunia em mãos do capitão do canto, sem que o soubesse, tão grande era a confiança que havia entre eles, a quantia justa para a compra da sua liberdade! E' bem facil imaginar a alegria do negro, quando o companheiro lhe certificava, que possuia o dinheiro suficiente para comprar a sua carta de alforria! Tantos riscos navia no pedaço de bambu, tantas tinham sido as moedas ameaçadas!...

Estes cunhados de prata abertos nas duas extremidades, que tao frequentemente se repetem nos barangandans da coleção de José Mariano, representam, na minha opinião, o presente que o negro alforriado logo fazia a mulher preferida, para testemunhar-lhe, na simbólica representação desse bastonete, onde esculpura, dia a dia, com uma perseverança digna dos melhores elogios, todos os seus anseios de liberdade, o desejo, bem forte, de mostrar que era livre e capaz ainda de que-ria sempre, com igual ou maior constancia, pelos tempos em fora... Era a representação de um fato que a sua firmeza de proposito conquistara.

* * *

Os barangandans bem podem ser classificados, em consideração à forma que apresentam e que lhes determina a utilidade ou tunção, em cinco categorias:

- a) devocionais;
- b) votivos;
- c) propiciatórios;
- d) evocativos;
- e) decorativos.

Dentre os devocionais incluiremos aqueles que particularizam marcante preferência por um determinado santo ou culto: cruces, crucifixos, relicários, medalhas, pombinhas do Espírito Santo, S. Crispim e S. Crispiniano, S. Cosme e S. Damião, representados por dois bonecos presos numa argolinha, S. Braz, etc.

Votivos são todos aqueles que representam o pagamento de uma promessa feita: a exteriorização do fato inspirado na fé. Resultam do milagre de uma dor que sarou, de um animalzinho de estimação que ficou curado ou de um imóvel qualquer que escapou à fúria dos elementos, tais como: olhos de Santa Luzia, cabeças, costelas, seios, coxações, braços, pernas, pés, dentes, cavalos, cachorros, aves, casas, embarcações, etc.

Os propiciatórios eram usados para atrair os bons fados, imunizando seu possuidor contra todas as desgraças, fechando-lhe o corpo, isto é, tornando-o invulneravel aos ardís da inveja, da maledicência ou da vingança. São os mais numerosos e dentre eles figuram as figas, os sgnos de Salomão, moedas, manipaços, dentes e unhas de animais, sementes, vegetais, frutas, pedras finas, etc.

As moedas foram sempre usadas como amuletos. J. Soares da Silva, citado por Leite de Vasconcelos, escreve nas Memórias d'El-Rei D. João I: "... era tão grande o amor de todo o povo de Lisboa para com o Mestre, que os primeiros reais de prata que ele fez bater, os traziam ao pescoço muitas pessoas como reliquias ou remédios para as suas queixas ou enfermidades".

Não admira, portanto, que à semelhança dos vintens de S. Antônio, simples vintens de prata de D. João V, usados como talismãs, no braço, à cintura, ou ao pescoço pelas crianças portuguesas, tivessem as criou-

las baianas emprestado iguais virtudes às moedas de prata do 2.º Reinado.

A romã, que foi o símbolo monetário de Side, cidade marítima da Panfília, na Ásia Menor, é, segundo José Mariano, "o símbolo da fecundidade entre os semitas".

Para Gustavo Barroso, porém, representa "o mundo cristão a esfera, o mundo; os inúmeros grãos, os fiéis". Seja como fôr, no entanto, traduzindo fecundez ou representando a união do gênero humano, rara é a penca em que ela não aparece isolada ou em conjunto. E' o mais comum dos berenguendens. O cajú, que recorda o índio, é o símbolo da fartura, e da abundância.

Evocativos são todos aqueles que trazem à lembrança um fato decorrido. O português, por exemplo, oferecia à companheira o cacho de uvas, que lhe recordava as festas da vindima na sua aldeia natal; o negro dava o tambor que embora fosse na África distante um poderoso elemento de guerra ou caça, era agora o instrumento musical, utilizado nos batuques e nos candomblés, e que lhe fazia sentir, pela cadência do ritmo, à miragem sonhada das danças da sua terra; o mulato, pretencioso e gabola, presenteava o violão em cujas cordas dedilhara, nadrugada alta, a música dolente de uma modinha predileta.

Incluem-se aqui os cachos de cabelo, apetrechos domésticos, instrumentos de trabalho, instrumentos musicais, etc.

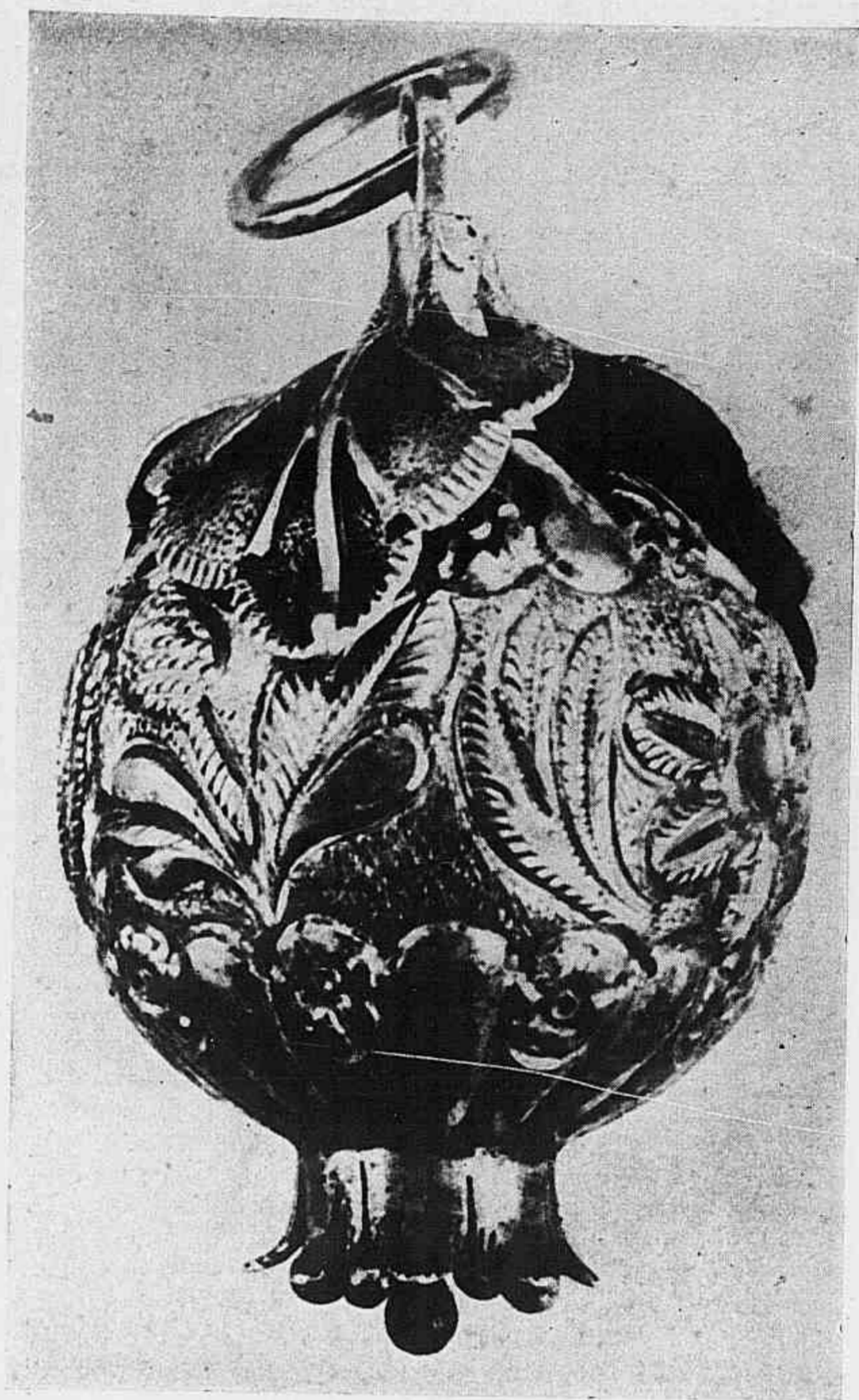
Há, no entanto, certos berloques, como fora a princípio o cilindro de prata aberto nas duas extremidades, que não traduzem, a simples exame, motivo apreciavel da sua inclusão nas argolas dos berenguendens. Assim sendo, e, para maior facilidade de indagações futuras, chamaremos decorativos, não somente àqueles que trazem pendurados pedaços de ágata e cristais em forma de pingente ou bolas coloridas, mas também a todo e qualquer outro dixe, que não puder ser, desde logo, incluído nas quatro primeiras categorias desta nossa tentativa de classificação dos barangandans.

ARAUJO VIANA (Ernesto Cunha) — "Das artes plásticas no Brasil em geral e no Rio de Janeiro em particular" "In" Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro. Tomo LXXVIII — 2.ª parte. Rio, 1916.

BARROSO (Gustavo) — "História secreta do Brasil", 2.ª parte, Rio, 1937.

BRASIL (Padre Etienne Ignace) — Os malés, in "Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro", tomo LXXII, Rio, 1910.

CALMON (Pedro) — Malés — a insurreição das senzalas, Rio, 1933.



Exemplar de romã ornamental em prata, nos balangandans.

CORRÊA (Viriato) — "Terra de Santa Cruz" Rio, 1921.

DEBRET (João Baptista) — "Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil", São Paulo, 1940.

LEITE DE VASCONCELOS (J) — "Elenço das noções de numismática dadas na Biblioteca Nacional de Lisboa", 1889.

MAGALHÃES (Basilio de) — "O povo brasileiro através do folclore", in "Cultura Política", N. 7, Ano I, Setembro de 1941.

MARIANO FILHO (José) — Resumo dos debates em torno da conferência "A ourivesaria no Brasil antigo", de Francisco Marques dos Santos. In "Revista de Estudos Brasileiros", Ano I, n. 6.

MARQUES DOS SANTOS (Francisco) — Balangandans, in "Espelho", n. de abril de 1936.

OLIVEIRA NETO (F) — A penca e o balangandans in "Don Casmurro", Rio, 16-5-1942.

QUERINO (Manoel) — Costumes africanos no Brasil, Rio, 1938.

RAMOS (Artur) — As culturas negras no novo mundo, Rio, 1937.

RAMOS (Artur) — O negro brasileiro, 2.ª edição, S. Paulo, 1940.

RODRIGUES (Nina) — Os africanos no Brasil, 2.ª edição, S. Paulo, 1935.

STERN (Leopold) — Balangandans, in "Jornal do Comercio", Rio, 22-2-1942.



O botucudo de SAINT-HILAIRE

JOÃO DORNAS FILHO

QUANDO viajou pelo norte de Minas, em princípio do século XIX, Saint Hilaire trouxe consigo um rapaz da nação botucudo, chamado Firmiano, a quem dedicava a mais comovente amizade.

O bugrezinho, entretanto, vivia lhe dando preocupações e desgostos, e exercia tal ascendência sobre o boníssimo naturalista, que o fez mais de uma vez até lavar-lhe os pés...

Saint Hilaire o colheira nas margens do rio Jequitinhonha e ele o acompanhara por grande parte das excursões a Minas e a São Paulo. A ele dedicava o naturalista grande afeição, e várias vezes dera a entender que o levaria para a França se ele o quisesse seguir. Por fim, tantas contrariedades lhe dera o botucudo que o fizera retornar do Rio de Janeiro.

Confirmava o que dizia sempre ao francês: entre os botucudos jamais existiram quaisquer formulas de deferência, jamais pedindo notícias uns dos outros, mesmo quando doentes...

Mesmo assim Saint-Hilaire o estimava e dele fala com uma simpatia que delata uns laivos de saudade. Lembra as histórias contadas por Firmiano à noite, no silêncio das arrachações na mata, como a lenda do urubú, que "antigamente era todo coberto de penas; convidou um dia sua vizinha a arara para jantar, mas, como só lhe servira carne pôdre de anta, retirou-se a arara a jejuar. Querendo vingar-se, convidou esta por sua vez o urubú e lhe ofereceu frutos de sapucaia. O urubú achou-os excelentes, e deles comeu grande quantidade; as penas de sua cabeça caíram todas, e desde então esta ave tornou-se calva"...

Ainda viajando pela província de S. Paulo, Firmiano pregou-lhe uma que Saint-Hilaire nos conta com a mais deliciosa candura: "Firmiano continha com o pé machucado, aproveitando-se desta situação para nada fazer. Deitou-se antes da noite. Alguns instantes mais tarde disse-lhe que fosse esquentar água para lavar o pé, afirmando que depois eu o pudesse pensar. Reiterei-lhe inutilmente esta ordem quatro ou cinco vezes, mas não se importou. Por fim impacientei-me e puxei o cotope em que se enrolava e ordenei-lhe imperiosamente que me obedecesse. Então levantou-se, pôz a cama de pernas para o ar e começou a correr pelo mato. A machucadura, não lhe permitindo grande rapidez, não me foi difícil atingi-lo e quis forçá-lo a voltar para o rancho.

Tentou resistir-me, mas José acudiu, pegou-lhe do braço e o arrastou. Quando estávamos perto do rancho, atirou-se ao chão à pouca distância do mato. Não pude, a princípio, conter-me e exprimi-lhe as minhas queixas, mas logo a compaixão me suplantou a raiva. Aproximei-me e disse-lhe mansamente quanto devia compreender que tudo o que eu fazia era para seu bem. Se o abandonasse tornar-se-ia o mais infeliz dos homens. Eu seria o único capaz de fazer a despesa de o recambiar à sua terra para

onde desejava voltar. Enfim ainda lhe fiz ver quanto o seu procedimento ofendia-me e também a Deus. Quando pronunciei estas últimas palavras, levantou-se sem proferir palavra e foi se deitar. A idéia de Deus, desde que comecei a instruí-lo, sempre exerceu sobre ele forte impressão. Nunca se recusou a aprender o catecismo a que chegou a ligar algum interesse".

Nas proximidades de Ouro Preto, Firmiano pregava outra maçada ao naturalista, fugindo. Dando uma busca no seu saco de viagem, verificaram que havia deixado apenas objetos desnecessários à jornada. Na véspera, à tarde, parecera de mau humor, confirmando assim as suspeitas da fuga.

É o próprio Saint-Hilaire que se lamenta: "Esse acontecimento causou-me uma grande contrariedade, porquanto não esperava que tal sucedesse. Sempre tratara Firmiano como um filho, satisfazendo todos os seus desejos e não vira pessoa alguma fazer-lhe o menor mal, sendo-me impossível atinar com o motivo da sua fuga. Está claro que, desgostando do trabalho e já habituado a algumas dururas da civilização, ele seria muito infeliz em uma região onde há grande prevenção contra os homens da sua raça. Iria errar de fazenda em fazenda, sem recursos, e findaria caindo nas mãos de algum homem rude que, para aproveitar-se do seu trabalho, rete-lo-ia pelo terror. Eu me recriminaria a mesmo por ter causado a infelicidade desse rapaz, tirando-o de suas florestas, e tomei a resolução de tudo fazer para encontrá-lo"...

De fato Saint-Hilaire saiu à sua procura. Em vão. Não obtinha notícias nem sob promessa de recompensa pecuniária. Foi quando se lembrou que o botucudo falara com muito entusiasmo de uma pequena puri que vivia com Eschwège em Ouro Preto, e para lá se dirigiu, sem contudo encontrá-lo.

Só foi vê-lo em casa de um Francisco da Costa, que o havia prendido por seus escravos na véspera, errando pelo mato.

Confessa Saint-Hilaire que nos primeiros instantes da sua fuga esse encontro ter-lhe-ia dado a mais pura alegria; mas pouco a pouco se acostumara à perda do rapaz, pensando que ele poderia voltar a fugir novamente, e capacitando-se que era possível substituí-lo, já que tanto desapego demonstrara a quem tanto o estimava.

Chegando à casa de Francisco da Costa, Saint-Hilaire entrou no quarto onde estava Firmiano, que pareceu admirado de vê-lo ali. Sem constrangimento, entretanto, estendeu-lhe a mão para pedir-lhe a bênção. "Falei-lhe então severamente — narra Saint-Hilaire — mas em seguida, tendo feito sair as pessoas que ali se achavam, aproximei-me dele; peguei-lhe a mão, lembrei-lhe o que havia feito por ele e censurei sua ingratidão. Algumas lágrimas escaparam de seus olhos e ele assegurou-me que jamais me abandonaria..."

Perguntou-lhe o naturalista porque havia fugido, confessando o ter feito por lhe haver zangado o tropeiro Manoel Soares. E acrescentou que logo após à escapula refugiou-se numa casa de negros, de onde saíra por encontrar pouca comida...

A gente de Francisco da Costa relatara a Saint-Hilaire que durante o tempo em que o índio ali estivera falara muito bem do naturalista, queixando-se apenas do tropeiro. E declarou que, sendo impossível voltar à companhia de seu protetor, que devia estar muito longe, desejava ir para Itagurú, onde viveria em casa do capitão Antonio Gomes,

acrescentando que havia dado uma grande volta para evitar a residência do seu hospedeiro, pois o sabia interessado em receber a recompensa anunciada pelo naturalista...

Nas imediações de São João del-Rei, localidade aliás de quem Saint-Hilaire diz as mais duras palavras quanto à hospitalidade, o naturalista passa pelo desgosto de perder seu compatriota e auxiliar Pregent, que tanto o ajudava também em aturar o botucudo, transitoriamente bem comportado, pois recolhia a lenha, acendia o fogo e fazia ferver a água necessária ao chá e ao feijão.

Parece que esse procedimento não era todavia muito regular, porque Saint-Hilaire escrevia pouco depois: "Quanto o Firmiano, continha a ser o que se chama "um bom rapaz", mas sua preguiça e lentidão eram extremas. Como o meu novo tropeiro Manoel da Costa aliava um caráter dócil à bastante atividade, o índio descansava nele todo o trabalho; ficava sempre muito longe da caravana, não matava nenhum pássaro e não fazia mesmo, sem ajuda, sua facil cosinha. Acostumado a viver à sombra das florestas primitivas, ele sofria muito o calor excessivo das regiões descobertas e arenosas que então percorríamos e tinha queimaduras de sol nas pernas e nos braços".

Mas, as travessuras do botucudo de Saint-Hilaire não estavam terminadas com o regresso do naturalista para a Europa. Em ofício de 2 de janeiro de 1826, assinado por Guido Marlière, Diretor dos aldeamentos botucudos do Rio Doce em Minas, reatamos a tradição de Firmiano, a quem Marliers entregava a um tenente-general para ser incorporado às forças brasileiras que seguiam para a campanha da Cisplatina. O ofício é uma delícia de se ler:

"Na companhia do Remo, Vigário e Diretor dos Índios de Jequitinhonha José Pereira Lidoro — Remeto a V. Exc. um soldado Índio da 7.ª Divisão por nome Firmiano Durães com a Guia inclusa, rogando a V. Exc. a bem do Imperial Serviço desfaça dele mandando-lhe fazer passagem para um dos Corpos do Exército do Sul, se possível fôr, por ser civilizado demais. Este Índio acompanhou Mr. de Saint-Hilaire, meu Amigo, em todas as suas viagens, e no seu Embarque para Europa me recomendou afim de que não voltasse ao mato.

Ele nos mostra a melhor vontade: ao mesmo tempo que convidou aos da sua Nação a assassinar a Guarda do Rubim afim de roubar o que ali havia; convidou aos Índios da aldeia da Itinga a matarem rézes dos pastos, como com efeito matou duas, e os mais Índios as não quiseram comer com medo de castigo. Espalha com muito segredo entre os Índios que os Diretores são Ladrões e que S. Majestade dá imensas coisas para eles que o Diretor come e não lhes dá nada: em sua palavra e um Hipocrita dangerouso, que foi denunciado pelos mesmos Chefes Índios que muito felizmente o conhecem e o aborrecem; pelo que lamento ser o próprio obrigado a expatriar um Índio que amava como filho, peço a V. Exc. espeça as necessarias ordens afim de que com muita segurança seja bem tratado até o seu destino; recomendando que desviem dele as bebidas e não venda o Fardamento e mais roupa que leva"...

Ficou o Firmiano, efetivamente, "civilizado demais", como queria o bom Marlière. E, depois disto, não se encontram mais rastros do endiabrado botucudo, que tantas preocupações e desgostos armara ao boníssimo Saint-Hilaire...



Celso Kelly



Fléxa Ribeiro



Peregrino Junior



Carneiro Leão

Qual o sentido da ARTE MODERNA?

A pintura moderna é um dos temas mais controvertidos no domínio das artes. Tem os seus adeptos entusiastas como tem os seus opositores implacáveis. Enquanto uns e outros discutem os rumos de sua preferência, os creadores vão multiplicando o acervo de suas experiências e tentativas. O público acompanha o desenvolvimento dessa nova fase estética, um tanto aturdido, diante do calor da querela. Com quem estará a razão?

Ou, onde estará a verdade? — se quisermos repetir a dúvida de uma das mais interessantes peças de Pirandelo. Com o propósito de clarear os horizontes, pedimos a quatro homens de pensamento, críticos e cientistas, afeitos ao fenômeno artístico e não dominados pela paixão sectária, sua opinião a respeito. A nossa primeira pergunta foi dirigida ao Professor Celso Kelly, que assim nos respondeu:

Que significação no domínio das artes, atribue à pintura moderna?

— “Para mim, toda realização artística é uma experiência. Diante da natureza, diante do homem e diante da vida, o artista ensaia, continuamente, os seus recursos num esforço heróico de interpretação e criação. Isso é o que nos ensina a história das artes, desde os primitivos até os nossos dias, desde a pintura simplesmente imitativa até as representativas e simbólicas, desde a composição vertical dos elementos até a convenção habilidosa da perspectiva. A psicologia educacional também nos esclarece quanto à manifestação artística, desde as crianças, antes e durante a fase escolar, até a idade adulta. Sempre, nas fases históricas como na evolução do indivíduo, o processo artístico parte do espontâneo, do ingênuo, do simples, até atingir às fórmulas estáveis, convencionais, estratificadas. O ponto de partida é a experiência livre, a criação sem peias, a liberdade de concepção, com ou sem suficiência de técnica. A padronização é o progresso no rumo único. Padronização que conduz à academia. Em todos os grandes períodos da história das artes, o início é a rutura com as convenções, é a manifestação espontânea, é o jogo natural da sensibilidade e da imaginação. Depois, vem a estabilização fatal. E ela prenuncia quasi sempre a decadência, até que um novo ciclo renovador se afirma. Com relação à pintura, ocorre que, mesmo dentro da sequência dos últimos tempos, as conquistas de técnica se têm acentuado: romantismo, impressionismo, cubismo, dadaísmo, surrealismo são movimentos que valem por sérias contribuições no próprio setor da

técnica. São experiências? Certo que sim, e experiências fecundas. Se os artistas ficassem atados ao academismo, nenhuma dessas contribuições teria ocorrido. Demais, a pintura começa a apresentar os primeiros sintomas de cansaço na sua tarefa de intérprete, objetiva ou realista, da natureza. Sob a concorrência da fotografia e do cinema, não há força pictórica que se meça com a exatidão e riqueza da reprodução das câmeras. Um sentido subjetivo anima os artistas modernos. As massas e as cores começam a valer por si, independentes do assunto ou do objeto. A composição plástica, como a composição musical, não tem mais obrigação de ser imitativa. Um sópro de poesia ilumina a pintura, e eleva, sobremodo, seus horizontes. A pintura moderna caminha, do desprezo da forma comum das coisas para a composição livre. Essencialmente subjetiva, essa pintura marca o começo de sua libertação. Os artistas retornam à fase da experiência, em busca apenas da expressão íntima, sem compromisso com quaisquer convenções. Colocados, de novo, no seu justo lugar, os pintores começam a escrever nas suas telas verdadeiras sinfonias de cores e formas, levando o publico a novas e imprevisíveis reações diante do fenômeno artístico”.

Ante as normas clássicas da arte, que lhe parece a pintura moderna?

O professor Fléxa Ribeiro deu a seguinte resposta: — “Não há normas clássicas de arte; a não ser que se chame clássico, ao que já está classificado. A arte foi sempre moderna, no seu tempo. Ao contrário da ciência, a Arte não evoluciona; quando

sua forma atinge à perfeição — regride. Constitue círculos concêntricos. A classificação que se adota para a história, e mesmo para a ciência, não cabe no domínio artístico, que é obra de pura criação individual. Há pintores velhos que são nossos contemporâneos, como Giorgionio, Ticiano, Paulo della Francesca. Há outros que são antecipados, como Frans Hals e Velasquez. Nós ainda não os atingimos.

Do ponto de vista da pintura, propriamente dita, ainda não chegamos à época de Frans Hals ou de Velasquez, que eram do século XVII.

Se quiséssemos examinar o problema na hora atual, verificaríamos que há pintores modernistas que são velhos na técnica; e há académicos já mais avançados.

De um modo geral, há futuristas horrendos e clássicos medonhos. Não será a escola que os salvará. O que se deve procurar é o artista: qualquer técnica serve. O gênero não importa, nem o assunto. As naturezas mortas de Chardin comovem. As cenas comoventes de David, são inertes, nada significam.

Masaccio, no século XVI, aos 25 anos, criava uma das técnicas mais poderosas da pintura: o claro-escuro. Foi ele que nos mostrou o que havia na atmosfera. Giorgionio, no século XVI, foi o primeiro *tactil*. Fez que se palpasse a forma que se passasse a mão no contorno, pela meia tinta, pela morbidez, na “maneira nova”.

A pintura moderna está se fazendo. De seus terribes destroços sairá provavelmente uma nova Arte, se aparecer o artista.

Porque a Italia que deu tanto mestre original nos séculos XIV, XV, XVI, e ainda na época do Baro-

co, mergulhou nas trevas até hoje? Não houve evolução da arte? Ou faltou o indivíduo-artista?

Como a Arte não é produto artificial, não podemos aperfeiçoá-la sempre, por simples deliberação escolar. O artista, diante da Natureza — tem sempre três atitudes: a) olha; b) imagina; c) executa. Olhar e executar é possível aperfeiçoar; mas imaginar o que *viu*, criar, isso é dom pessoal. Não pertence a uma época determinada. Não obedece ao ritmo histórico.

Nenhuma escola jamais fez um artista; alguns artistas têm feito escola...

Quem sabe se a Arte não se destina a *mostrar* à Natureza, como ela deveria ter feito, e não fez...

A pintura, dizia Leonardo, deve ser uma coisa natural vista num grande espelho...

Na arte moderna há dois centros de irradiação doutrinária: o deformismo e a pintura abstrata. Sobre o primeiro o que se explica parece suficiente. Sobre o segundo, conviria adicionar alguns conceitos; examinemos a *pintura abstrata*. A *verdade* é uma relação abstrata, enquanto que a *realidade* é uma relação concreta. Não pode haver *arte* sem que seja percebida pelos sentidos. A abstração isola pelo pensamento o que não isola na representação

Se podemos, por meio de sinais gráficos, de siglas, exprimir qualquer coisa, como convenção para o juízo e, depois, para o raciocínio, — caminhamos então, para a ciência. Para a arte precisamos de imagens e não somente de conceitos.

Pelo conceito entramos na análise da natureza como

função da razão. Outro é o campo de sentimento. No primeiro caso, estamos no domínio peculiar da Lógica; no outro, corremos já na pauta da Estética. Assim considerando, talvez essa pintura abstrata seja um aparato anexo à ciência. Ou se preferirem uma ciência mesmo, e que não existe na realidade objetiva, pura criação abstrata, como a geometria. A arte é função intuitiva abebera-se da imaginação. E' de essência individual. Vive, como representação, no ciclo gerador da Imagem. Ao passo que a Ciência, como explicação transitória da Natureza, é do campo da inteligência. E' de essência universal. Seu quadro próprio é o Conceito.

A Ciência satisfaz uma necessidade imediata do homem; é um meio. A Arte é uma necessidade mediata; é um fim.

Realmente o que há no século XX sobre a pintura moderna é a falta de pintores. Nem o fim do século XVII, na degenerescência do Barôco, foi tão pobre de artistas como a nossa mavortica contemporaneidade.

No século passado, a França produziu quatro grandes escolas de pintura. Cada uma delas com meia dúzia de mestres de mais alto teor: a *clássica* (1800-1830); a *romântica* (1830-1850); a *realista* (1850-1870); a *impressionista* (1870-1900). E ainda deixou filtrar duas correntes laterais de famosa originalidade, como as de Paul Gauguin e Van Gogh.

Cezanne seria, assim o primeiro pintor *moderno*, como Giotto foi na aurora da Renascença Italiana.

Mas não teve continuadores dignos de seu patriotismo.

Alguns pintores passaram do século XIX para o XX, como Stevens, Besnard, e mais contemporâneo, como Ignacio Zuluoga: são figuras centrais.

Mas, neste apressado século XX, onde a ciência industrializada supera na obra de série, não encontramos em nenhum país da Europa, nem mesmo na França, pintores que possam ser atestados como culminantes na técnica da pintura.

No estrangeiro, como no Brasil, há um verdadeiro racionamento de pintores; mas racionamento à nossa moda. Isto é, racionar o que não existe.

De um modo geral, há alguns artistas que pesquisam para encontrar uma técnica nova com veso de exprimir, com outra modalidade, a angustia do mundo contemporâneo. Ainda não a encontraram. A maioria dos que pintam é constituída de amadores principiantes. O que devemos desejar é que apareça o Artista Pintor fugido de qualquer desses rótulos. Possuir um nome de escola e uma teoria sobre a arte, não basta. E' preciso *executá-la* como uma nova linguagem onde desconhecidos aspectos vivos da natureza se retratem com emoção."

Vê na pintura moderna alguma anormalidade?

O acadêmico Peregrino Junior nos esclarece a respeito:

"A pergunta é realmente oportuna, porque permite o esclarecimento de um problema que comporta muita confusão, e que tem, de resto, provocado muitos equívocos. Com efeito, para as pessoas menos cultas e menos lúcidas, a pintura moderna é passível de duas interpretações igualmente erradas: ou como simples manifestação cabotina de artifício, ou como expressão mal dissimulada de loucura. Entretanto, a verdade é que a pintura moderna pode ser explicada e compreendida, do ângulo da psicologia moderna, como uma manifestação rigorosamente normal do espírito, em plena saúde mental, de acordo apenas com as peculiaridades dos temperamentos individuais. Aliás há na obra admirável de Kretschmer um capítulo da mais palpitante atualidade, dedicado exatamente ao estudo dos homens de gênio, dos artistas, dos poetas e dos escritores, sob esse ponto de vista. Aí o mestre alemão, encarando os movimentos modernos, na arte, sob o ponto de vista dos temperamentos, observa: "Menção especial merece aquilo que recentemente se tem chamado de "expressionismo" uma forma de arte puramente esquizotímica que coincide em seus pontos essenciais com a sensibilidade artística que vamos encontrar nas obras de arte de alienados esquizofrênicos de talento. Essa analogia, aliás, sob o ponto de vista estético, não é uma censura nem um louvor, é simplesmente um fato, ao qual apenas os tólos torcem o nariz." E distingue na arte moderna as várias formas de componentes psicológicas que correspondem a várias modalidades do temperamento esquizoide:

- 1 — Uma tendência à extrema estilização: a componente cubista;
- 2 — Uma tendência ao *patos*, à expressão extrema de gestos e cores, até à caricatura, o que corresponde propriamente à componente expressionista;
- 3 — Uma componente autista, que se recusa a reproduzir as coisas como elas são e as deforma intencionalmente;
- 4 — E finalmente a componente onírica, uma tendência a formações simbólicas, deslocamentos, poetizações, etc., em que, por exemplo, diferentes imagens se sobrepõem numa mesma superfície, como nos sonhos, etc.

Como vê, tudo isso, portanto, que, considerado de um ponto de vista vulgar, é tomado às vezes como simples contrafação ou artifício de cabotinagem, ou como forma disfarçada de alienação mental — pode ser justificado, partindo de uma consideração rigorosamente normal do indivíduo, em plena saúde mental e subordinado apenas à forma do seu temperamento.

Aliás, eu devo esclarecer uma coisa: os rótulos, em arte, tem pouca importância para mim. E entre nós, diga-se de passagem, essa questão de "arte

Portinari — Mulher chorando



clássica" e "arte moderna" tem sido pretexto para muita mistificação e muito equívoco. Entre os próprios artistas a confusão é geral. Há muito "artista moderno" que não conhece o sentido exato do "modernismo", como há muito artista que se supõe "clássico" e que na verdade é "moderno" como Mr. Jourdain fazia prosa, sem o saber... Para mim pessoalmente, essa questão de rótulos tem importância secundária. Até mesmo porque esses termos: "clássico" e "moderno", na realidade, não tem aplicação muito precisa, são usados arbitrariamente, muitas vezes com uma impropriedade irritante. Depois, é preciso não esquecer que o chamado "movimento moderno", velho de trinta anos, já foi superado, e não interessa mais como "escola". O que é preciso, isso sim, é recolher a lição da sua experiência, prossequindo paciente e teimosamente as pesquisas iniciadas, para conseguir o milagre da incessante renovação. Estacar na atitude "modernista", repetindo tudo aquilo que já foi feito, sem procurar superá-lo, é incidir em puro "academismo": o "academismo modernista"... J. Ortega y Gasset, a propósito de Proust, se me não engano, contou um episódio que é instrutivo como um apólogo. Era o caso do anão que frequentava uma biblioteca, mas que, de estatura muito pequena não alcançava a altura da mesa de leitura, estando assentado na respectiva cadeira. Foi então ao bibliotecário e pediu um dicionário.

— Mas, dicionário de que língua? Francês? Inglês? Espanhola? — redarguiu o empregado.

— É indiferente. Qualquer um me serve. É apenas para eu me sentar em cima...

Para o pintor modernos os temas — paisagens, figuras, naturezas-mortas — são o dicionário do anão: tem importância secundária, servem apenas de pretexto. São, pois, indiferentes... Aliás, segundo a observação do próprio Gasset, o verdadeiro grande pintor é sempre como o anão do apólogo: serve-se dos seus motivos simplesmente como de um dicionário, para se sentar em cima... Claude Monet, pintando a Notre Dame e a Gare de Saint-Lazare ou Degas pintando "danseuses" e jôqueis, não tomaram esses temas senão como pretextos: o que eles queriam, utilizando tais assuntos, era fixar as perspectivas aéreas da passagem, surpreender a graça alada do movimento, captar a vibração cromática dos seres e das coisas... O pintor moderno deve ser assim: os assuntos são simples pretextos para pesquisas que resultam numa renovação constante de processos e de valores".

Sob o ponto de vista social, que lhe parece a pintura moderna?

Responde o acadêmico A. Carneiro Leão:

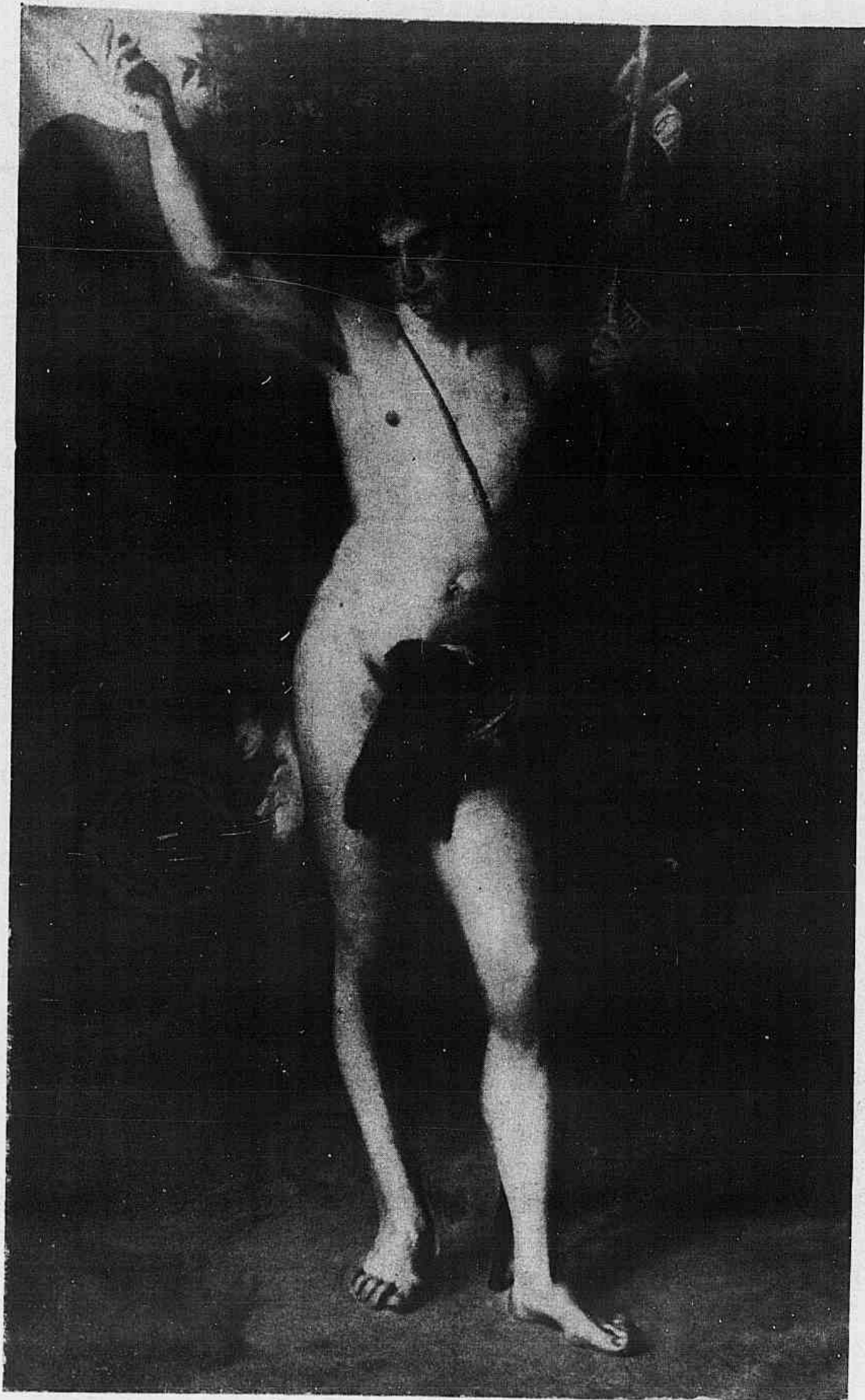
— "A pintura moderna, sobre a qual tanta tinta vem correndo e na qual tantos críticos louvaminheiros, improvisados, julgam estar descobrindo para a posteridade uma galeria imensa de gênios, constitui assunto deveras perigoso.

Ao receber o convite para manifestar-me a respeito meu primeiro movimento foi de recusa. Pensei imediatamente na sentença exata de Beaumarchais: "Il fallait un calculateur ce fût un danseur que l'obtint".

Mas... "trata-se apenas do ponto de vista social em que a pintura moderna pode ser encarada", diz-me o interlocutor.

Não assim, receoso de cair na mesma falta daqueles críticos improvisados, logo cohonestei a minha decisão acentuando o aspecto em que me ia colocar e o caráter pessoal, personalíssimo de minha impressão. E fiz notar que a pintura moderna é exatamente a prova de quanto a inteligência e o sentimento do homem são condicionados pelo ambiente, pelo clima social.

A era de inquietação, de ensaios e de provisórios em que vivemos, desde os primeiros anos deste século, concretizada após a primeira guerra mundial e intensificada a partir da segunda, não poderia deixar de refletir no pensamento e na sensibilidade dos homens.



Zeferino da Costa — São João Baptista

A princípio a própria vida social, os próprios designs dos grupos humanos foram a inspiração e os motivos para grandes artistas. Eram todavia o tema e o tom que caracterizavam e coloriam o modernismo artístico. A vida atual em seus aspectos aparentemente chocantes tornava-se a imagem senão o objeto mesmo da obra de arte.

A poesia de um Verhaeren, pintando com as cores da epopéia a incandescência ofuscante das forjas, o ritmo ensurdecedor das uzinas, o arquejar tumultuário da vida diária nas cidades tentaculares; a escultura de um Rodin ou de um Iruurtia, buscando no trabalho e na energia física os motivos de suas obras; o pincel de um Quinquela Martin, descrevendo, numa conflagração de massas, o tumulto da atividade dos homens rudes de trabalho nas oficinas ou nos portos, nos deram uma visão épica da vida social em criações soberbas de flagrante de humanidade e de beleza. Aí então a pintura era moderna pela técnica e era representação social pela intenção e pelas sugestões.

Eis que o modernismo mergulha na abstração, no subjetivismo, quando não na deformação e no mistério. Não discuto sua força renovadora de métodos, de técnicas, de objetivos, de sensibilidade e de gos-

to, sobretudo nos autênticos valores da escola (uma vez que em todas as escolas os privilegiados excelem) apenas assinalo sua integração no momento social em que vivemos e dentro do qual haverá, certo, muito de grande e de incompreensível ao lado de muito de tumultuário e de incoerente. Aqui o prejudicial, o doloroso não pode deixar de ser, no ponto de vista da formação artística da juventude, o conceito, que os imitadores medíocres parece proclamarem de desprezo pelo estudo sério e pelo esforço continuado, de desdém extensivo pelas regras da arte. Ai! deles e ai! de nós! Em pintura como em coisa alguma há geração espontânea. Nada que conta como elaboração humana se subtrai à dura lei do trabalho. E não há confirmação mais pronta nem mais impressiva desta verdade que uma simples visita a grande número de exposições de pintura moderna. Longe de uma sensação de beleza, de recolhimento, de tranquilidade, o que trazemos de contacto com as telas de alguns modernistas é a vacuidade, a impressão da ausência de sentimento, da confusão, do tumulto, de desvário da vida de nossos dias.

Sob o ponto de vista social a pintura moderna se me afigura, pois, um flagrante quasi fotográfico da realidade em que vamos submergindo."

Crônica PARLAMENTAR

AFONSO DE CARVALHO
DEPUTADO PELO ESTADO DE ALAGOAS

O mês de Maio espalha na Constituinte rosas e espinhos.

A Comissão Constitucional tudo faz para corresponder à confiança da Assembléia. Trabalha, realmente, com excepcional devotamento, no sentido de terminar, dentro do prazo pre-estabelecido, a relevante missão que lhe fôra cometida.

Apezar da preocupação dos Snrs. Constituintes ser, de fato, a discussão da matéria constitucional, a Assembléia tem, todavia, a sua atenção desviada para a ingrata discussão da política partidária, cuja culpa suja os políticos da U.D.N. insistem em lavar, com sabão grosso, na tribuna do Palácio Tiradentes.

O Snr. Benedito Valadares, há muito atacado, resolve responder aos seus insistentes e obstinados acusadores. O discurso do ex-governador mineiro provoca em plenário tumultuosos debates. Apezar de hostilizado por uma pleiade de constituintes de reconhecido valor e com acentuada prática parlamentar, o orador sabe, com muita vantagem, rebater os primeiros apartes, realmente infelizes. E, com a autoridade conseguida logo de início, prossegue, vitorioso, em sua oração.

A União Democrática Nacional perde a serenidade; aparteia com infelicidade; irrita-se com a calma e a surpreendente superioridade do orador, e, como última expressão dos seus desacertos, comete o desprimor de abandonar o recinto...

A Baía também oferece um espetáculo de sensação, no terreno da política partidária.

A bancada baiana do P.S.D. não se conforma com a decisão tomada pelo interventor da Boa Terra de entregar à minoria as prefeituras, onde a U.D.N. ganhara as eleições, em 2 de Dezembro último.

O ato do interventor Marback é tido e havido como injusto e anti-democrático. O angú baiano ferve, reíerve...

O Sr. Juraci Magalhães mete a sua colher no vatapá fumegante. O deputado Vieira de Melo também remexe a valer o prato que, cada vez mais, vai se apimentando.

Os dois representantes baianos trocam palavras, que se não temperam com as doçuras da água de côco.

Mas a Baía é boa terra. E o áspero diálogo dos dois constituintes termina sem manifestações musculares. Ambos respeitam a Assembléia.

A política do Estado do Rio também vem à balha. A propósito do energico

decreto do Presidente Dutra, acabando com o jogo de azar em todo o país, um deputado da oposição, a propósito do contrato celebrado entre o governo fluminense e o **Hotel Termas Quitandinha**, acha ocasião propícia para atacar a administração do comandante Amaral Peixoto.

O ex-interventor, em aparte, rebate as acusações — e volta à calma a política do Estado do Rio.

Mas... basta de política partidária.

Outros assuntos de relevância merecem um justo registro.

Seria impossível que, também nesse agitado mês de Maio, o comunismo não retornasse ao cartaz, e novamente com escândalo.

A secção brasileira do partido soviético, e que vulgarmente é conhecida como **Partido Comunista do Brasil**, obstina-se em realizar um comício no Largo da Carioca, apesar do mesmo ter sido proibido pela polícia.

Consequências: disturbios; choques entre populares e a polícia, feridos e um morto.

O fato reflete-se na Constituinte.

E é tão notória a responsabilidade dos agentes soviéticos que o próprio Snr. Hermes Lima vai à tribuna e acusa o Partido Comunista de estar comprometendo o desenvolvimento pacífico da redemocratização do país!

A Assembléia vota uma moção de solidariedade e aplauso ao General Eurico Dutra, Presidente da República.

No meio de tão agitados debates a Constituinte tem, outrossim, o seu momento de calma e de exaltação cívica.

— Consagra o dia 11 à memória de Caxias e da Princesa Isabel.

Há cem anos, precisamente, o Patrono do nosso Exército chegara ao Senado do Império para tomar posse de sua cadeira de senador.

O velho marechal, apesar do seu horror à política rasteira, partidária, tinha em alta conta o Parlamento do Império. E empenhou-se a fundo na sua eleição à Câmara Alta.

Pedi ostensivamente o apoio de Osório: "Desejo ser senador pela sua Província e creio que para o persuadir disto não é preciso muita lógica..."

Quando Caxias vai tomar assento em sua bancada, quem primeiro o abraça é o seu pai, o velho Regente, o general Lima e Silva.

Pai e filho, senadores!

A data de 13 de Maio, que a Assembléia não pode comemorar nesse dia por ser domingo, é, também, condignamente evocada.

O gesto da Redentora é lembrado com igual entusiasmo com que se recorda a ação persistente, patriótica, dos parlamentares, cuja palavra sempre esteve a serviço da causa abolicionista.

E' inegável o papel destacado que teve a imprensa, na memorável campanha pela libertação dos escravos.

Cumprido, todavia, não esquecer o Parlamento, em cuja tribuna se fez ouvir tonitroante o verbo do Visconde do Rio Branco, Nabuco, etc...

Apesar de tantos anos já se terem passado, é oportuno lembrar a advertência de Ramalho Ortigão:

"O escravo persiste escravo apesar da lei, enquanto um sistema geral de ensino e de liberdade não fizer dele um cidadão".

A Assembléia tratou, ainda, de vários assuntos econômicos, de real interesse para o país. E está discutindo o aproveitamento da Cachoeira de Paulo Afonso, quando um grave incidente vem quebrar o ritmo dos trabalhos parlamentares.

Um constituinte declara dramaticamente em plenário que fôra agredido fisicamente por um deputado e um senador, irmãos de um ministro de Estado, a quem momentos antes o mesmo constituinte atacara de maneira descabida e, digamos em respeito à verdade, cometendo grave e notória injustiça.

A Assembléia, em sessão secreta, posteriormente apreciará o fato.

Como se vê, Maio espalhou muitos espinhos pela Assembléia Nacional Constituinte.

E talvez mesmo por causa disso, deixou para o último dia do mês uma festiva braçada de rosas.

— E' apresentado em plenário o projeto da Constituição, elaborado pela Comissão dos 37.

E a Assembléia aprova-o com uma salva de palmas.

— Bom? Mau?

Como base de discussão, perfeitamente aceitável.

Cabe agora à Assembléia estudá-lo com o maior respeito para que a nova Constituição seja digna da confiança que o povo depositou em seus representantes.



Do canhenho de um **HOMEM BOM**

CLAUDIO DE SOUZA
(Da Academia Brasileira e do
P. E. N. Clube).

RANSCREVO a seguir, sem alterar uma linha, o que encontrei à página I, do "Canhenho de um homem bom", que o vento deixou cair na rua da Alegria:

"De tanto lêr filósofos otimistas, formei uma idéia entusiasta e apologetica acerca da bondade humana.

Seduzia-me principalmente, a amizade, pelo que de abnegado e de fraternal nela vira descrito. Quiz colhê-la da mulher, da mais apurada.

Gentê conhecida, tinha-a e não pouca. No clube havia um grupo que se me dizia amigo, que me recebia sempre solícito e pressuroso. Algumas senhoras convidavam-me afavelmente para suas reuniões, em que se bebia chá com rodela de limão de certa maledicência elegante. Na rua encontrava-me muitas vezes em cada dia, com certa simpatia flutuante, que indaga por indagar de nossa saúde e de nossos negócios, mas nem porisso deixa de ser amável. A sugestão dos filósofos otimistas, porém, levava-me a desejar mais do que o bom trato das amenas convenções. Justamente, os amigos que mais me procuravam e mais me lisonjeavam, tinham certas dificuldades para resolver. Comecei a ajudá-los. E com isso notei que aumentava o número de pessoas que me manifestavam simpatia e solidariedade.

Procurei, além desses, outros que tivessem um pesar que lhes amargasse o ânimo; uns pela inveja, outros pelo orgulho, outros pela avareza, outros pela ira, outros pela gula, outros pela luxúria, outros pela preguiça, feridos todos pelas sete flechas mortais que o pecado ainda no corpo humano à altura da razão. A todos auxiliei, esperando com isso obter-lhes a amizade sem vacilações.

Entre os que mais protegi, havia um professor de piano que se enraivava pelo insucesso de sua música; era outro um rapaz de cérebro obtuso, que minguava de inveja ao vêr o esforço inteligente enriquecer alguém; a outro desviei do suicídio, a que o ia levando o descalabro de seus bens; a outro, que encontrei entre lobo e cão, no fundo de um corredor, salvei da polícia que o procurava por uma letra falsificada. Havia ainda uma viúva pobre que definhava de amor por um homem ainda mais pobre. Dotei-a.

Gabaram-me o altruísmo, que entretanto não era mais do que egoísmo pelo desejo de gozar a volúpia de ser bom. E como o egoísmo é o único sentimento que realmente existe, fui abnegado, sublime, pouco menos que heroico...

Era um prazer observar como eles se mostravam agradecidos, como me beijavam as mãos, como me enchiam a casa de alegria, jurando-me uma gratidão que só a morte poderia extinguir. E isso fazia-me redobrar os esforços e afadigar-me em beneficiar os infelizes.

O professor de música viu-se consagrado. A viúva, por mim dotada, abandonou o pobre diabo que se derretia por ela, para conquistar o amor apaixonado de um corretor de fundos; o rapaz de engraçado engenho, subscreveu obras que eu escrevi e teve destaque em negócios que eu organizei; o que se queria suicidar, pu-lo à testa de uma empresa de seguros de vida; o que falsificara a firma, fi-lo diretor do gabinete de identificação de um banco. Todos prosperos, todos felizes! Tinha-os a meu lado radiantes, venturosos. Vinham almoçar ou jantar comigo. Louvavam-me os vinhos, celebravam-me as iguarias, e bebiam e comiam que era um gosto observá-los!

Para soffrear a inveja de quem assim me via, banhado nas placidas águas de tão sossegado lago, assim explicava tamanha ventura:

— São amigos que criei como flores raras, na estufa tépida da gratidão. Façam como eu!

A proporção porém, que esses caros amigos iam realizando suas ambições, escasseavam-me cada vez mais os haveres. Na embriaguês em que ia meu desejo de ser bom, só acordei do meu ledo sonho quando um Oficial de Justiça me bateu à porta com uma intimação, a primeira letra de cambio que não pude pagar. Que valia porém, aquilo para quem tinha amigos tantos e tão dedicados e todos prosperos? — Procurei-os. O maestro estava de viagem. A viúva sentia muitíssimo não poder servir-me, mas o marido se metera em empresas que não lhe permitiam distrair delas qualquer quantia. A outro encontrei na rua, de braço com o que protestara a letra. Afirmou-me que estava sem centavo, e trazia a carteira cheia... O que eu livrara do suicídio só poderia socorrer-me com tempo. O que falsificara a firma, disse-me que lamentava muito, mas naquele momento nada podia fazer por mim.

O que me pertencia ainda, foi à praça: e eram apenas meus móveis. Levaram-me tudo. No dia seguinte fui visitar a casa vazia.

Junto ao portão do jardim, encontrei um livro, que eu deixara num banco. Era de um de meus filósofos que ali adormecera, no seu otimismo, entre rosas e madre-silvas. Colhi-o e ia sair, quando a polícia que ficara a guardar a casa, me disse:

— Póde levar, também, estes seus amigos, pois ninguém os quis.

Voltei-me. Eram dois cães de rua, dois vira-latas, que eu acolhera.

Eles saltaram-me ao peito a afagar-me, e saíram comigo, sinceros e devotados, para o caminho incerto da miséria, agitando a cauda e lambendo-me as mãos. Ah os cães, que admiráveis animais, só eles lambem mãos vazias!"

(Do livro de cantos "Sol e Sombra" que acaba de aparecer numa magnífica edição do P. E. N. Clube do Brasil.)





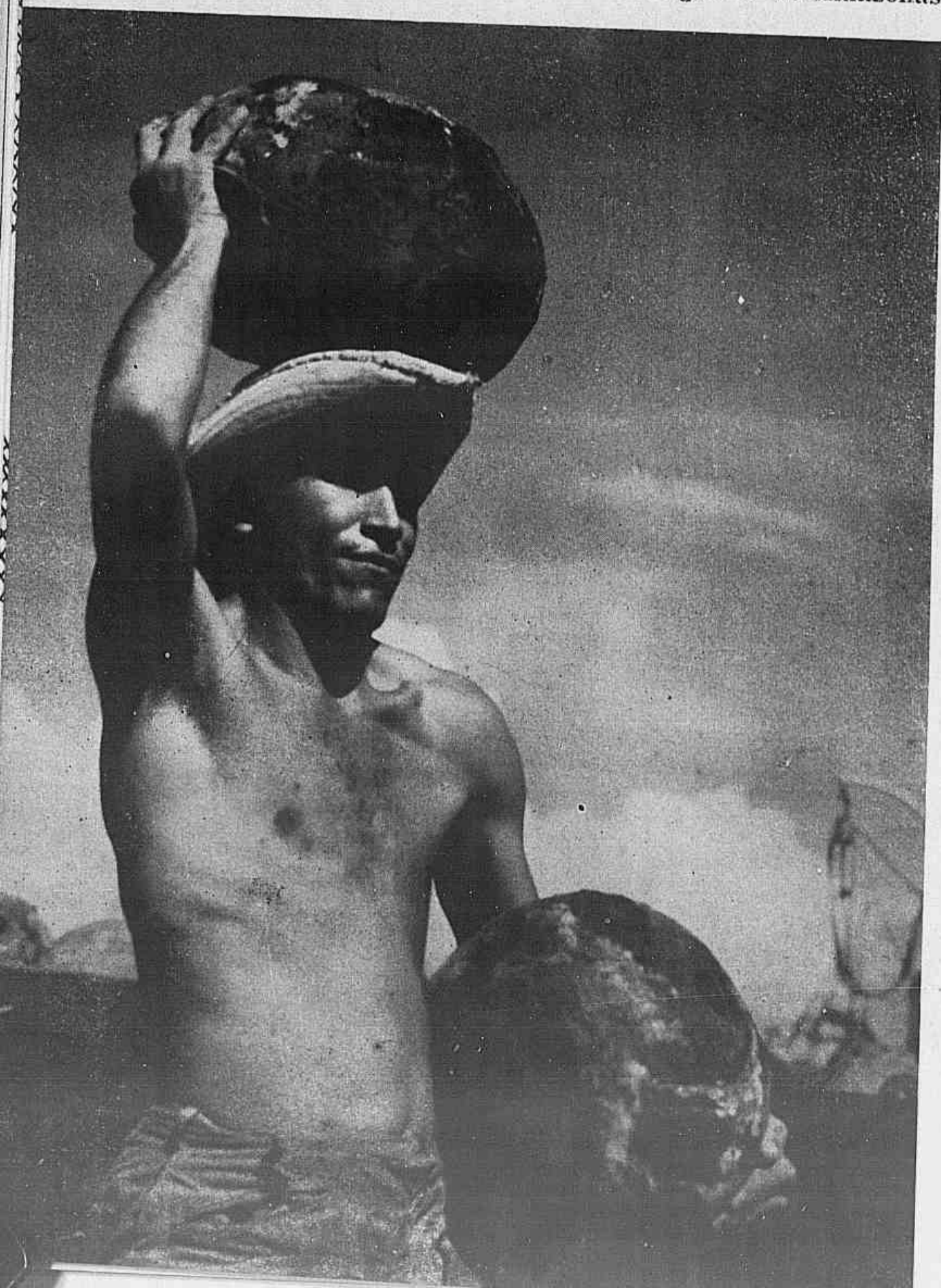
*Paisagem
Caríoca*

PRAÇA PARIS



Seringueiro do Amazonas

Embarcações que navegam diariamente do "Careiro" para Manaus, trazendo frutas e legumes para o abastecimento da cidade



O Amazonas NO CORAÇÃO DO RIO DE JANEIRO

○ Dr. Julio José da Silva Nery, atual Interventor Federal no Amazonas, é um dos governantes mais empenhados e de mais viva inteligência entre os que honram o quadro da administração pública do Brasil.

Seu profundo interesse pelas coisas do seu Estado está patente em todos os atos do seu governo e abrange os mais diversos aspectos.

Ainda agora, S. Excia. tomou uma iniciativa simpática e felicíssima qual a de instalar no Edifício Rio Negro, à Rua do México, uma sede para a representação do Amazonas, destinada aos trabalhos dos senadores e deputados federais e onde a colônia amazonense e pessoas interessadas poderão encontrar informações sobre aquele Estado.

Quem quer ter uma visão de conjunto, ampla e bela, da maravilhosa terra amazônica, não precisa mais do que fazer-lhe uma visita.

Mas ali não vão apenas os curiosos das belezas panorâmicas e das informações econômicas: ali vão também os filhos do grande vale, que souberam converter o local em ponto de encontro habitual, de modo que se pode dizer, sem exagero, que ali está, de fato, uma síntese da terra e da gente do Amazonas transplantada para o coração do Rio de Janeiro.



Monumento comemorativo da abertura dos portos do Amazonas, construído na administração do Coronel José Cardoso Ramalho Junior

Flor do Mar

CONTO DE VIRGILIO VARZEA



A velha barca "Bom Destino", já nas alturas dos Abrolhos, vinha agora numa bolina cochada, na bordada de terra, a forcejar contra o nordeste duro. Saíra do Desterro com excelente viagem — tempo seco e claro, uma brisa favorável de sueste, o ano todo em cima, voando alegre junto a costa, entre alvos bandos de alciones, parecendo ela própria uma alcione, mas uma alcione gigantesca e fantástica. Eram começos de março. Cessado o sueste ocasional, voltara a nordestia de fins de verão que, como sempre no sul do Brasil, aumentava agora de intensidade e violência aos primeiros prenúncios do outono a chegar, qual sucede invariavelmente aos ventos gerais ao expirar de cada uma de suas fases periódicas.

Assim, na altura de Santos, ao calmar aquela brisa benéfica do segundo quadrante, o nordeste rigíssimo envolvera a barca que, apesar de bolineira de lei, não avançava quase para o norte. Dir-se-ia que já abatida e sem torças, obliterada a atividade singradora de outrora, se negava a prosseguir na derrota; velha, de certo, desejosa de eterno descanso em qualquer recanto remançoso de praia onde pudesse, sem mais lutas com as tormentas e as ondas, desfazer-se e indar pouco a pouco, servindo apenas, como todos os cascos abandonados ou naufragos, de pouso e miradouro passageiro as brancas aves do mar.

O Manuel Fontes, proprietário e capitão da barca, um hércules de sessenta anos, parecendo entretanto ter apenas quarenta pelos músculos integros e moços, a saúde ainda plena e poupada nessa idade, como em regra nos marujos, principalmente mercantes, devido ao recolhimento, a solidão, as longas e forçadas abstinências de tudo, ao isolamento constante e de claustro que a vida de bordo impõe invariavelmente aos que nela andam porque o navio não é senão um claustro flutuante — o Manuel Fontes já se sentia também latigado do seu constante e ininterrupto viajar, consumindo nos últimos tempos, e mais naquela viagem, pelo anseio de um definitivo repouso nalguma curva mansa da praia, para aí achar serenamente os seus dias. Mas a vida é um torvelinho que nos envolve até a velhice, até mesmo à extrema velhice, até a morte, por fim.

Além disso havia as exigências sociais, havia que garantir a felicidade do lar, o próprio pão e o dos outros. E ele tinha uma filha, uma filha única e loucamente amada, na qual via o coroamento incomparável da sua ansiedade, o paraíso da sua triste vida de exilado de terra, passada no infinito deserto do mar... Por isso ali ia ainda, jurando a si mesmo, — o que de certo cumpriria com palavra de marujo, que não volta atrás, como a ce rei — jurando a si mesmo que seria aquela a última das suas viagens, feita ainda somente para "arrendoar" a sua pequena fortuna — o dote da filha — tão econômica e longamente acumulada sob contínuos sacrifícios, perigos, afeições, nostalgias, saudades... Na venda do carregamento de farinha que levava para Pernambuco, agora que a seca e a fome — os tremendos flagelos dos sertões do norte do Brasil — elevava fabulosamente o preço dessa mercadoria, na venda desse carregamento esperava tirar a soma necessária para completar o pecúlio que lhe abrigaria a velhice de qualquer infortúnio vindouro e faria a felicidade da filha, garantindo-lhe o futuro... Encostado a balastrada de ré e de quarto nesse instante, o Manuel Fontes, como a barca ia bem na singradura a que andava, embora o dia começasse a escurecer e a toldar-se ameaçando mau tempo o que aliás vinha já do romper d'alva, o Manuel Fontes conversava animadamente com os passageiros e a filha — que o acompanhava sempre pelos mares — sobre os atrasos inesperados de viagem, pois, devido a nordestia berrante, tinham levado quinze dias a vencer caminho de Santos aos Abrolhos, quando haviam gasto unicamente dois do Desterro às alturas daquele grande porto pau-

lista, embora aquela primeira distância fosse duas vezes maior que esta última, não havendo contudo entre ambas, na marcha realizada pelo navio, a realidade comum das coisas. — Viagem melhor que a de um vapor, essa do Desterro ao paralelo de Santos! dizia ele a rir, com os belos dentes brancos a entreabirem de leve os lábios, rasgados num rosto inteiramente raspado, obeso e cor de lacre, como o de um abade anglo saxônio. Mas o nordeste veio de "esfregar", o demônio! E aqui estamos a consumir o tempo que devíamos levar de Santos ao Recife... Felizmente o sudoeste não deve tardar para nos impedir, numa só amura, se porventura aguentar até a Ipojuca... Está mesmo a pintar o raio! Mas que caia as direitas, fazendo voar esta velha "carcassa", que já não tem mais que dar...

Os passageiros riram também, ao gracejo final do capitão aludindo a sua velha barca. Eram esses passageiros, nessa ocasião, uma meia dúzia apenas, todos negociantes do Desterro ou no Recife, a exceção de um jovem de 20 anos, filho de um velho militar catarinense muito amigo do Fontes — o marechal Guilherme Xavier de Sousa. Esse jovem que se chamava Artur, ia fazer o seu último ano de Direito na capital pernambucana, e, desde que o navio levantara ferro, dir-se-ia tomado de uma impressão passional pela filha do capitão, a morena e linda Rute, tão morena e tão linda, talvez, como a sua remotíssima homônima bíblica, mas que, desde então, no Desterro e onde quer que a levava daquela barca, tão mimosa e galante era, que os extremosos pais, bem assim a companhia que andava então na barca, a haviam apelidado, num encanto, com imenso acerto e meiguice, de Flor do Mar. E como tal todos a ficaram conhecendo desde então, no Desterro e onde quer que a levava o pai, nas suas constantes viagens.

Flor do Mar era filha única do capitão Manuel Fontes e a sua joia querida, o enlevo maior dos seus afetos e da sua vida, principalmente depois que tivera a desventura de perder a esposa, de um parto fora de tempo, horroroso, ocorrido a bordo do lugre "Sol", havia oito anos, numa sinistra

noite de ciclone, no mar das Antilhas, em viagem para Nova York. O mar levava-lhe nesse dia, o maldito! Metade do coração com aquela santa companheira de quarenta anos, bem como o fruto dos seus amores, que nascera morto e que, não fora isso, seria um tesouro a mais no seu lar, na sua alma, na sua longa existência de marujo, tão cortada de trabalhos e perigos, e cuja suprema compensação e ventura e glória, consistiam e se concretizavam tão somente na delícia da família. Mulher e filhinho, coitados: tinham ficado para sempre perdidos no seio daquelas águas revoltas, amortalhados numa vela de bordo, que ele e Flor do Mar — ainda tão pequenina e já orfã dos carinhos maternos — com sete anos apenas! — haviam tão longamente abraçado, beijado e coberto de lágrimas sem fim... Desde então toda a sua mais alta esperança e ventura era aquela filha, aquela doce Flor do Mar, flor, sim! mas humana e preciosa que o Oceano dir-se-ia lhe jogara um dia, num momento de alegria indisível com uma palma de glória, a ele, lutador intemorato e amantíssimo das ondas, das ondas em cujo arfante e espumoso colo de esmeraldas

e pérolas se inebriara outrora de em-ções e de sonhos dessas ondas a que se votara inteira e apaixonadamente de menino...

Mas a barca, na sua bordada de terra, estava já quase em cima dos Abrolhos, amarrada apenas cinco milhas. O barómetro que começara a baixar desde manhã, baixava mais ainda. O tempo passava-se agora de carrascão, com o sudoeste iminente. Nesse quadrante entrara já a fuzilar. A borrasca estava pois, a cair. Era preciso virar quanto antes na borda de fora, na bordada do mar.

pai, perdido de enlevos por ela, consentira desta vez, como de muitas outras, permanecesse no tombadilho, mas sob condição de baixar ao camarote ao primeiro golpe de mar ao primeiro pagão de vento que por acaso envolvessem o navio... Nisto, as últimas ordens do capitão ao timoneiro e a companhia de quarto estalaram a grandes brados, e a barca entrou na virada, na difficilima virada por d'avante, com grande lentidão e formidaveis balanços. Mas o sudoeste desabava, nesse mesmo instante, terrível e de arrancar tudo, num fragor de

e lançando pela alheta um olhar rápido e desvaído aos vagalhões revoltos, altos como montanhas e raivando espumas as lufadas doidas do vento, pôde ver, com relance supremo, o lugar em que a filha caíra e se debatia anciosamente. E, sem mais perda de tempo gritou rijo, à companhia:

— Volta, volta a tudo, gente! Leme todo a bom-bordo! Bracela as gaweas! Arria amantinhos! Arria! Lestos, malditos! Lestos, com mil demônios. Que desgraça, meu Deus! Valha-me a Senhora dos Navegantes! Uma arroba de cera, se Flor do Mar for salva! Uma arroba de cera, minha Senhora dos Navegantes!...

A barca obedecera pasmosamente a esta nova manobra, virando em roda, como uma gaivota, como uma flecha, alagada de proa a popa pelos vagalhões e, adriçada toda a estibordo, voava na coroa das ondas, parecendo também ansiosa por chegar ao lugar do sinistro, como o angustiado e extremoso coração de Manuel Fontes e dos seus bravos marinheiros.

Mas fôra em vão, desgraçada e tristemente em vão, porque Flor do Mar desaparecera já para sempre, no seio tórvo das vagas.

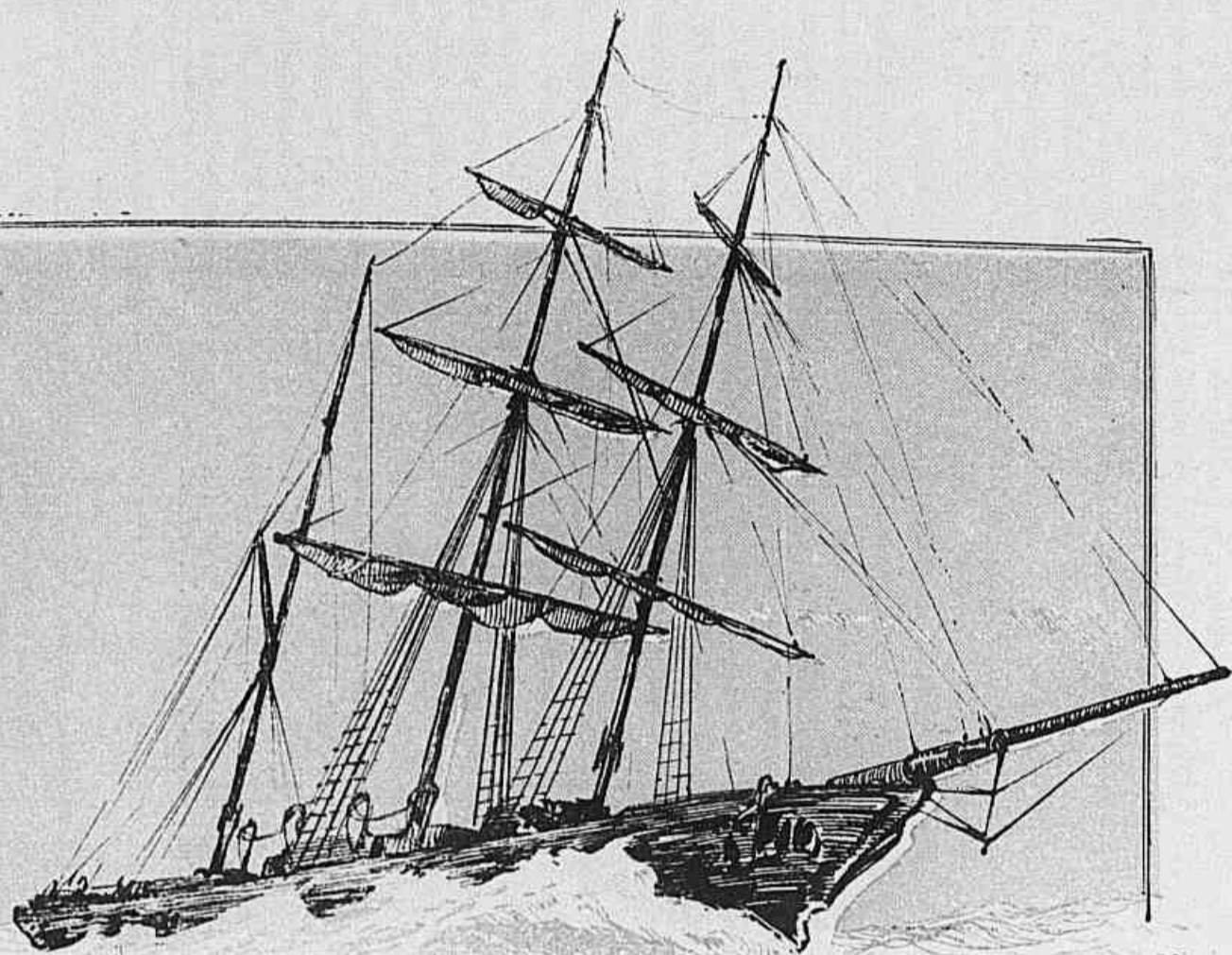
Ainda assim a barca atravessou como poude e como lhe permitiram os terríveis vagalhões, e arriu-se, a todo risco, um escaler com seis homens. E até à noite, na iminência escruciente, esmagadora, de afundar-se o bote e o próprio navio com todos que estavam a seu bordo se procurou incessante e angustiosamente a desventurada criança para se arrancar ao menos, os seus de pojos queridos às fauces tré-das e hiantes do monstruoso Oceano. Em vão, porém, tudo em vão!...

A noticia de tão triste ocorrência os passageiros subiram à tolda, vivamente penalizado, e mais que nenhum pudera! o Artur Xavier, o jovem estudante de Direito, que já adorava Flor do Mar e que tinha os olhos inundados de pranto. Ela, a marujinha, coitada, quem sabe? talvez já o amasse também... Então ficaram todos a olhar, por instantes, o ponto das águas em que desaparecera a graciosa menina, que era sem dúvida o maior encanto de bordo...

Afinal, o pobre capitão Manuel Fontes, numa ansia inominada, o coração em tormenta como todo aquele mar, louco e perdido de dor, chorando qual uma criança, retomou o seu rumo em demanda do Recife...

Foi essa a viagem mais triste, mais infeliz e mais funebre que fizera o "Bom Destino", a qual, depois de trinta e seis anos de mar, desmanda pela primeira vez a expressiva significação do seu nome. E por isso o capitão Manuel Fontes apenas chegou ao Recife e desembarcou o carregamento, e fez vender em leilão. Um mês depois, esse heróico "lobo do oceano", que apurara nessa velha barca e na carga cêrca de vinte e oito contos de réis, arredondando assim — mas agora, sem mais alegria e ventura! — uma fortuna regular, regressava ao Desterro a bordo do brigue escuna "Saudade", abandonado para sempre o tombadilho dos navios e o seu velho e amado Mar, e indo viver o resto da sua existência só com as três irmãs solteironas que ainda lhe restavam, já quase tão velha como êle, na sua chacara de São Luiz, pitorescamente situada num recanto litoral da baía do norte, em a capital catarinense, nessa chácara onde as ondas, com os seus marulhosos encantos, vinham ainda perenemente tentá-lo, mas em vão, a novas aventuras e viagens, espumosamente a baterem contra a vasta linha do cais, que defendia da salsugem e das tormentas os seus jardins pomares...

E ainda agora, aos noventa anos, o venerando marujo, sempre vestido de luto e a lastimar a sua sorte, cada vez que alguém lhe fala na infeliz Flor do Mar, cai em desolado pranto, a recordar tristemente a perda dessa menina formosa e eternamente amada.



O Manuel Fontes então, de pé no catavento, sclou a voz que o contramestre acusava de pronto, em cada uma de suas ordens.

— Preparar para virar! Olha a gente dos braços de gaweões, as encostas, aos estais! Gageiros e moços à riba! Arria, carrega, ferra sobres e joanetes. Gaweas e gatas em terceiros! Tudo a ama! Presto, presto, gente, que o tempo está de carrascão, e vem aí de arrasar!

Já o norte berrante calmara, desaparecera como por encanto. Mar e céu estavam negros de tinta. Parecia noite, mas uma noite convulsa, dantesca. Troavam já os trovões. Os fuzis multiplicavam-se por todo o horizonte, fazendo no espaço instantaneos e deslumbrantes zig-zagues de rubim.

Imediatamente os passageiros deixaram o tombadilho, recolhendo-se a câmara. Entretanto Flor do Mar, como frequentemente sucedia, deixou-se ficar sentada, como estava, à guarita, familiarizada, desde ao nascer, com aqueles momentos de faina impetuosa, de lufa-lufa a bordo, familiarizada qual verdadeiro marujo com os furores das vagas, com os continuos perigos, com as desfeitas tormentas. O

cataclismo, com bategas d'agua diluviais, redobrando então de intensidade e pavor os trovões e fuzis. E a manobra, apesar de bem mandada, foi apanhada em mais de meia por esse tempo desfeito que, num turbilhão infernal de vagalhões desencontrados e em rajadas irresistíveis, levou velas e vergas para as profundezas do "charco".

Os brados e pragas, como sempre a bordo em tais momentos, casavam-se medonhamente ao ribombar desolado e feroz da tormenta. Havia, em toda a barca, uma confusão indescritível, tumultuosa, suprema. Ninguém se entendia, em meio a furia, a desordem, ao bramar dos elementos...

Súbito, então, a voz do timoneiro se ergueu dominando tudo, enérgica e poderosa, mas repassada de aflição e plangência.

— Misericórdia! Nossa Senhora nos acuda, capitão! A retranca carregou a menina, que lá vai borda fora, levada nos vagalhões!

O Manuel Fontes, que ao cair do tufão correrá a ajudar os braços da gaweia-grande e volvia já presentemente a ré, ficou estarecido por instantes contra a enxarcia da gata. Mas fora um lapso apenas



Paisagem — Época impressionante.



Vaso florido.

Por MICHEL B. KAMENKA



A vocação artística pode ser precoce ou tardia. Rafael assombrava, em pequeno, seus admiradores, entre os quais o portentoso Leonardo, pela perfeição inata de sua mestria. Mozart, menino prodígio, atinge quase espontaneamente uma maturidade aparentemente incompatível com a sua idade.

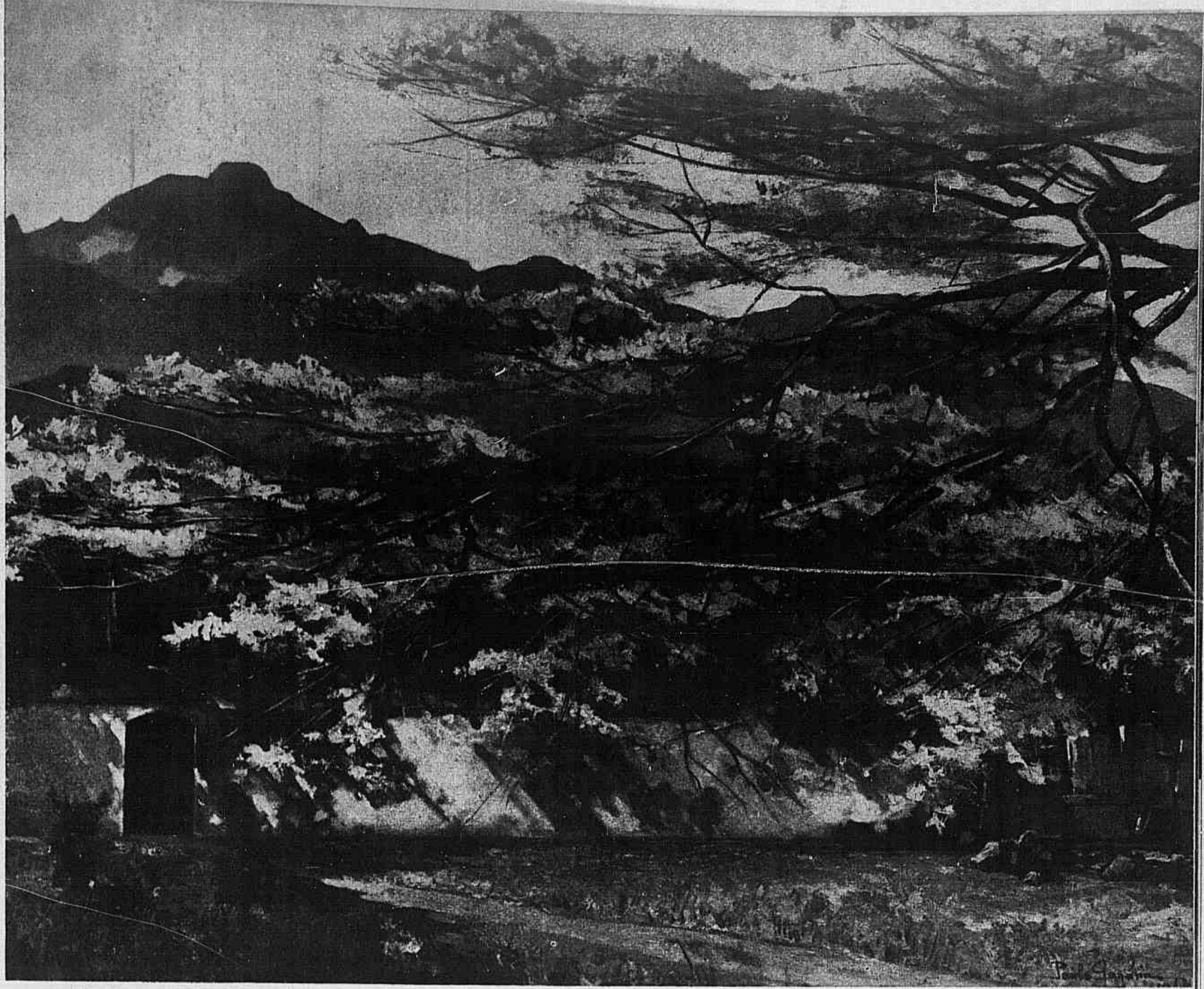
Coisa estranha! Esses gênios, despertados tão rapidamente, consomem-se cedo, como se tivessem consciência de ter atingido o extremo limite da sua criação, de haver terminado a sua missão na Terra. Rafael, conforme disseram seus biógrafos, "deixava-se morrer" envolto numa auréola de glória nunca conseguida por outros artistas de sua idade.

Mozart escreveu o seu próprio requiem, e extingue-se, vitimado por um mal misterioso, quando a sua produção musical culminava bem alto. Outros artistas começam a sua vida como simples mortais, sem se aperceberem da vocação que os vai consagrar. Viver como todo o mundo, trabalham, casam-se.

Um belo dia, a tuba da glória estronda no ar, aclamando-os, e tudo muda. O poeta Aragón diz muito bem que "a vida gira sobre seus calcanhares". O novo caminho é traçado pelo Destino. Ele será seguido até ao fim.

E' o caso de Gauguin que, da noite para o dia, se transmuda de simples empregado de banco num pintor revolucionário de larga projeção. E de outros — pois o caso não é raro no mundo da pintura.

O príncipe russo Pavel Gavriilovitch Gagarin torna-se cidadão, oficial de reserva e pintor brasileiro, e passa a chamar-se apenas Paulo Gagarin, e isso numa idade em que um homem raramente troca de profissão e de carreira. E' fora de dúvida que os germens da sua vocação estavam nele há muito tem-



Arvore em flôr.

po, e que os seus pendores naturais para as coisas de arte o encontraram numa fase de perfeito acabamento.

E' interessante constatar ter sido este país o lugar onde se operou tal transformação, e eu não duvido que a impressão produzida pelo Brasil, tão rico em côres e em formas, concorreu bastante para uma metamorfose já latente.

Lançado na batalha, Gagarin continuou a lutar; por sua profissão, por uma técnica mais aprimorada, por uma compreensão mais nítida e mais íntima dos temas que lhe são particularmente caros. Ele passa por diferentes fases, e não cessa de evoluir, verdadeiro artista que é.

Primeiramente, aquela a que eu chamaria: naturalista, ou fase de estudo. Ele se deixa arrebatado pelo prazer imediato de reproduzir uma natureza que o embevece e encanta. Breve, esse ambiente superficial já lhe não agrada. Atraído pelas possibilidades da técnica impressionista, esforça-se por captar a luz brasileira tão bela, tão fugidia e tão difícil de se reproduzir numa tela.

Afinal, sua inclinação inata para certa pureza da forma retorna-o. Ele procura contornos precisos, uma luz definida, planos perfeitos.

Campos do Jordão, lugar alto, com seu ar rarefeito, sem céus pálidos, suas perspectivas aéreas de uma plástica vigorosa, torna-se o modelo predileto do pintor e a fonte inesgotável de sua inspiração.

Ele passa meses inteiros em Campos do Jordão, a trabalhar isolado num "atelier" improvisado na elevada montanha.

Seu isolamento face a face a uma paisagem pouco austera permite ao artista uns minutos de meditação. Ele acha que suas telas sobejam ainda de detalhes e podem ser simplificadas.

Inicia sua nova fase, que eu denominaria "sintética".

Os ensinamentos impressionistas bem dosados, despojados da "insistência técnica", são discretamente concebidos — e aí temos essas telas temperadas e simpáticas, como a pequena paisagem que eu intitularia "curva de caminho na montanha", e que atraiu a atenção de todos no "Salão" deste ano. E' nessa direção que parece-me se encontram as verdadeiras aspirações

Natureza morta.





Curva de Caminho na Montanha — Campos de Jordão (Salão de 1946).

do temperamento artístico de Gagarin.

Uma certa simplificação na maneira de tratar o tema parece-me corresponder ao caráter do artista, à sua inclinação para o lado íntimo das coisas.

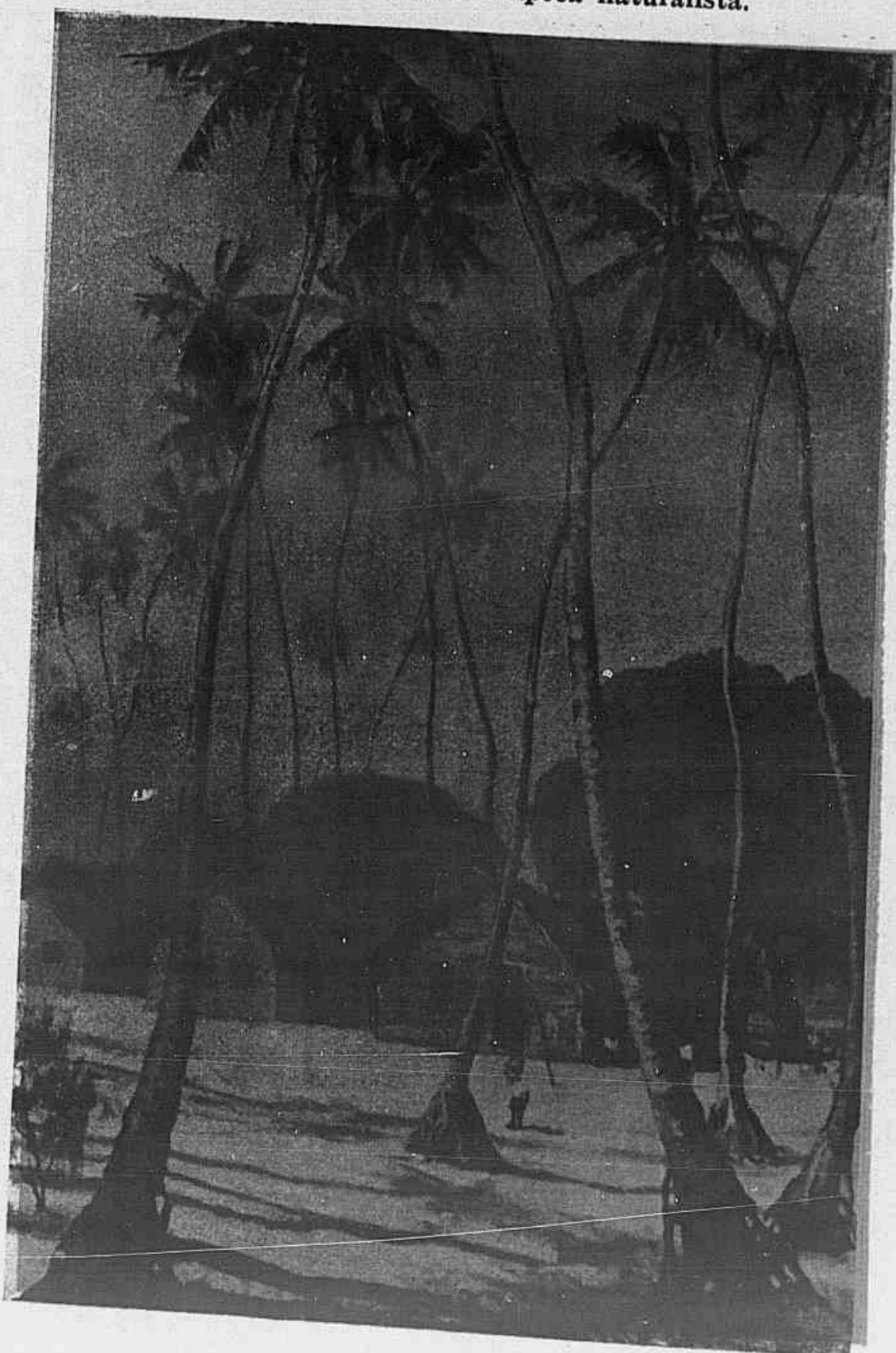
Vejam suas paisagens de montanha. Nem sempre representam um grande conjunto; dão, antes, a impressão de que mergulham, num ambiente de céu reduzido ou, mesmo, sem céu nenhum.

Dir-se-ia uma natureza concebida em pequenos pedaços.

O artista podia fazê-lo de modo diverso; mas quis, ao que supenho, mostrar a natureza sob o seu ponto de vista humano. A intimidade assim concebida dá um encanto particular e muito pessoal às telas de Gagarin.

Ele não se limita, ademais, às paisagens; dedica-se, também à natureza morta, com os mesmos princípios e com a mesma honestidade profissional que nos seduzem. A paisagem é, todavia, a espinha dorsal de

Coqueiros do Norte — Época naturalista.



sua criação artística. Devemos, mesmo, ser-lhe gratos por haver introduzido um gênero novo e profundamente nacional na pintura brasileira.

Antes dêle, os pintores limitavam-se aos aspectos pitorescos, e por assim dizer exóticos, do Brasil. Caboclos, igrejas plenas de azulejos, flamboyants em flor. Gagarin, antes que outro qualquer, compreendeu que a terra brasileira deve ser entendida e amada, não qual uma *féerie*, mas qual uma *pátria*, e que cada canto dessa possui um gênero e uma beleza diversos. Gagarin pinta e repinta, a cada passo, os morros desnudos do Campos do Jordão sem a preocupação de vir a ser acusado de monotonia. Pensa que essa paisagem por êle amada merece ser pintada, pintada, tanto quanto os coqueiros de Olinda ou os flamboyants da Gávea.

A obra de Gagarin, afora as suas qualidades intrínsecas, possui também essa qualidade nacional, tão preciosa.



VICENTE LEITE
PARANA MARAUI 1911

A água sempre foi, em toda parte, o regulador por excelência do povoamento.

As sementes da mais bela e fértil das heranças de nosso sangue, nasceram nos rastros dos homens que se internaram.

A captura do aborígene é a chaga dos empreendimentos sertanistas.

O povoamento arraigado nos fundos do Brasil é o resultado inegável da romagem interesseira de Portuguezes, Índios, mazombos, negres e mamelucos, na alucinação das riquezas do pé para a mão.

Os povoados do interior, si não tem por genese a maloca, nasceram de pousos dos caminheiros, a ponto de se equidistarem muitos logarejos pelas distâncias forçadas das dormidas.

Os gozos pacíficos, sedentários e corruptores do debrum marítimo, dispendo do vapor, mais que o desânimo e a pobreza dos grandes ensaios extrativos, acompanhados pela eliminação do tapuyo recalcado para os chapadões ignotos, concorreram ao fechamento do ciclo histórico do sertão centripeto.

A busca violentadora da cobiça adormecendo, acordariam as perscrutações do saber humano.

A alta função moral do sertão é a de ser um isolador às trepidações da faixa, que se achando mais próxima ao espumejo do oceano, por isto é mais sujeita aos espasmos e vícios transmitidos nas trocas do comércio e pensamento internacionais.

Si os sertões não fossem algo de estorvo passivo às fáceis desnaturalizações da beira mar, seríamos uns descaracterizados; na salsugem do contacto marinho dar-nos-ia um uniforme total a civilização dos paquetes e couraçados.

Felizmente o sertão, em fundos proporcionais à desmedida linha de face ao oceano, tendo sido a isca e a miragem dos povoadores iniciais, é o grande excitador da energia nacional.

O banditismo é uma moléstia do sertão, mas é a hipertrofia da coragem, provocada e aproveitada pela conflagração permanente e depravante do litoral.

O que é certo é que a terra vasou o homem, o homem bater-se-á pela terra.

Os sertões crearam-nos a possibilidade de uma literatura sugestiva de observação e de nervos, ao desvendar paisagens e dramas propriamente nossos.

O aspecto grave e bisonho do sertanejo disfarça, ao observador superficial, as tendências do ladino e brincalhão.

A comunicação solidarizará os habitantes, tocando-os com a passagem de umas azas, e congraçando-as com uma centelha.

Os sertões são o cerne, a polpa, a carne, as reservas substanciais da nacionalidade.

Toda a sociedade não passa de uma conspiração pública, imprescindível e permanente, dos interesses da continuidade e da conservação.

Há sociedade felizes e desgraçadas, na tara idêntica dos indivíduos que trazem nas meninges o seu horóscopo. Com as mesmas instituições, nos minutos, horas e dias do mesmo século, distinguem-se na va-

JOIAS DO PENSAMENTO BRASILEIRO

riedade das existências e no desconforme dos destinos.

Não há homem isolado; como não há sociedade isolada, senão as que retrogradam.

A sociedade em cada nação rola no caminho caprichoso dos declives naturais de sua marcha precipitante, impelida pelas forças que adquirem, sofreadas por acidentes normais ou singulares.

Não percamos de vista o palco, estudando as personagens.

Os maquinismos multiplicaram o homem, não o dispensando porém.

É no estado adulto ou mórbido das civilizações, que elas inscrevem na consciência a epigrafe de Delphos.

A sociedade brasileira no primeiro reinado, não differindo em absoluto das que lhe seguram, distingue-se contudo por trazer mais de perto o peso da hereditariedade colonial.

Nos govêrnos chocavam-se os caracteres de um tempo que os conserva ou fez nascer. É o índice das verificações sociológicas que não falham.

Só com uma lista de nome de chefes temporais, si recompõem os momentos da nacionalidade.

A tirania do ergastulo sendo preferível à tirania de sebo dos patolas no poder...

É o prisma do sofrimento o melhor decomponedor das almas.

Torna-se o exame mais facil e mais claro às refrações da dor.

A ave das alturas enlanguece no baixo.

O pessimismo acende aspirações iniludíveis no azedume de incontentamento.

O otimismo é delectavel empacha alma de bem estar e de esperanças estapafurdias.

O pessimismo tem o amargo dos bons aperetivos e a expressão nobre da furia dos que combatem sós.

O pessimismo é a crispação dolorosa de um nervo; o otimismo, a nevoa, a gordura, o sonho, a embaçada rosea.

A falência do otimismo destroça a alma mandando reconstruir o ideal com os restos de outros. O desmantelo de utopias benevolas tem levado gente à insanía.

O pessimismo desmentido é um apelo a novas insatisfações.

A solidão para os verdadeiros intellectuais é, além de profilaxia, uma expressão insignificativa desde que passe a exprimir estado pessoal.

No abandono de único n'um carcere ou n'um deserto, as imagens internas acodem sempre, povoando o ambiente mais agressivo e mais vasto da companhia que se deseja.

A imaginação inspira-se no silêncio, o seu gozo é procrear e o deserto de em torno como que oferece o espaço livre às expansões da intelligência.

O jcalheiro ama a joia para dar-lhe destino e não como o avaro, pelo fulgor seco e o estúpido valor dos fogos diamantinos.

O artista adora a palavra para os fins da expressão.

A pobreza de um lexicon é melhor contudo do que a pilhagem irracional de um glossário.

Insuportavel, porém, a preteção de legis'adores e peliciais, na república das letras, de impor uma tara à carregação verbal do escritor.

A crítica nacional tem obtido êxitos antinefelibáticos, aconselhando adjetivos de leiloeiro e padando nos canteiros de estreantes as flores raras da estufa glótica.

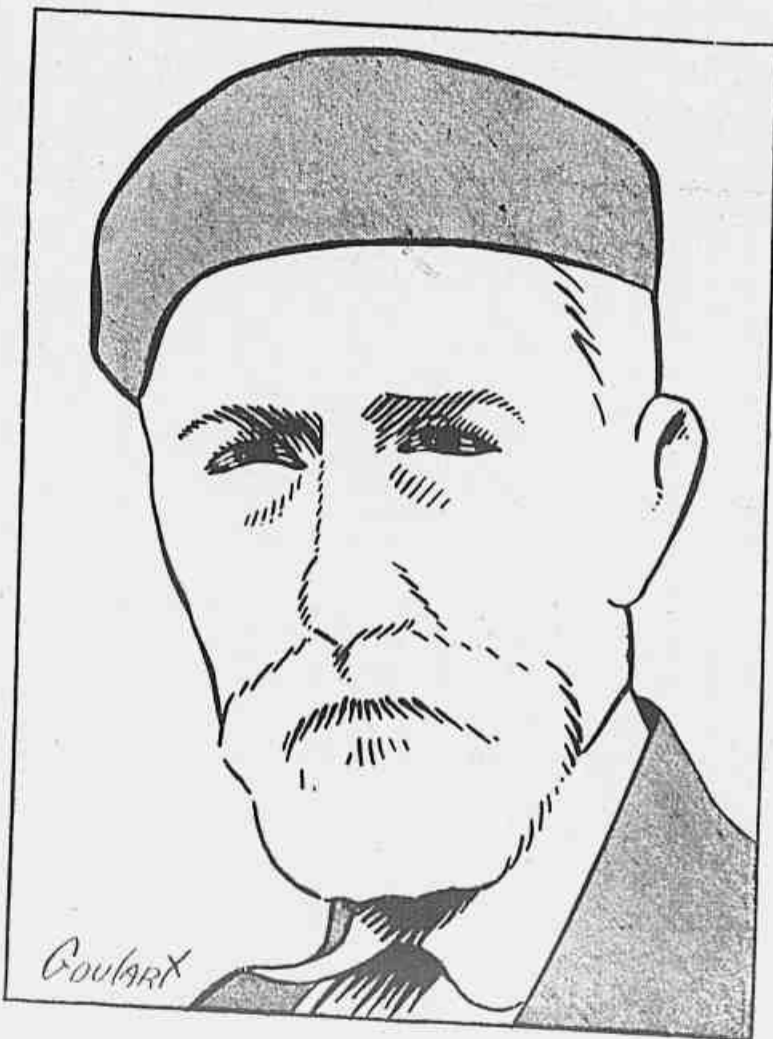
O vocábulo, resultado de uma escolha, é *ipso facto* o elemento identificador, a manifestação de uma maneira no processo individual da fórma.

O desuso de palavras reconhecido a todo momento numa lingua é a confissão de sua morte lenta e por inanição.

Enriquecer um idioma é também não lhe deixarem esfriar os sinais componentes, servindo-se da multiplicidade de seus elementos constitutivos, resurgidos a cada passo.

A digna aspiração das linguas não é crear, mas renovar-se, fornecendo-se de meios na utilização artística da totalidade de seus recursos gráficos e verbais.

O arcaismo deve ser portanto uma excepção, uma ankylosse fortuita e inexplicavel nos órgãos particulares da comunicação.



SELECIONADAS POR
DE MATOS PINTO

ALBERTO RANGEL

Ouro PRETO

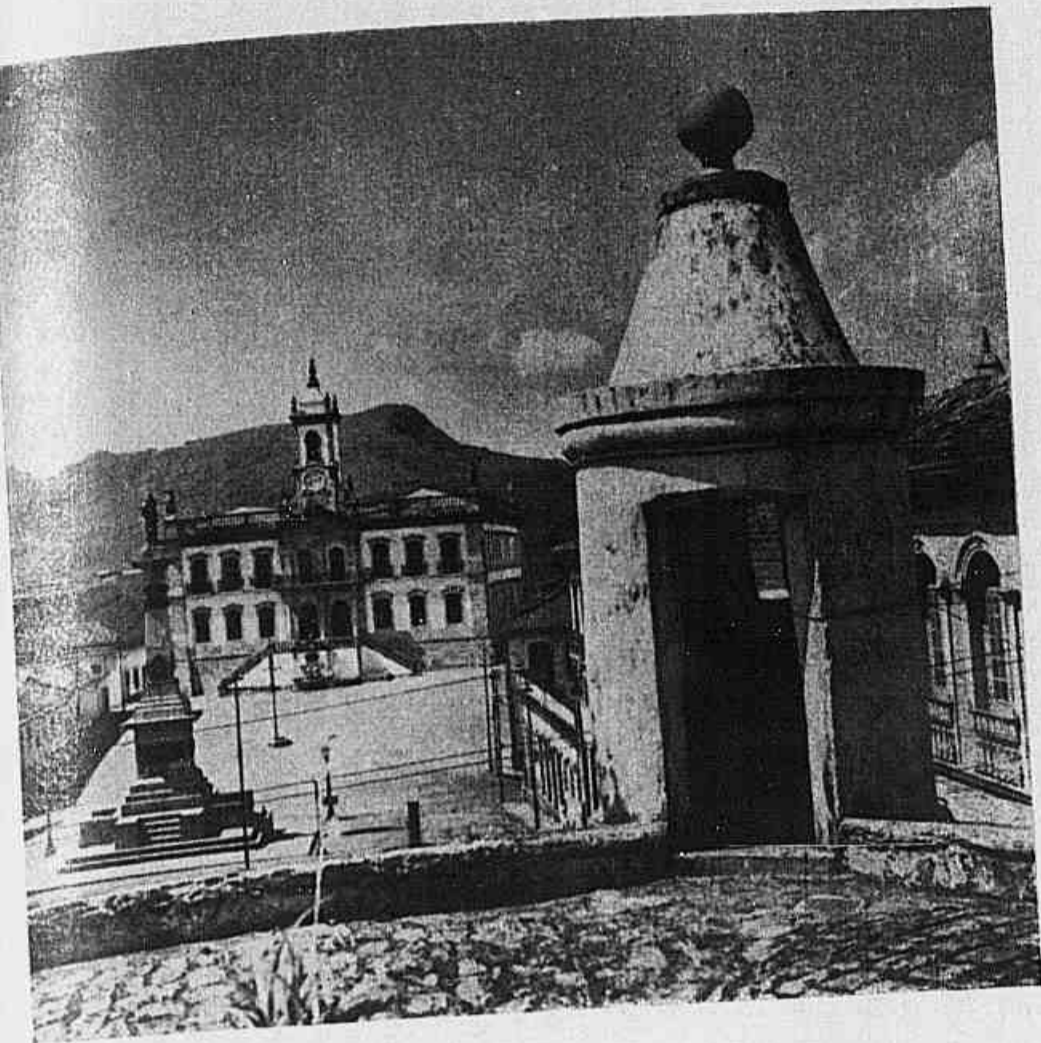
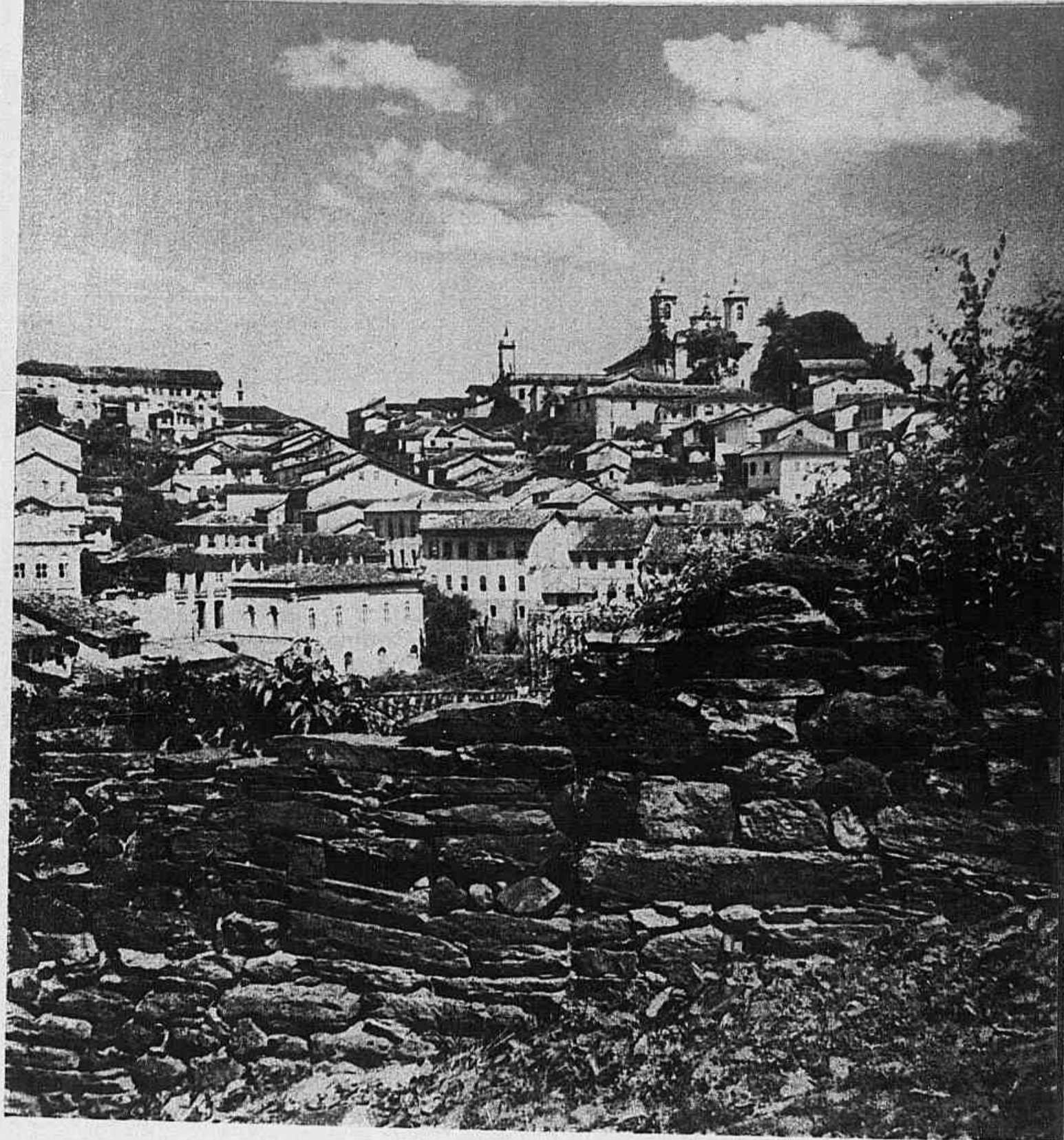


Foto tomada do antigo Palácio dos Governadores, hoje Escola de Minas e Metalurgia. No primeiro plano, uma guarita de sentinela. Ao fundo, o edifício da antiga Penitenciária, hoje Panteon Histórico.



Vista parcial de Ouro Preto, tomada do morro de São Francisco de Paula. Ao fundo, a antiga Penitenciária, hoje Museu Histórico e a Igreja do Carmo.



Detalhe do adro da Igreja de São Francisco de Paula. No primeiro plano, uma das figuras feitas em cerâmica do Porto, representando um dos Evangelistas.



Hotel Balneário de Araxá.

JULGAMOS de interesse para a classe médica e para os veranistas em geral, pormenorizar o equipamento terapêutico do Balneário de Araxá, que se impõe como um dos maiores conjuntos do mundo; talvez o mais completo, porque, se existe algum balneário na Europa com melhor equipamento de hidroterapia do que Araxá, si existe na América uma clínica mais aperfeiçoada para eletroterapia, si existe alhures algum instituto mais perfeito para fisioterapia, nenhum reúne como Araxá o que há de mais moderno em todos esses ramos.

Pormenorizadamente, as Termas de Araxá dispõem de 124 banheiros para banhos sulfurosos, sendo 48 para grande luxo, 48 de luxo, 16 para banhos de lama e 12 para indigentes; uma piscina para água radioativa quente, com aparelhagem para nebulização (neblina) da mesma água em todo o recinto; 6 consultório: médicos a cargo de seis especialistas; 1 laboratório de análises e pesquisas; uma aparelhagem de radiodiagnóstico; um aparelho de radioterapia profunda; um eletrocardiográfico, com todos os modernos acessórios de cardiologia; um aparelho de corrente galvânica; um aparelho de estímulo muscular; um aparelho de metabolismo basal; um aparelho de indutermia (ondas curtas); aparelhos de infravermelho e ultravioleta; quatro salas para duchas escocesas (jato quente e frio), para ducha Kneip (gelada) e ducha de vapor; duas salas para ducha tétio; duas salas para quatro duchas, cada uma, circulares parciais e gerais; quatro salas para ducha intestinal subaquática ou "suda-bad"; duas salas para banhos de pérolas de ar; uma sala para lavagem uretral; uma sala para duchas ginecológicas; duas salas para banhos perineais; duas salas para banho finlandês (vapor quente); duas salas para banho hidroelétrico; duas salas para banho "schnell" de quatro células; duas salas para inhalações com 24 lugares individuais; quatro salas para inhalação em comum, sendo uma seca, uma meio seca, uma meio úmida e uma úmida; instalações de banhos de ar quente para tronco e braços, para pernas, para cabeças, para corpo inteiro (banho turco); doze apartamentos parti-

culares para doentes que desejem tratamento e assistência médica permanente; uma sala de pequena cirurgia; uma sala de curativos; uma cozinha dietética e duas enfermarias dietéticas.

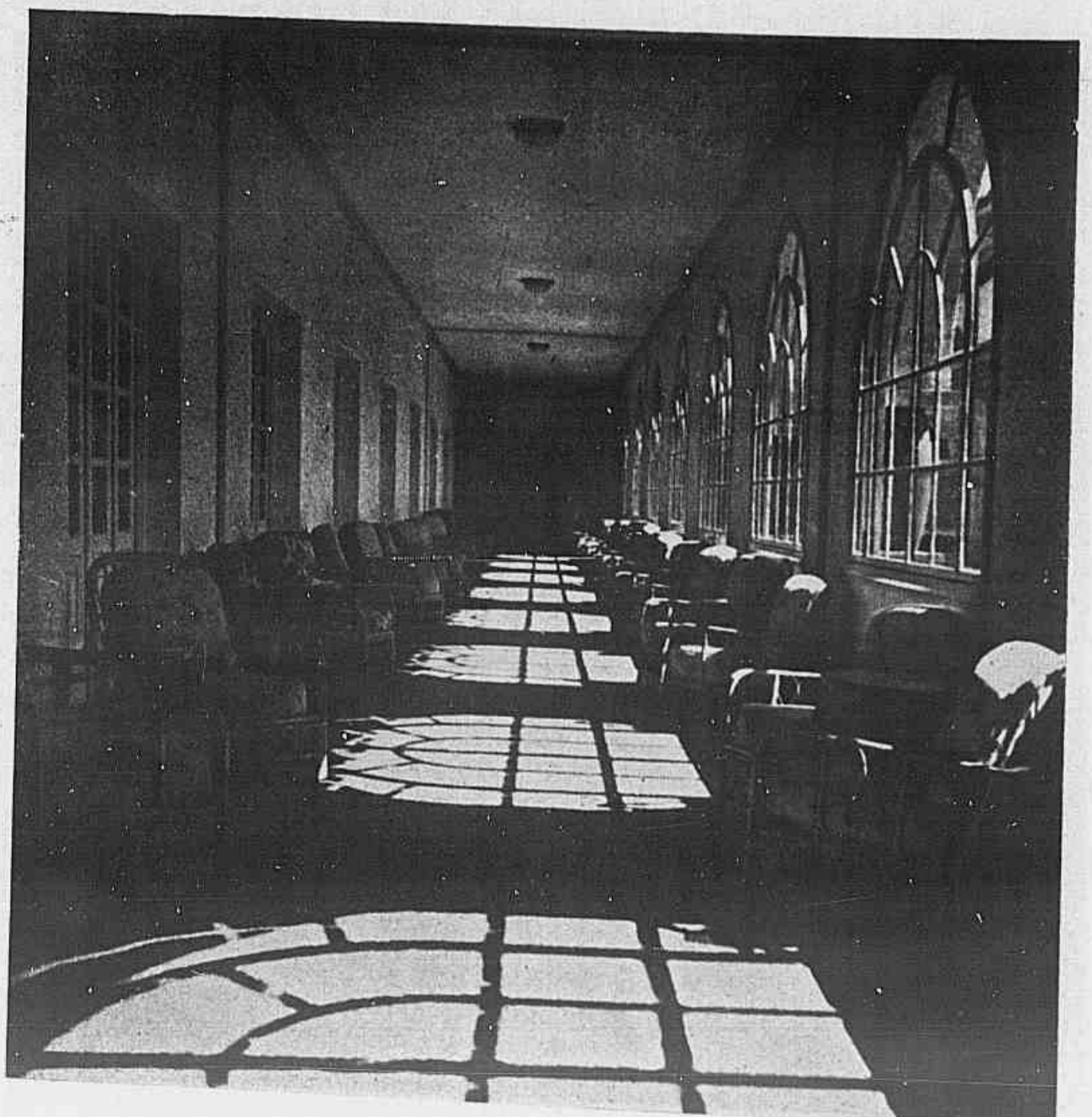
Para que o veranista faça idéia da grandiosidade desse aparelho, podemos citar um pormenor — o sistema de som — que é único no mundo. Esse equipamento de som das termas de Araxá foi projetado, desenhado aos médicos das termas, pela seção técnica da Rádio Inconfidência. O veranista, si já traz a receita do seu médico particular, dirige-se diretamente à caixa. Si não, é encaminhado, construído e instalado que distribuem entre si o trabalho, rigorosamente, segundo sua especialidade. Esses o examinam e lhe dão a receita, com a qual volta à caixa. Nesta, a receita é fichada, indo uma cópia imediatamente para a sala de controle, enquanto o veranista é levado para a sala de espera.

SERVIÇO DE SOM E CONTROLE ELÉTRICO

Em todo esse percurso, desde que penetrou nas termas, está ele ouvindo, de alto-falantes instalados por toda parte, agradável música, vinda de uma

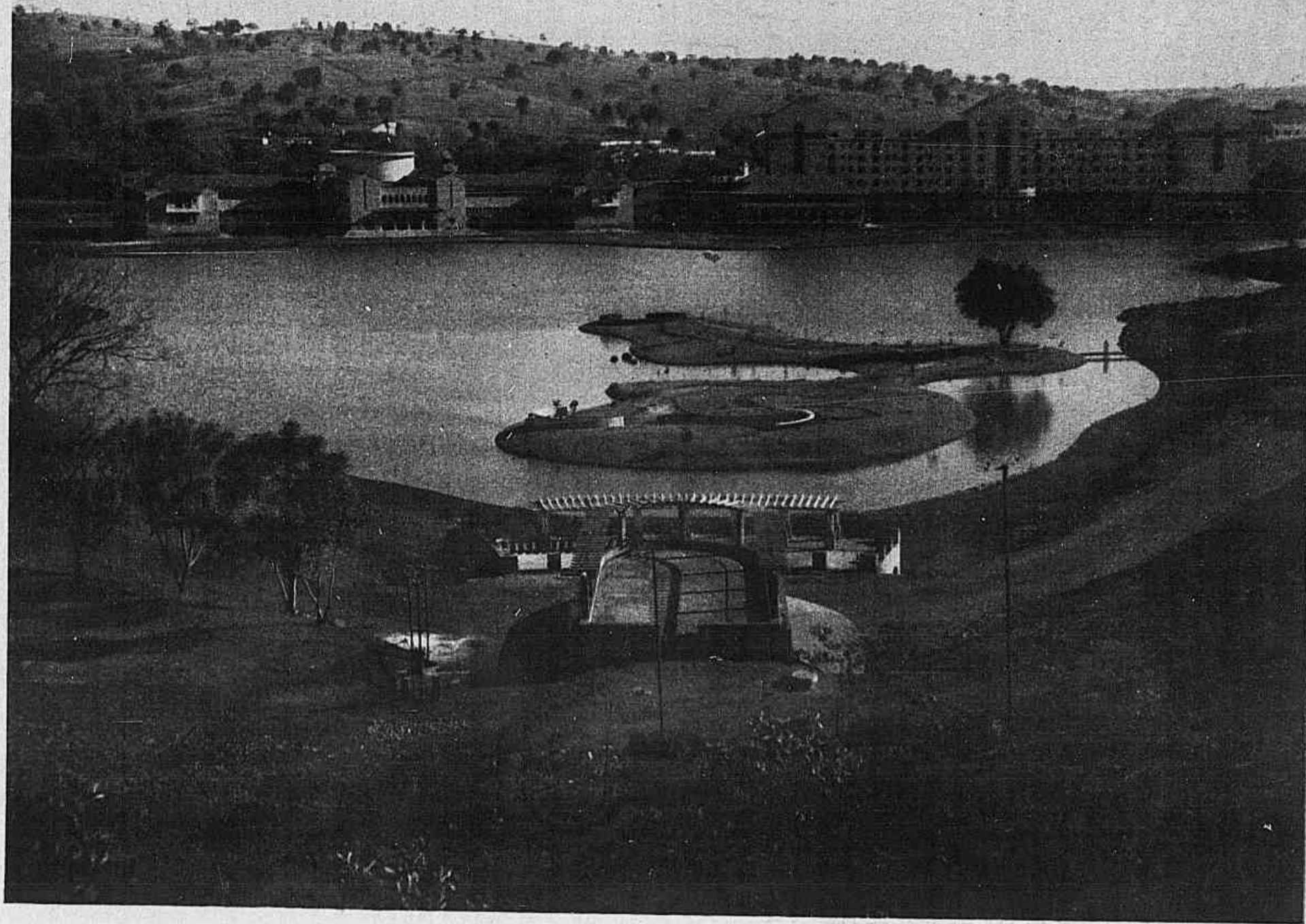
O NOVO BALNEÁRIO

Uma das galerias do Hotel Balneário de Araxá.



sala distribuidora. Uma vez na sala de espera, ouve êle, então, de um alto falante, o seu nome claramente, indicando-lhe o número do banheiro que ocupará. Levado a êste, ao fechar a porta êle dá sinal, automaticamente, à sala de controle, de que já ocupou o banheiro. Ali dentro, encontra o seu banho preparado de acôrdo com a receita médica, na temperatura exata. Do alto falante individual de cada banheiro, continúa a ouvir a mesma música. Esta é interrompida pela voz do operador da sala de controle, que lhe pode ligar a chave de tempo, que existe na parede, ao alcance de seu braço, assim que entrar água.

Do lado dessa chave pende uma corrente, que penetra até dentro d'água da banheira. Em caso de mau estar, mesmo de um mal repentino, o banhista é levado instintivamente a agarrar-se a essa corrente. Isso acende a luz vermelha do lado de fora do banheiro, o que faz virem imediatamente os encarregados da ala, dá alarme na sala de enfermeiros o que faz virem os enfermeiros correndo, e avisa a sala de controle, que chama o médico. Essa é, naturalmente, uma precaução moderníssima para uma possibilidade que se tem verificado ser ape-



Vista conjunta do lago e Balneário.

RIO DE ARAXÁ

Salão de refeições do Hotel Balneário de Araxá.



nas uma em milhares de banhos. Si nada acontece, como sempre, o veranista está no seu banho, ouvindo música. Esta é interrompida, novamente, para que êle ouça que se esgotou o prazo de permanência, água, constante de sua receita. Retira-se, então, para a sala de descanso, onde, em amplos divans, pode dormir, cochilar, lêr revistas, etc..

Os técnicos, que instalaram êsse completo sistema de som e controle elétrico das termas, instalaram também o perfeito sistema de fonia do Hotel, pelo qual um hóspede, chamado à portaria ou ao telefone, tem o seu nome chamado por alto falantes em seu apartamento ou em todas as salas comuns ou dependências do Hotel. E pelo qual, ainda, os pedidos são feitos pelo "maitre" à cozinha e à copa, do refeitório, por microfones e alto falantes.

O aparelhamento médico-técnico do Balneário foi fornecido pela Casa Lonhner, especialista em trabalhos dessa natureza, sendo que grande parte da aparelhagem foi fabricada por esta casa no Brasil.

A montagem dos mesmos foi dirigida pelo sr. Guilherme Hetzel, técnico de grande capacidade haurida nas famosas estações hidrominerais da Alemanha, Austria, Checo-Eslovaquia e França.

A inauguração oficial do Balneário se deu a 23 de abril de 1944, com a presença do sr. Presidente Getúlio Vargas e sr. Governador Benedito Valadares.

Falou nessa ocasião o Governador Benedito Valadares, que expôs os objetivos, da administração mineira ao construir esta majestosa estância, discursando ainda o Prefeito Alvaro Cardoso, de Araxá. Pelo Presidente Getúlio Vargas foi feita a inauguração oficial, desdobrando-se uma placa comemorativa.

* * *

As informações históricas e descritivas que publicamos sobre a estância mineral do oeste mineiro foram gentilmente cedidas pelo escritor João Donnas Filho, que acaba de escrever a interessante monografia intitulada — "Araxá e suas águas minerais", a ser publicada em português e inglês para divulgação turística.

ILUSTRAÇÃO INTERIÓRIA

A Academia Brasileira de Letras está festejando o seu cinquentário de fundação. A direção da Casa de Machado de Assis organizou interessantíssimo programa de comemorações, do qual se destaca um ciclo de palestras sobre a nossa mais alta instituição literaria, sobre seus fundadores e sua historia. Iniciou a série de conferencias o academico Mucio Leão, que traçou notavel perfil literario de Adelino Fontoura, escolhido por Luiz Murat para patrono da primeira poltrona da Academia. Por se trata de figura muito pouco conhecida, despertou curiosidade o trabalho do Sr. Mucio Leão, que conseguiu realmente atingir um dos objetivos da Academia: tirar do olvido os "Patronos Obscuros".

As festividades se prolongarão por muitos meses, tendo-se anunciado um vasto e interessantissimo programa.

É com justo orgulho que registramos a deliberação do Petit Trianon, escolhendo "Ilustração Brasileira" para órgão oficial das comemorações do seu cinquentário.

Jão de Barros visita o Brasil mais uma vez. Seu convívio é sempre grato às pessoas de sensibilidade que lhe admiram o talento e o estimam como um dos verdadeiros amigos da nossa terra. O apreciado escritor português de há muito vem realizando entre nós estagios que nos desvanecem e enchem de prazer. Aproveita-os para conferencias culturais e estreitamento de antigos laços de afeição. Sua estada nesta capital representa sempre proveitoso intercambio literario e estreitamento de relações culturais entre Portugal e Brasil.

Desde que desembarcou em nosso país, o jornalista, crítico e historiador luso tem sido alvo de significativas homenagens pelos circulos oficiais e as mais altas instituições literarias brasileiras. O ministro João Neves da Fontoura, tendo em conta os relevantes serviços que prestou na intensificação da amizade luso-brasileira, sugeriu do Prefeito do Rio que seja dado o nome de João de Barros a uma das ruas desta capital, a exemplo do que se fez em Lisboa com João do Rio. Essa lembrança foi acolhida com muita satisfação.

O P. E. N. Clube do Brasil, a vitoriosa instituição presidida por Claudio de Souza, promoveu recentemente interessante reunião de seus socios. Na sede, à avenida Nilo Peçanha, compareceram numerosos escritores e artistas, que assistiram à representação de "Ordem inversa", peça em 1 ato, de autoria do presidente. Antes, o escritor Malba Tahan fez uma conferencia sobre "Aparencias

que enganam". Também tomaram parte no programa os cantores Florindo Alvares e Luiz Delfino, que foram acompanhados ao violão pelo professor Ademar Nunes.

Foi uma reunião brilhante, que a todos encantou.

Nosso ilustre colaborador, academico Afranio Peixoto, fez entrega dos premios do concurso literario Eça de Queiroz, promovido pelo Instituto de Estudos Portugueses durante as comemorações do centenario do grande romancista luso. O "Premio Liceu Literario Português" coube ao Sr. Berilo Neves e o "Premio Povoá de Varzim" ao engenheiro José dos Santos Werneck, no valor de dez mil cruzeiros cada um.

A entrega foi feita na sessão comemorativa do 109.º aniversario de fundação do Real Gabinete Português de Leitura.

Terá lugar em Novembro deste ano, em Bogotá, Colombia, o Quarto Congresso de Imprensa Pan-Americana. Reunir-se-ão naquela cidade figuras proeminentes do jornalismo do continente, que discutirão assuntos relativos à imprensa deste lado do hemisferio.

Na Universidade Nacional da Colombia, onde se realizará o Congresso, haverá uma exposição de livros do Brasil, Mexico, Chile, Estados Unidos, Canadá e Argentina.

Deste modo se estreitam os laços de solidariedade continental e se tornam conhecidos os bons vizinhos americanos.

Continúa a ser lançada no mercado verdadeira avalanche de livros.

Pouca coisa, entretanto se salvo. Dentre as edições ultimamente aparecidas podemos destacar: "Historia da Conquista do Perú, de William H. Prescott, obra notavel, de ressonancia universal; "O triste noivado de Belte Adam", apreciavel tradução do romance de George Elliot; nova edição de "Historia da Inglaterra", de André Maurois; nova edição, em 2 luxuosos volumes, de "A Sabedoria da China e da India", de Lin Yutang; "A defesa Acusa... de Babeuf a Dmitrov", de Marcel Willard; "A questão social e os cristãos", de Lisandro de la Torre; "Tres principios do povo", de Sun Yat Sen; nova edição de "U. R. S. S., uma nova civilização, de Sidney e Beatrice Webb; "Democracia de hoje e de amanhã", de Eduardo Benes; "As conferencias, no Prata" de José Lins do Rego; "Recordações da Infancia e Juventude", de Renan; "Cartas Intimas", correspondencia do grande escritor e de Henriette Renan entre os anos de 1842 e 1845; "Vitoria, Rainha

da Inglaterra, de Edith Stilwel, e alguns outros.

O ministro e academico, Sr. João Neves da Fontoura, no almoço que ofereceu no Itamarati a Julian Huxley, um dos grandes nomes da ciencia moderna, que tivemos a honra de hospedar, disse ao saudalo:

"V. Ex. pertence àquele pequeno patriciado dos intelectuais que têm carta de cidadania espiritual em todas as patrias. A sua apresentação é o seu nome; a sua bagagem são as suas obras; o seu passaporte está previamente visado para a livre entrada e permanencia em todas as nações nas quais predominem as categorias da ciência do bom gosto.

Os estudiosos de uns certos ramos especializados vinham desde longe seguindo, com deslumbramento, as lições escritas do biologista consumado, que, não contente em pesquisar os segredos lentamente desvendados da natureza humana, ainda lhes ensinava o misterio da sociedade das formigas, os hábitos dos pássaros e a vida privada dos gansos afora os vagares para alçar-se aos páramos da poesia".

Definiu desse modo, brilhantemente, a personalidade do professor Julian Huxley.

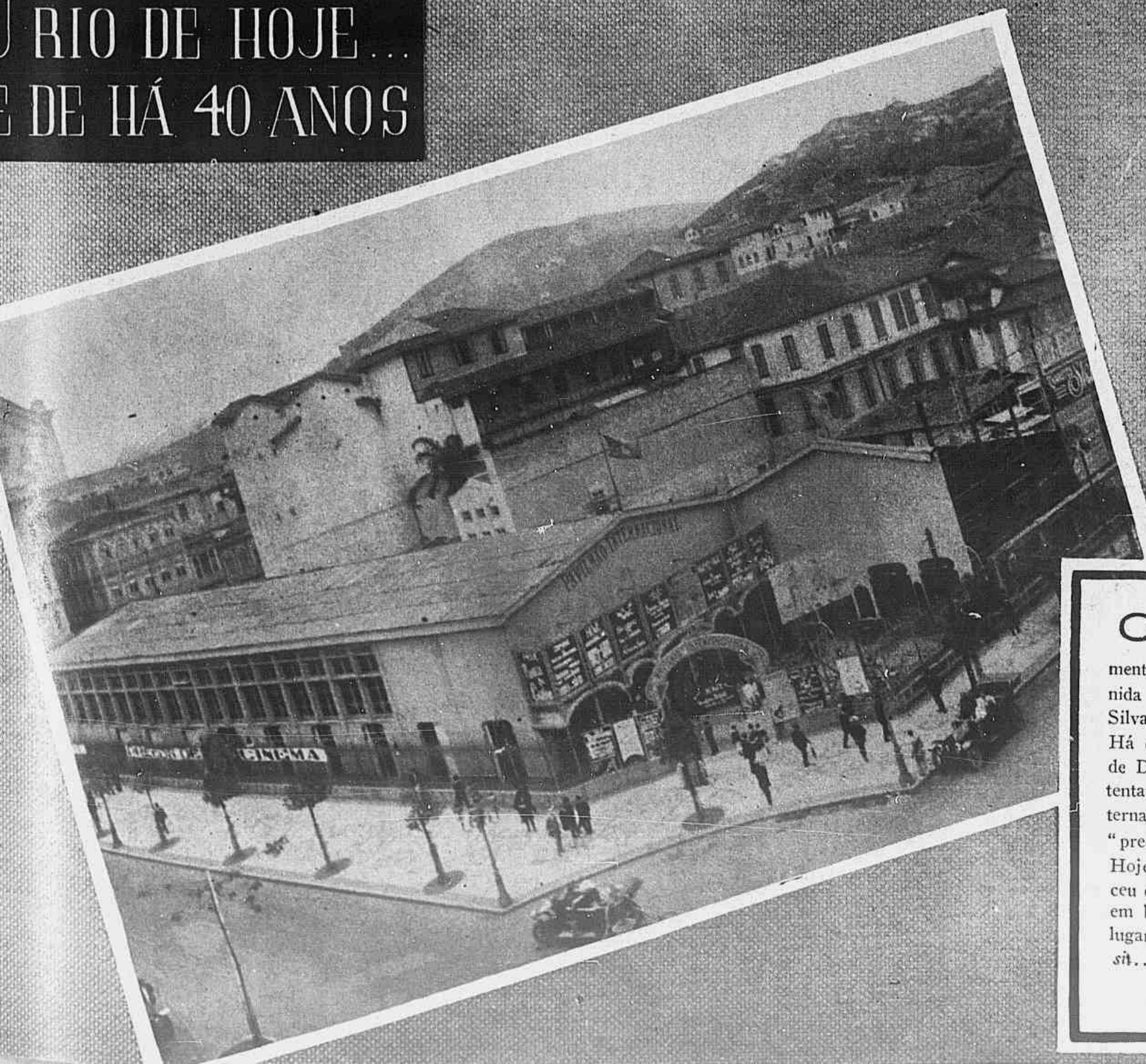
Segundo declarou o conhecido folclorista patricio Luis da Camara Cascudo, já está em organização o Primeiro Congresso Luso-Brasileiro de Folclore. Será instalado durante o 8.º centenario da conquista de Lisboa aos mouros, e nele se discutirão assuntos referentes ao que ha de mais moderno e interessante nessa especialização literaria.

Acha-se no Rio o Professor William J. Griffin, convidado para lecionar literatura norte-americana na Universidade do Brasil. Substituiu Mr. Morton D. Label naquela cadeira, criada com a cooperação dos governos brasileiro e norte-americano. Mr. Griffin é professor de Artes e doutor em filosofia pela Universidade Iowa; foi presidente da Divisão de Linguas e Literatura do Minnesota State Teacher College. Foi, pois, esplendida aquisição para a nossa Universidade.

Duhamel felicitou muito cordialmente, em nome dos escritores franceses, o poeta brasileiro Manuel Bandeira, por ocasião do seu 60.º aniversario. Georges Duhamel, que é um grande e sincero amigo do Brasil, telegrafou ao adido cultural à Embaixada francesa, pedindo-lhe que apresentasse ao poeta seus cumprimentos e os dos escritores da França. Duhamel é o atual secretario geral da Academia Francesa.



RIO DE HOJE...
E DE HÁ 40 ANOS



OS aspectos que hoje divulgamos fixam um dos pontos de maior movimento do centro urbano, a esquina da Avenida Rio Branco com a Rua Bethencourt Silva.

Há quarenta anos erguia-se ali o Barracão de Diversões de Paschoal Segreto, que ostentava o nome pomposo de "Pavilhão Internacional", e atraía o público oferecendo "preços de cinema".

Hoje, nesse local se ergue o edifício do Liceu de Artes e Ofícios, que, segundo consta, em breve desaparecerá também, para dar lugar a majestoso arranha-céu. *Sic transit...*

(Fotos Malta)

Músicos Brasileiros

OSCAR LOURENZO FERNANDEZ

ENTRE os legítimos valores da música no Brasil, destaca-se Oscar Lorenzo Fernandez, atual diretor do Conservatório Brasileiro de Música, cujas atividades de 30 anos constituem páginas na história da nossa evolução musical. Sua obra já é bastante conhecida e divulgada no mundo. Não é um músico exclusivo do Brasil: seu nome atravessou fronteiras e mares levando, em suas obras o nome do Brasil que, dia a dia ganha novas palmas do jardim de Euterpe. Simples, dotado de uma força de vontade rara, Lorenzo Fernandez, depois de Villa-Lobos é uma das vigas mestras da nossa cultura musical em atividade. Sua vida — 48 anos de existência — e diga-se 40 de músico, assinala, nos recentes anos passados, uma constante evolução. Seus traços biográficos, resumidamente colhidos nos falhos apontamentos de uma ligeira palestra, marcou uma característica perfeita do homem moderno e ativo que nasceu destinado a realizar algo de construtivo e eterno para a Arte.

Nasceu Oscar Lorenzo Fernandez no Distrito Federal a 4 de novembro de 1897. Terminados os estudos do curso secundário ingressou na Escola Nacional de Música, apresentando em 1920 as suas primeiras obras. Em 1922 obteve os três primeiros prêmios num concurso nacional de composição. Em 1924, conquistou o primeiro prêmio internacional de música de câmara com o "Trio Brasileiro", merecendo a honrosa função de auxiliar da cadeira de harmonia da Escola Nacional de Música tendo mais tarde, pela competência pela assiduidade conquistado o título de catedrático a 26 de maio de 1925, consagrado então pelos concertos sinfônicos e de câmara, datando dessa época a "Suite Sinfônica" sobre três temas populares que mereceram os mais altos elogios na crítica especializada da Europa e dos Estados Unidos.

Em 1926, convidado pela "Sociedade Quarteto Paulista" realizou vários concertos, merecendo da crítica calorosos encômios.

De 1927 a 1929 deu vários concertos de música sinfônica e de câmara, apresentando, entre outras obras, o "Quinteto para instrumentos de sopro", editado depois pelo Ministério da Educação e agora editado pela "Associated Music Publishers" de New York, e o poema índio "Imbapara, uma das obras sinfônicas mais executadas no Brasil, também editada pelo Ministério da Educação e gravada em discos na coleção comemorativa feita especialmente para a Feira de New York.

Em Outubro de 1929, foi convidado pelo Governo Espanhol para representar o Brasil, juntamente com o Maestro Villa Lobos, nos festejos ibero-americanos realizados em Barcelona durante a grande exposição internacional.

Em 1930, fundou a revista "Ilustração Musical" e, convidado pelo diretor da Escola Nacional de Música, organizou e dirigiu o corpo coral dessa Escola. Nesse mesmo ano a Orquestra Sinfônica da Escola Nacional de Música apresentou, sob a direção do Maestro Francisco Braga, a sua suite brasileira "Caisado do Pastoreiro", que obteve grande êxito, tendo sido executada inúmeras vezes no Brasil, na Europa e nos Estados Unidos.

De 1930 a 1934 dirigiu vários concertos sinfônicos no Rio de Janeiro e em São Paulo com as orquestras municipais, com a da Escola Nacional de Música, da Sociedade Sinfônica de S. Paulo e do Departamento de Cultura da mesma cidade.

Em 1934 foi convidado pelo governo de S. Paulo para dirigir os concertos sinfônicos comemorativos da fundação dessa cidade.

Em 1933 apresentou, num grande concerto sinfônico, vários trechos do drama lírico de sua autoria "Malazarte", libreto de Graça Aranha. Em 1935, foi nomeado professor do Instituto de Artes da Universidade do Distrito Federal e eleito membro do Conselho Técnico da Escola Nacional de Música.

Em 1936 fundou o Conservatório Brasileiro de Música, para o qual foi eleito diretor, cargo que ocupa até à presente data.

Em 1937 foi designado membro da Comissão Nacional de Teatro.

Em 1938 foi comissionado pelo Governo Brasileiro para representar a música nacional no Grande Festival Interamericano de Música, realizado por ocasião dos festejos comemorativos do IV Centenário da Fundação da cidade de Bogotá (Colômbia). Nesses festejos obteve o único prêmio para obras de orquestra, concedido pela "New Music Association", de California sendo premiada sua obra "Batuque" do primeiro ato do drama lírico "Malazarte".

O governo Colombiano convidou-o oficialmente para escrever o "Hino à Raça". Nesse mesmo ano foi convidado pelo Governo de Cuba para realizar concerto de música brasileira e conferências sobre a nossa música tendo sido condecorado pelo governo cubano e eleito Acadêmico Correspondente da "Academia Nacional de Artes e Letras" de Cuba. Ainda nesse ano foi convidado pelo Governo Chileno para realizar concertos e conferências tendo sido, nessa ocasião, eleito Membro Honorário da Faculdade Nacional de Belas Artes da Universidade de Santiago do Chile. De passagem por Panamá, nesse ano, realizou a convite da Universidade um concerto de câmara e uma conferência.

Em 1929, de regresso de sua longa viagem artística, que durou sete meses, através da América Latina, os alunos da Escola Nacional de Música criaram, em sua homenagem, o "Centro Acadêmico Lorenzo Fernandez", que realizou intensa atividade cultural. Nesse ano, realizou um concerto de música chilena e uma irradiação de música brasileira para os Estados Unidos, a convite do D. I. P. Ainda nesse ano foi comissionado pelo Governo Municipal para ocupar o Cargo de Professor Catedrático no Curso de Formação de Professores Especializados de Música e Canto Orfeônico. No dia 12 de Outubro desse ano realizou, sob os auspícios do Instituto Brasil-Estados Unidos, no Teatro Muni-

cipal, um grande concerto sinfônico de música norte-americana, tendo como solista a pianista Ana Carolina, sendo executado, nessa ocasião, simultaneamente, pela orquestra e câmbios do Teatro Municipal do Rio de Janeiro e pela orquestra e câmbios do Teatro Colon de Bogotá, o seu "Hino à Raça", que foi irradiado para toda a América. Em Setembro desse ano foi estreiado, com grande êxito, na temporada oficial do Teatro Municipal, o seu ballet em dois quadros "Amaya", inspirado em assunto incaico.

Em 1940 foi o "Batuque" executado diversas vezes em Boston, México, Berlim, Varsovia, Roma e Washington, onde foi dirigido por Toscanini que o executou também no Rio por ocasião de sua memorável tournée com a orquestra da N. B. C.

Em Setembro de 1941 estreiou com grande êxito, na temporada lírica oficial do Teatro Municipal o seu drama lírico em quatro atos "Malazarte", libreto de Graça Aranha.

Em Outubro de 1941 foi convidado pelo Governo Chileno para representar a música brasileira nos festejos comemorativos do IV Centenário da fundação Santiago e para membro do júri internacional do grande concurso nacional de composição juntamente com Aaron Copland, dos Estados Unidos e Honorio Sicardi, da Argentina.

Nessa cidade (Santiago do Chile) realizou um grande concerto sinfônico de gala em homenagem ao Chanceler Oswaldo Aranha, por ocasião de sua visita ao Chile. De regresso ao Brasil realizou dois concertos, um sinfônico e um de câmara, em Buenos Aires, além de duas conferências, sendo eleito membro honorário da "Asociacion Argentina de Música de Câmara".

Em 1942 realizou dois grandes concertos sinfônicos, um da série oficial da Escola Nacional de Música e outro com a Orquestra Sinfônica Brasileira, tendo como solista Magdalena Tagliaferro.

Em 1943 foi nomeado Membro da Comissão de Serviço Nacional de Teatro e também designado Professor da cadeira de Polifonia Coral e Regência do Conservatório Nacional de Canto Orfeônico.

É membro perpétuo da União Cultural Universal de Sevilha, membro honorário da União Musical do Panamá, membro honorário da Associação Argentina de Música de Câmara, membro honorário da Faculdade de Belas Artes da Universidade de Santiago do Chile, Acadêmico Correspondente da Academia Nacional de Artes e Letras de Cuba e condecorado com a Ordem Nacional de Mérito pelo Governo Cubano.

Foi colaborador do Grande Dicionário Ilustrado de Música, editado em Barcelona e foi comissionado pela Academia Nacional de Música de New York para organizar a Grande Biblioteca Universal Didática, obra em doze volumes, editada nos Estados Unidos.

Sua produção artística que é vasta e variada compreende inúmeras obras para piano, canto coral e diversas obras de câmara e sinfônicas, além do drama lírico em quatro atos "Malazarte".

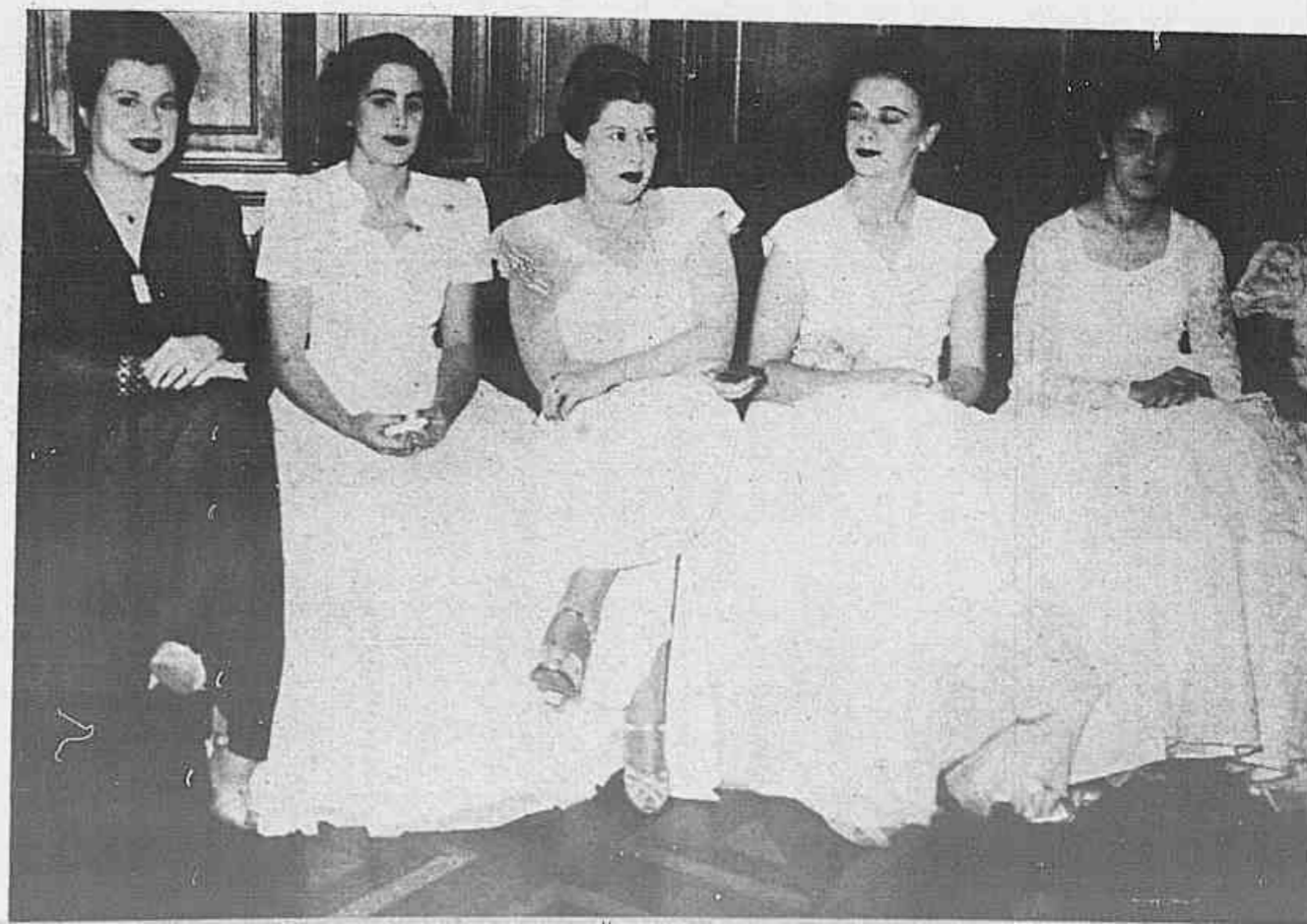
Da sementeira musical de Oscar Lorenzo Fernandez não foram, no resumo acima, mencionadas todas suas composições. Destacamos apenas aquelas que foram executadas e mereceram distinções honrosas não somente no Brasil como nos centros musicais dos Estados Unidos e da Europa. Da importância que vem exercendo no ciclo internacional a música de Lorenzo Fernandez; de fecundo trabalho que ele vem dando à frente do Conservatório Brasileiro de Música; da sua fecunda atuação na Escola Nacional de Música eis o cabedal precioso que o coloca entre os grandes músicos modernos do Brasil, cuja atividade em pleno vigor ainda muito poderá realizar em benefício da nossa cultura musical.





BODAS DE PRATA DO CASAL ARTHUR DONATO

○ mês de Maio foi assinalado com um dos acontecimentos sociais de maior relevo na cronica mundana da Capital: O "sarau branco" que em comemoração de suas Bodas de Prata, o ilustre casal Arthur Donato ofereceu ao vasto círculo de suas relações no seu palacete de Santa Teresa. São dessa encantadora recepção os flagrantes que reproduzimos nesta página, destacando-se no grupo, ao alto o industrial Arthur Donato e sua esposa Senhora Herminia Faro Donato.





Senhorinha Alba Maria Jordão
de Arruda, com o Capitão
Richard Grant Hoyer.

Englases



Senhorinha Myrian Corrêa
Kobler, com o Sr. Enos Vital
Brazil.



Senhorinha Elizabeth O'Shea,
com o Tenente Haroldo Ramos.



Senhorinha Maria Stella Costa,
com o Dr. Aloysio de Barros
Tostes.

Elegância

TEATRO MUNICIPAL

CONCERTOS

ORMANDA

KLE...

TEATRO...

CONCERTOS...

EUGENIO OR...



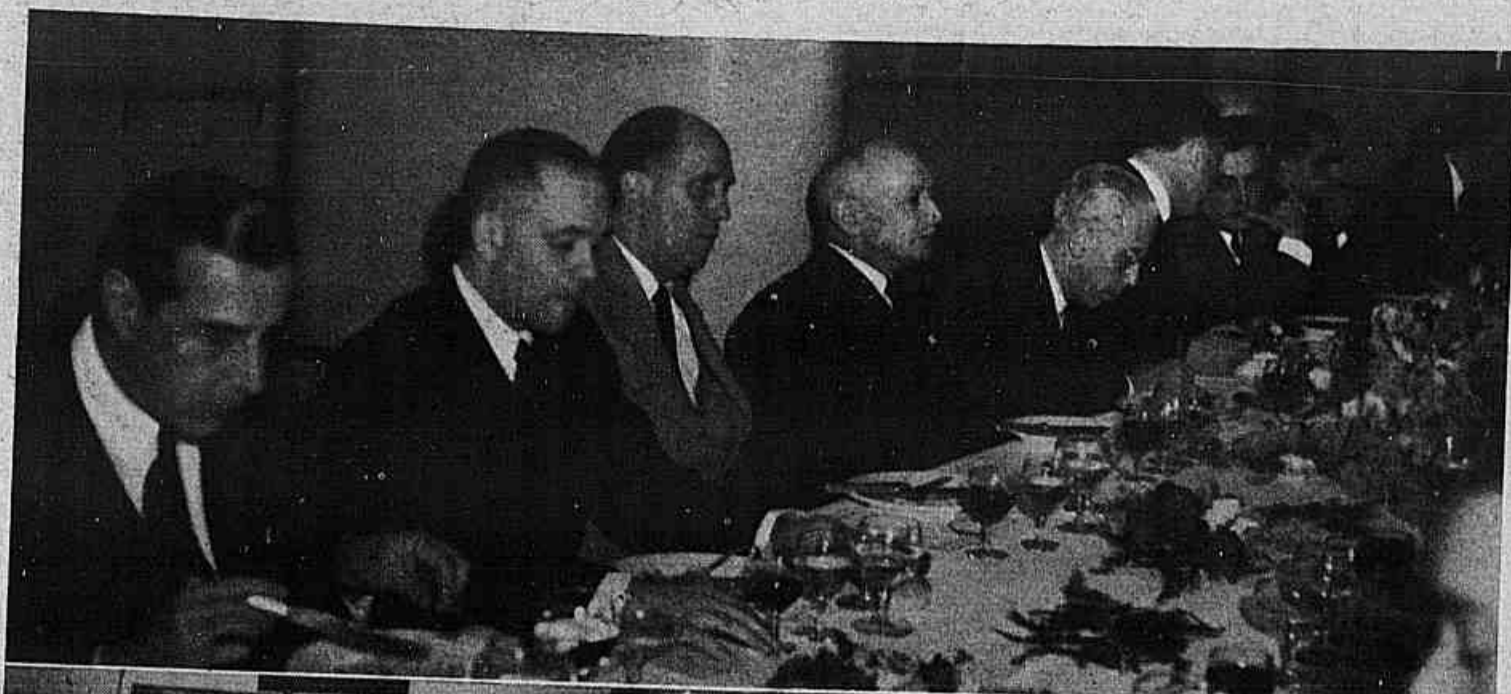
...prezente tempo rada de inverno...
...modelos de agasalhos surgem variados...
...ora curto e estreitos, ora...
...ora termo e amplos, ora no genero...
...dingote. Esta pagina vai dar alguns...
...exemplos: ♦ Tipo de casaca indicada...
...para passeios. Talha-se em flanela "ba...
...da" areia, "soutiche" "mirron" nas...
...costas, ♦ Casaco de la estura, mangas...
...largas e no corte "raglan". ♦ Agasalho...
...estilo "tilette". E de setim ou ia, e...
...um fecho interessante. ♦ Aqui este...
...em dos mais novos feitos de casaca...
...curta, de la branca, muito ampla na...
...parte de d-tras. Os bordados sao feitos...
...em pedras multicores e "soutiche"...
...preto.

Rocher

Feminina



NOTAS GRAFICAS



NO RIO O INTERVENTOR FEDERAL DO AMAZONAS

ACHA-SE no Rio de Janeiro, onde veio tratar de assuntos de interesse de sua administração, o dr. Julio Nery, Interventor Federal no Amazonas que, no governo desse Estado, se tem conduzido com segurança, moderação e imparcialidade, de acordo com as normas traçadas pelo governo da União para todos os seus delegados. O melhor testemunho, aliás, do acerto de sua orientação e de suas iniciativas está na maneira carinhosa com que o povo amazonense lhe foi levar as despedidas, manifestando-lhe inteira confiança no êxito da sua atual missão.

Entre as homenagens recebidas nesta capital pelo Interventor Julio Nery destaca-se o almoço que lhe ofereceu, no restaurante da A. B. I. a "Ilustração Brasileira" e que reuniu figuras de relevo da colonia amazonense e da imprensa carioca.

JOÃO DE BARROS HOMENAGEADO PELA A. B. I.

DOIS flagrantos colhidos na A. B. I. quando do almoço oferecido pela diretoria da casa dos jornalistas ao escritor João de Barros que recentemente visitou o Brasil a convite daquela entidade jornalística.



MAQUINAS PARA A INDUSTRIA NACIONAL

PARTIU para os Estados Unidos, o Sr. Custódio Soares Cortes, da Fábrica Distinta e Sanis, afim de assistir à montagem das novas máquinas adquiridas para a sua moderna industria, a ser ampliada, agora também, no ramo de masplásticas. Leva consigo, o conhecido industrial, em plano já elaborado, os desenhos dos moldes criados para vários ti-

pos de escovas e artigos de utilidade, onde foram tecnicamente estudados os modelos exclusivos para o Brasil. Pretende o Sr. Cortes visitar fábricas congêres dos Estados Unidos e estar de regresso dentro de dois meses para assistir à inauguração da nova fábriica que está sendo construída em Santa Cruz.



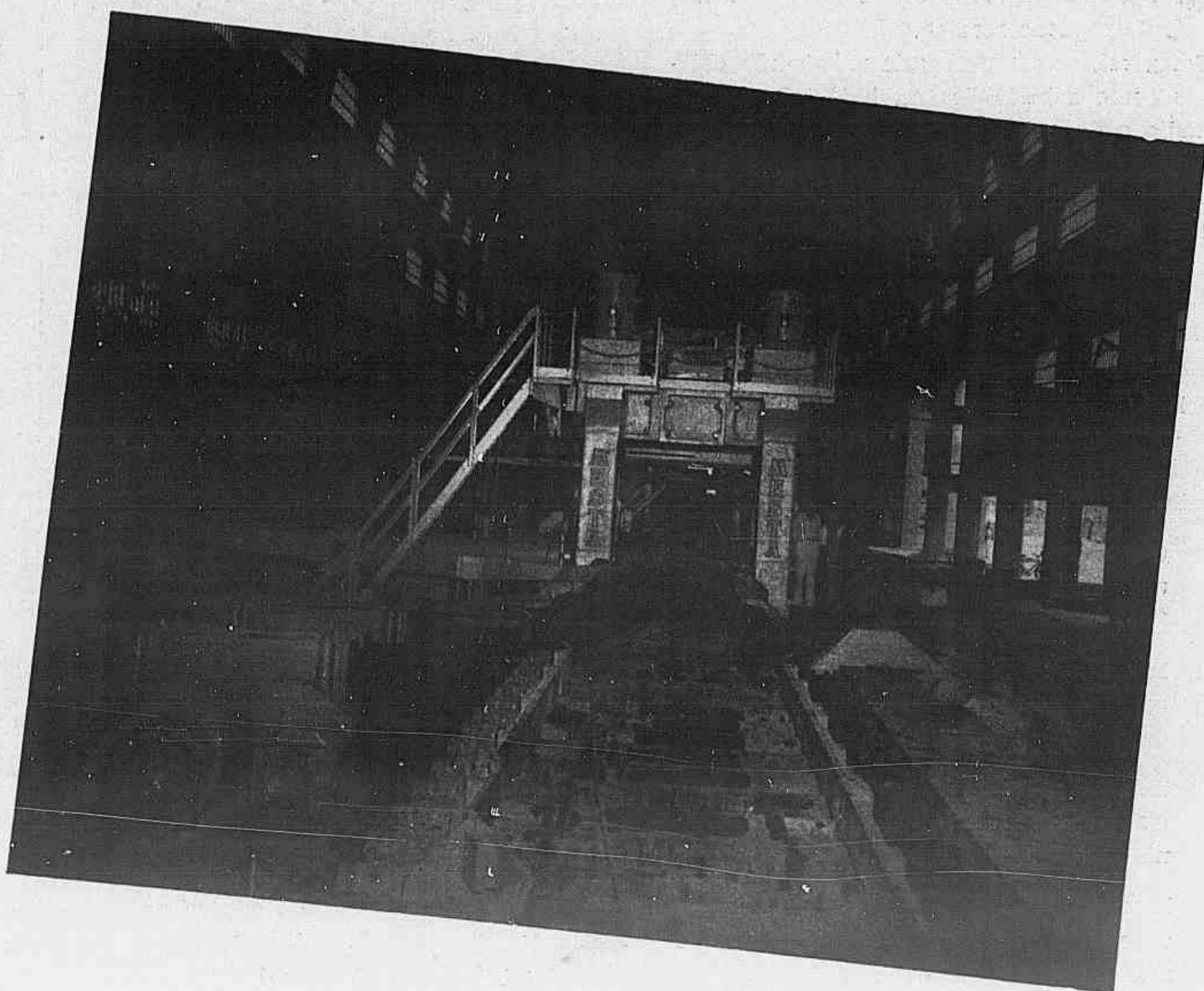
JOCKEY CLUB ELEGANTE

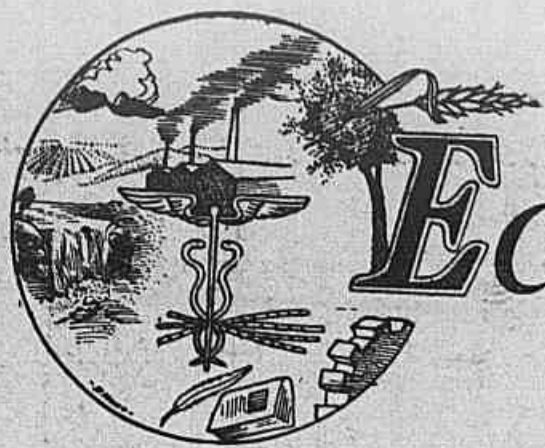
A nossa objetiva colheu este instantaneo quando das ultimas corridas realizadas no Prado da Gavea.



AÇO PRODUZIDO NO BRASIL

A usina siderurgica de Volta Redonda iniciou sua produção, os altos fornos foram acesos, queimando carvão de Santa Catarina, e o minério vindo das montanhas de ferro de Minas Gerais começou a ser reduzido e transformado em aço. Daí virão os trilhos, as máquinas agrícolas e industriais, as chapas de aço para a blindagem dos nossos navios, tudo em suma o aço sob todas as formas, constituindo a base de uma economia nova. É o que significa este acontecimento: o começo de uma era nova para a economia brasileira. Esta é a maior esperança dos homens que amam o progresso e desejam ardentemente o desenvolvimento e a prosperidade industrial do Brasil, expandido-se aqui dentro amplos limites das nossas possibilidades. As fotografias acima dão uma ideia das vastas proporções da Usina de Volta Redonda, mostrando os poderosos laminadores às vésperas de entrarem em funcionamento.





Economia e Finanças

URÂNIO NO BRASIL

A recente descoberta da produção e controle da energia atômica veio trazer ainda maior relêvo à importância do urânio entre os minérios de elevado valor estratégico e econômico. Assim sendo, ganha especial interesse o trabalho há pouco apresentado pelo Dr. Máio da Silva Pinto, diretor do Laboratório Nacional de Produção Mineral à Academia Brasileira de Ciências. em nota sobre sua ocorrência no país. O teor desse documento é o seguinte:

“O urânio ocupa o último lugar na classificação periódica dos elementos, possuindo o maior peso atômico. É um dos elementos menos conspícuos na terra: segundo Clake existe ele somente em quantidades ínfimas, da ordem de alguns milésimos por cento da massa da crosta terrestre: para comparação, deve-se lembrar que o ferro e o alumínio se apresentam com as percentagens de 4,7% e 7,5% respectivamente.

O papel industrial representado, até agora pelo urânio e seus compostos foi relativamente pequeno, pois a aplicação dos mesmos se limitava à utilização como pigmento em vidros e produtos cerâmicos, na fotografia e como catalizadores em certas reações: empregavam-se, também, seus óxidos para obtenção de certos aços especiais, mas de pequeno realce. Em geral, os compostos de urânio são obtidos como subsidiários da indústria do vanádio e da extração do rádio; este último, como se sabe, é extraído dos minerais de urânio, onde existe em proporções ínfimas, da ordem de 1 grama de rádio para 40 ou 50 toneladas do minério uranífero; da mesma forma, uma das principais fontes de vanádio é a carnotita que é um vanadato de urânio e potássio.

A produção mundial anual de minérios urânio-vanadíferos, do urânio e do rádio deles derivados obedece, aproximadamente, ao seguinte quadro:

- 1) Canadá — 1.100 tons. de concentrado uranífero — 500 tons. sais de urânio — 100 g. de rádio.
- 2) Bélgica e Congo Belga — 1.100 tons. de concentrado uranífero — 500 tons. sais de urânio — 100 g. de rádio.
- 3) Tcheco-Slovaquia — 50 tons. de concentrado uranífero — 25 tons. sais de urânio — 5 g. de rádio.
- 4) França e outros países — 200 tons. de concentrado uranífero — 25 tons. sais de urânio — 5 g. de rádio.

- 5) Estados Unidos — 1.500 tons. de concentrado com vanádio e urânio.

Minérios e minerais de urânio — Os principais minérios de urânio são a) pechblenda (óxido de urânio) com um teor de 80% de urânio quando pura e tendo em média 45%; b) carnotita (vanadato de urânio e potássio), com 50% de urânio quando pura e tendo em média 6 ou 7%; c) autunita (fosfato de cálcio e urânio), com 50% de urânio quando pura e tendo em média 5 a 6%. Ocorre, também, o urânio em diversos minerais, tais como: Samarskita (niobiotantalato de urânio e terras raras), euxenita e betafita (niobio-titanatos de urânio, cálcio e terras raras), gumita (silicato de urânio e metais pesados), sodita (silicato de urânio hidratado), etc. Os minerais de urânio se apresentam em rochas eruptivas graníticas e diques de pegmatito, com exceção da carnotita que acompanha rochas sedimentares.

As jazidas, realmente importantes até hoje conhecidas são as seguintes:

- 1) Pechblenda de Joachimstal, Tcheco-Slovaquia.
- 2) Pechblenda e gumita de Alto Katanga — Congo Belga.
- 3) Uranita e pechblenda do Lago do Grande Urso — Canadá.
- 4) Carnotita do Colorado e Utah — Estados Unidos.

Há também, jazidas de menor importância em Portugal e outros países.

Urânio no Brasil — Conhecem-se ocorrências de minerais de urânio no Brasil, em diversos Estados, tais como:

- 1) Policrasita e enxênita, em Pomba, Minas Geras.
- 2) Samarskita, em Divino de Ubá e em Antônio Prado, Minas Gerais.
- 3) Uranita, em Picuí (Paraíba) e Parelhas (Rio Grande do Norte).

Existem, ainda, notícias de ocorrências em outros Estados mas com menores aparências de importância.

Não há ainda estudos de natureza econômica das ocorrências brasileiras, devido à pequena procura nos mercados mundiais por minérios de urânio; as investigações feitas tiveram mais um caráter de ciência pura e foram conduzidas pelo antigo Serviço Geológico e pelo Museu Nacional através de Al-

berto Betim Paes Leme, Theofilus Lee, Djalma Guimarães, Andrade Júnior, Euzébio de Oliveira, Alexandre Giroto e outros. Recentemente a Divisão do Fomento da Produção Mineral efetuou interessante estudos que serão certamente retomados sobre os minérios uraníferos do Nordeste e em 1935 fez publicar um estudo de conjunto sobre o assunto que constituem o boletim 11 daquela Divisão “Tântalo, nióbio, urânio e rádio no Brasil” pelo Engenheiro Othon Henry Leodos. O Laboratório da Produção Mineral efetuou diversas análises de minerais uraníferos brasileiros, e alguns dos teores em urânio são os seguintes:

	De Urânio
Samarskita de Ubá — Minas	10,20 %
Samarskita de Ubá — Minas	12,62 %
Samarskita de Ubá — Minas	15,98 %
Fergusonita de Sabinópolis—Minas	7,79 %
Eschwegeita de S. J. da Lagôa — Minas	1,72 %
Anerodita — Espírito Santo	16,80 %
Policrasita de Pomba — Minas	4,36 %

POMADA SECATIVA DE
S. LAZARO

100% mais eficaz no tratamento da pele. Feridas, manchas espinhas, cravos, etc.



NAS BÔAS FARMACIAS E DROGARIAS

BASTA de TOSSIR!



BENZOMEL GRANADO

NAS TOSSES REBELDES E NAS BRONQUITES. É INEGUALÁVEL



Blomstrandita de Pomba — Minas 4,50 %
 Pechblenda de Parelhas — Rio G.
 do Norte 60,00 %

Considerações finais — De acôrdo com as notícias, enviadas dos Estados Unidos parece que a bomba atômica utiliza a enorme energia libertada na desintegração provocada pela fusão dos átomos de um isótopo de urânio, o chamado U 235 e que existe no urânio comum em diminuta proporção.

Nada se sabe ainda dos processos industriais de isolamento do urânio e seu isótopo, nem da quantidade de urânio 235 colocada numa bomba atômica; é impossível prever, pois, as necessidades mundiais imediatas e futuras em urânio para fins militares ou para as possíveis, mas remotas, aplicações industriais da desintegração atômica. E' assim difícil dizer se o Brasil poderá fornecer minerais de urânio nas quantidades comerciais exigidas pelas condições futuras, mas tudo leva a crer que uma pesquisa sistemática conduzirá à descoberta de jazidas uraníferas em nosso território e que se houver uma "corrida pelo urânio" conseguiremos, talvez, uma autosuficiência.

E' profundamente ilustrativo que as jazidas de tantalita e schelita do Nordeste, praticamente desconhecidas 5 anos atrás são hoje consideradas como das mais importantes no mundo.

O Departamento Nacional da Produção Mineral, através dos seus Distritos de Campina Grande e Belo Horizonte, intensificará tais estudos, assim como o Govêrno determinar, apesar do insuficiente número de técnicos com que conta.

E uma reflexão a fazer e lição a se tirar de tudo isso é dos efeitos imprevisíveis da pesquisa pura; o que se sabe dos minerais uraníferos no Brasil se deve à curiosidade científica, sem fins práticos imediatos, de geólogos, petrógrafos e mineralogistas brasileiros interessados nos minerais raros do seu país. O triunfo da bomba atômica tem sua raiz na observação feita 50 anos atrás, em França, de que um mineral de urânio velava uma chapa fotográfica; a investigação desse fato acidental foi o élo inicial da descoberta da radioatividade, a qual culminou na obtenção da desintegração do átomo.

A vitória espetacular obtida sobre o Japão realça a importância sem par da Ciência; esperemos que ela ajude a criar no Brasil a consciência de que devemos preparar um maior número de técnicos e de homens de

ciência e intensificar o estudo de nossos recursos, para dar ao brasileiro, pelo domínio sobre a natureza, o conforto e a alegria de viver a que tem direito".

DESENVOLVIMENTO DA PECUÁRIA GAÚCHA

As exposições rurais, de acôrdo com as suas finalidades, representam uma das iniciativas mais proveitosas para a demonstração prática das nossas possibilidades no campo das atividades agro-pecuárias.

Um interessante exemplo sobre a importância econômica e educativa dessas mostras acaba de ser divulgada pela Secretaria da Agricultura do Estado do Rio G. do Sul, onde essas exposições muito contribuem para a ampliação e melhoria dos rebanhos locais e proporcionam ainda momentos dos mais festivos para as populações do interior.

Informa aquela Secretaria, de acôrdo com dados recebidos pelo Ministerio da Agricultura, que as exposições de gado realizadas no Rio Grande do Sul resultaram na venda de 10.816 reprodutores, 21.309 ovinos, 1.119 equinos, 1.124 aves e 128 suínos. Baseado nesse movimento o valor total das vendas efetuadas, no referido período, atingiu importância superior a 32 milhões de cruzeiros. E' interessante notar que, em 1941, a venda de animais nas exposições rendeu 4.893.950 cruzeiros, crescendo daí para diante para alcançar, em 1945, a importância de 13.190.502 cruzeiros.

NAVIOS PARA A AMÉRICA LATINA

A industria inglesa de construções navais continua a não ter mãos a medir no tocante a satisfazer aos pedidos ultramarinos, para embarcações de todos os tipos e tonelagens, que chegam continuamente de ultramar. Mais quatro encomendas vindas da Noruega e endereçadas a estaleiros do Reino Unido foram anunciadas há poucos dias atrás. As encomendas dizem respeito a navios do tipo de convés coberto e capazes de transportar aproximadamente três mil toneladas de carga. Esses dois barcos serão construídos num dos mais importantes estaleiros do Teeside, Inglaterra.

Um outro pedido de ultramar origina-se da Nova Zelandia e se refere a dois cargueiros a motor com o deslocamento de 2.000 a



**CABELLOS
BRANCOS
QUÉDA
DOS
CABELLOS**

**JUVENTUDE
ALEXANDRE**



**AGUA PURA
SAUDE SEGURA**
SO' COM VELAS
ESTERILISANTES

SENUN

CREME DE TOILETTE
RAINHA DA HUNGRIA
 De Mme. Campos
 BRANQUEIA E AVELUDA A PELE
 Á VENDA EM TODA A PARTE

**Galeria
Santo Antonio**
 Rua da Quitanda, 25
 ESPECIALISTA EM RESTAURAÇÕES DE QUADROS A ÓLEO

**Caspa ?
Petroleo
Soberana**



O GUIA PARA AS FUTURAS MÃES SÃ MATERNIDADE

3.^a EDIÇÃO

Um livro útil, mesmo necessário a tôdas as senhoras que vão ser mães

PREÇO CR \$ 15,00 Obra do notavel ginecologista Dr. Arnaldo de Moraes, professor da Universidade do Brasil

Pedidos com as importâncias ou pelo serviço de Reembolso Postal, à S. A. "O Malho"—C. Postal, 880

RIO DE JANEIRO



Sua apólice de seguro na Sul America foi o seu ponto de apoio.

Nilo Peçanha foi um grande estadista. E seu testamento conta um episódio edificante

de sua carreira. A casa que possuía em Niterói fôra mandada construir por subscrição do povo fluminense. Mas a quantia arrecadada não fôra suficiente. E Nilo Peçanha, que não era rico, enfrenta o compromisso utilizando o produto da liquidação de seu seguro na Sul America. Essa é uma das vantagens do seguro de vida. Mas a principal é, sem dúvida, a proteção contra qualquer imprevisto e corresponde a um dever real de

todo chefe de família. Essa garantia a Sul America lhe proporciona. Há 50 anos oferece e garante Proteção à Família Brasileira, tendo sido Nilo Peçanha um dos seus primeiros segurados. Essa proteção está ao alcance de seu lar. Procure um agente da Sul America. Ele lhe mostrará sem compromisso qual o plano de seguro mais adequado a seu caso. Ouça essa voz amiga e tome a sua decisão enquanto é tempo.

Sul America

COMPANHIA NACIONAL DE SEGUROS DE VIDA
Fundada em 1895



À SUL AMERICA
CAIXA POSTAL 971 - RIO DE JANEIRO
Queira enviar-me um folheto com informações sobre o seguro.

Nome
Data do nasc.: dia .. mês .. ano.....
Solteiro? Casado? Tem filhos?.....
Rua
Cidade Estado

3.000 toneladas, cada um. A America Latina figura igualmente na lista mais recente de encomendas por intermédio da Argentina que solicitou a um estaleiro britânico a construção de cinco navios.

PREÇOS-TETO DO CAFÉ

O café continua a representar a espinha dorsal de nossa economia. Nestas condições, todo o movimento que se processe em tor-

no de seus preços, não pode deixar de interessar vivamente ao nosso país. Como sabemos, a América do Norte, de há muito, congelou os preços, cujo liquido, hoje, está abaixo do custo nos países produtores. Reconhecendo isto, foi criada uma bonificação de 3 cents. ao importador americano, bonificação provisória que deverá terminar em 30 de junho. Por outro lado, o governo brasileiro igualmente distribuiu bonus ao exportador nacional. Agora, porém, essas medidas de emergência não atingem mais suas finalidades e não

**CANETAS-TINTEIRO
PRESENTES FINOS**

CASA STEPHEN

GALERIA CRUZEIRO
RUA S. JOSÉ, 117
RIO DE JANEIRO

têm razão de ser. A Europa procura comprar café com toda a força econômica que lhe resta. O consumo norte-americano, segundo as ultimas informações atinge vinte milhões de sacas, o que somado ao europeu vai perfazer 32 milhões, o que representa mais do que a produção media dos ultimos anos.

Existe presentemente um movimento enérgico a favor do aumento dos preços nos Estados Unidos. Ao que parece, desta vez, o governo, a exemplo do que tem feito com outros artigos, cederá a pressão dos proprios importadores e torradores, os quais estão na iminencia de ficarem sem estoques para trabalhar.

Nada mais justo, uma vez que os países produtores, com os preços atuais, não poderão melhorar nem aumentar as plantações, pois, conforme está sobejamente provado, os preços do custo, atualmente, estão acima do liquido recebido.

O governo brasileiro não está e não pode ficar alheio a esse movimento. O representante, sr. Eurico Penteado, tem se desdobrado em atividade, e, acreditamos, desta vez, que os seus esforços serão coroados de êxito.

SUBSTITUIÇÃO DE OBRIGAÇÕES DE GUERRA

O Diretor da Caixa de Amortização baixou instruções para processamento, nos Estados, de substituição de Obrigações de Guerra, de valor nominal inferior a Cr\$ 1.000,00, por títulos da mesma espécie, dos valores de Cr\$ 1.000,00 e Cr\$ 5.000,00. O portador de Obrigações que pretender substitui-las, requererá à Caixa de Amortização a substituição, juntando demonstrativo das mesmas, com indicação dos valores, quantidade, numeração em ordem urgente e cupões apensos. O requerimento será apresentado à Delegacia Fiscal e, por esta, encaminhado à Caixa de Amortização, devidamente informado. Acompanharão o requerimento as Obrigações a substituir das quais os portadores retirarão os cupões vencidos. As Delegacias Fiscais, depois de conferirem as Obrigações darão recibo aos portadores e procederão à remessa das mesmas, juntamente com o processo, à Caixa de Amortização, para decisão. Autorizada a substituição, a Caixa expedirá as autorizações necessárias às repartições de origem, para que estas entreguem aos interessados as Obrigações de Guerra substitutivas, por conta dos saldos de suprimentos de que dispuzeram.

MÁSCARA DE LAMA
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
Limpa os póros — Modela o rosto
À VENDA EM TODA A PARTE

MOLESTIAS DAS CRIANÇAS

DR. FRIDEL

(CHEFE DA CLINICA)
DR. WITROCK)

Tratamento dos vômitos, diarréia, anemia, fastio, tuberculose sífilis e moléstias da pele.
RAIOS ULTRA - VIOLETA
Rua Miguel Couto, 5 — Tel. 22-0713
Residencia: Tel. 25-6692



Album para NOIVAS

ALBUM N.º 3

ESTE novo álbum, em suas 44 páginas apresenta, em desenhos originalíssimos, tôdas as peças para a confecção de deslumbrante enxoval para noiva.

Desde a menor guarnição ou detalhe de ligérie, até nos belíssimos lençóis, colchas, toalhas de chá, nada foi esquecido. Tudo apresentado com explicações para a execução.

Desenhos que encantam a mais exigente das noivas.

Cr \$ 12,00

ROUPINHAS DO NÊNÊ

ALBUM N.º 2



COM este Album, podem ser feitos "cinco completos Enxovais" para recém-nascido.

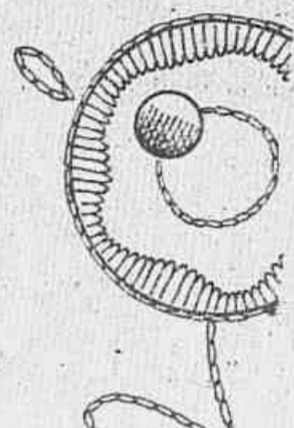
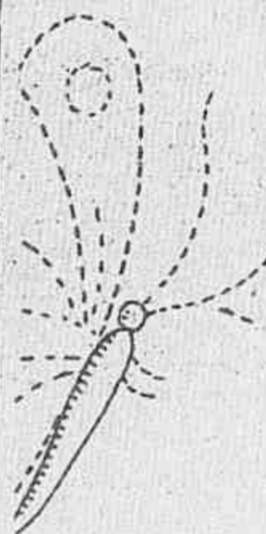
O bom gosto nos detalhes, a finura dos desenhos e as amplas explicações para a execução, fazem do "Roupinhas do Nêê", verdadeiro manual artístico para confecção de enxovais para bebês.

Cr \$ 12,00

BORDADOS INFANTIS

Um álbum muito colorido, apresentando trabalhos simples, com que as meninas proveitosamente, podem desenvolver os seus conhecimentos de trabalhos manuais.

Desenhos bonitos de fácil execução.



Cr \$ 10,00

FIGURINO INFANTIL

Album n. 5



NEM só as costureiras terão neste álbum os melhores modelos de vestidos e roupinhas para crianças. Tôdas as senhoras que costumam para os seus filhinhos, mesmo sem grandes conhecimentos de costura, poderão executar os modelos que publica em suas 40 páginas, todos graciosos e práticos.

Explicações detalhadas dos modelos, para a sua confecção.

Cr \$ 15,00

MONOGRAMAS ARTISTICOS



Monogramas para todos os fins, nos estilos mais preferidos, e letras para fazer as mais caprichosas combinações.

O maior e mais completo album de monogramas que já se publicou, e o mais perfeito em gosto e variedades.

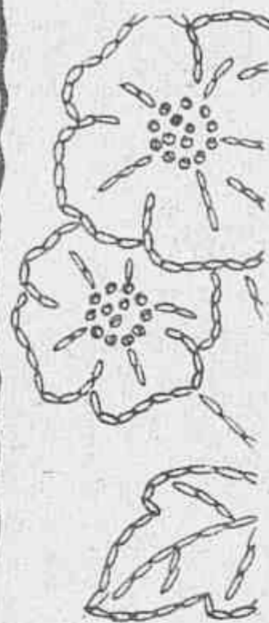
Uma preciosa coleção que, durante anos, será sempre nova.

Album em grande formato, com 44 páginas, capa lindamente colorida.

Cr \$ 15,00

Motivos para Bordar

ALBUM N.º 2



UM bonito album lindamente colorido, que reúne delicada variedade de desenhos para bordar pequenas peças.

Enfeites, monogramas, figuras, bichinhos, etc., tudo do melhor gosto, úteis para qualquer coisa e em qualquer ocasião.

Um album ao qual as senhoras recorrerão para pequenos trabalhos, e onde sempre encontrarão motivos do seu agrado.

CR\$ 12,00

TODOS

estes albuns são editados pela Biblioteca de "Arte de Bordar". Faça seu pedido acompanhado da respectiva importancia. Aceitamos encomendas pelo serviço de reembolso postal. — Pedidos á S. A. MALHO — Rua Senador Dantas, 15-5.º and. Caixa Postal, 880 — Rio — Á venda nas livrarias.



ARTE DE BORDAR

REVISTA MENSAL

RISCOS PARA BORDAR

Páginas de grande formato e um grande suplemento solto, apresentando trabalhos na medida da execução.

EM TODOS OS NUMEROS, APRESENTA:

Desenhos para lençóis - Fronhas - Côlchas - Toalhas de mesa e de chá, guardanapos - panos de cozinha - e motivos para tudo quanto se refira ao enfeite da casa.

Lingerie - enxovais para noivas e bebês - guarnições para vestidinhos de crianças - figurinos para meninas e meninos - motivos em ponto de cruz, os mais variados - trabalhos em crochê - filé - tricô - etc.

TUDO

quanto possa interessar à casa, em trabalhos, é apresentado mensalmente por

ARTE DE BORDAR

a revista mais completa em seu genero, com a qual as senhoras que gostam de bordar ocuparão suas horas de lazer.

P R E Ç O CR\$. 5,00
em toda a parte

Pedidos pelo reembolso à S. A. "O MALHO"
R. Senador Dantas, 15-5°.- RIO